

ARIEL ELIAS DO NASCIMENTO

**A COMUNIDADE JUDAICA DE CAMPINAS – FRANCESES, RUSSOS E
POLONESES (1870 – 1930)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
UNICAMP, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Cristina Meneguello.

Esse exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 04/03/2002.

Banca Examinadora


Prof.^a Dr.^a Cristina Meneguello (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Stella Martins Bresciani

Prof.^a Dr.^a Beatriz Kushnir

Prof. Dr. Roney Cytrynowicz (Suplente)

MARÇO / 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
 Nº CHAMADA UNICAMP
N17c
 V _____ EX _____
 TOMBO BCI 49006
 PROC. 16-837/02
 C _____ D X
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA 16/05/02
 Nº CPD _____

CM00167336-B

BIB ID 240116

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

N17c Nascimento, Ariel Elias do
 A comunidade judaica de Campinas – franceses, russos e
 poloneses (1870-1930) / Ariel Elias do Nascimento - Campinas,
 SP : [s.n.], 2002.

Orientador: Cristina Meneguello.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
 Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Judeus. 2. Judeus - Campinas. 3. Campinas – Séc. XIX-
 XX. I. Meneguello, Cristina. II. Universidade Estadual de
 Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ARIEL ELIAS DO NASCIMENTO

A COMUNIDADE JUDAICA DE CAMPINAS – FRANCESES, RUSSOS E
POLONESES (1870 – 1930)

MARÇO / 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

2002-21103

RESUMO

O presente estudo analisa o diálogo existente entre os imigrantes judeus que residiam em Campinas entre 1870 e 1930, e a própria cidade que os acolheu. Da coletividade residente na cidade ainda ano século XIX, pouco restou. Baseado no tripé cidade-comércio-sociedade, este texto trabalha a comunidade judaica do século XX, a qual se une sob um único projeto: sua organização em torno de uma instituição que preservasse seus espaços de memória e tradição, sem interferência da sociedade local.

ABSTRACT

The preset study analyses the dialogue between jewishes settled at Campinas between 1870 and 1930 and the local people. Almost nothing remains from the collectivity stablished there in 19^o Century. Based on the tripod city-commerce-society, this text focuses the jewish community in 20^o Century, linked under a single aim: its own organization around an institution able to preserve theirs memories and traditions, free from any local society interference.

Dedico este trabalho ao
Professor José Roberto do Amaral Lapa
In memoriam

AGRADECIMENTOS

A quem primeiro teria de agradecer é à Prof^a. Dr.^a Lília Inez Zanotti de Medrano, da PUC-Campinas, pois ela foi quem primeiro me indicou a presença dos imigrantes judeus na cidade e a possibilidade de estudá-los.

Agradeço também à orientação recebida da Prof^a. Dr.^a Cristina Meneguello, bem como às Prof^{as}. Maria Stella Martins Brescianni e Beatriz Kushnir, pois foi o frutífero diálogo travado na Qualificação que possibilitou importantes avanços nas idéias aqui expostas. Agradeço ainda ao professor José Roberto do Amaral Lapa, que me mostrou que mesmo dos cantos e antros da cidade, podemos extrair memórias e relíquias de um passado não muito distante. A ele dedico este trabalho.

É bom lembrar que esta pesquisa foi subsidiada pela CAPES, órgão fomentador da bolsa de Mestrado, e pelo FAEP, órgão que possibilitou uma melhor editoração das imagens e uma revisão do texto final.

Agradeço também ao apoio e constante incentivo de minha família, à Lisete, uma autêntica mãe judia, ao Jairo e Aline, pai e irmã que sempre torceram para que a pesquisa rendesse bons frutos.

Não poderia deixar de agradecer à minha esposa, Juliana, que me estimulou nos momentos difíceis da pesquisa: a análise dos documentos e a produção do texto. É preciso também não esquecer de sua família: Luiz, Joênia e Gabriela ... A eles agradeço imensamente.

Muitas são as pessoas a quem teria de agradecer, uma vez que esta pesquisa foi fruto de uma análise do passado de outros. Por conseguinte, e para não esquecer algum nome, agradeço desde já às famílias que me ajudaram, de inúmeras maneiras, a saber, a viver e a conhecer o lar judaico: família Liberman, família Bronberg, família Steinberg, família Churguim, família Strachman, família Medaljon e família Segal.

Agradeço aos Diretores e Secretários da Sociedade Israelita-Brasileira "Beth Jacob", que me deram oportunidade e liberdade para conhecer os arquivos e a Biblioteca da instituição.

Ao Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, em São Paulo, e ao Centro de Memória da UNICAMP, importantes instituições de pesquisa, também agradeço pelo apoio e boa acolhida.

Por fim, agradeço aos amigos que, não menos importantes, colaboraram com seu incentivo para a concretização desta pesquisa. Assim, à Vanessa, ao Maurício, à Renata, ao Ubirajara, ao Flávio e à Geisa, agradeço.

Shabat Shalom.

ÍNDICE

INTRÓITO	01
CAPÍTULO I – O Processo Imigratório: Causas & Efeitos	07
CAPÍTULO II – Campinas: A Cidade & Os Judeus	39
CAPÍTULO III – Uma Cidade de Judeus Dentro de Campinas	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
BIBLIOGRAFIA	131
ANEXOS	147
ANEXO I – Nomes dos Judeus em Campinas (1870 – 1930)	149
ANEXO II – Ata de Fundação do Centro Israelita “Beth Jacob” Estatutos do Centro Israelita “Beth Jacob”	157
ANEXO III – Pratos da Dieta Alimentar Judaica	175
ANEXO IV – Imagens	181

INTRÓITO

“A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de *projetos* que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações.

Por outro lado, o *projeto* existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Mas, sobretudo, o *projeto* é um instrumento básico de *negociação da realidade* com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações *para o mundo*”¹.

A noção de projeto, definida acima por Gilberto Velho, pode ser aplicada para o caso específico da coletividade judaica campineira, a qual, segundo nossas observações, acumularam uma experiência, que proporcionou um diálogo importante para com a cidade de Campinas. Enquanto este diálogo, com a sociedade local, baseava-se nas amizades que se solidificavam pelo comércio, em relação ao seu próprio grupo, estes viviam numa comunidade coesa, ligada às tradições familiares, religiosas e alimentares

Esta experiência vivida e acumulada pelos judeus em Campinas, juntamente com a memória trazida por eles, constitui um processo de formação da identidade judaica campineira baseado no constante convívio com os moradores da cidade, sejam eles nacionais ou estrangeiros. Convivendo num ambiente múltiplo de línguas e culturas, a coletividade judaica estabelece seus limites na mesma área na qual se localiza seu espaço privado, ampliando as formas de relacionamento entre a família, o grupo e a

¹ VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, pp. 103.

sociedade que a cerca; assim, nesta área em comum entre as culturas ali presentes, a manutenção e preservação dos costumes, da língua e da religião são conseguidas e mantidas através da criação de um espaço próprio, longe da multiplicidade social; este lugar, que concretiza o sonho de uma coletividade judaica unida, é também responsável pela formação de judeus mais liberais e, conseqüentemente, melhor aceitos na sociedade adotiva.

Contudo, para compor toda esta luta de preservação de cultura, foi necessário resgatar os primórdios da imigração judaica para a cidade, de forma a percebermos as diferenças existentes entre os judeus das diversas origens e culturas que nela se instalaram. Ou seja, propomos analisar o diálogo existente entre a cidade de Campinas e as imigrações judaicas de franceses, russos e poloneses, que se dirigiram para esta cidade do interior do Estado de São Paulo.

Basicamente, dois são os motivos que proporcionaram a permanência dos judeus em Campinas. Para a coletividade francesa, o que importava era ampliar seus negócios no interior de São Paulo através de um entreposto comercial próspero e que apresentasse vantagens comerciais. Para russos e poloneses, a permanência é garantida pela existência da estrada de ferro que possibilita a interligação com outras cidades, garantindo a ampliação do comércio realizado pelos então caixeiros viajantes.

Parafraseando Goffman, a cidade é o palco onde os atores transitam, exercendo, cada um, o seu papel neste cotidiano plural.

A construção de uma identidade própria é o objetivo central dos judeus em Campinas. Uma identidade que ao mesmo tempo significasse a realização de seus sonhos, uma vitória contra uma completa assimilação e que preservasse os aspectos mais

importantes e fundamentais de sua cultura; o projeto pensado e construído resultou na formação do Centro Israelita “Beth Jacob”, que conseguiu reunir os judeus das diversas nacionalidades – notadamente russos e poloneses –, consolidando um conceito de coletividade. Assim, o Centro Israelita “Beth Jacob” canaliza os mecanismos de vivência e experiência para uma concepção do grupo, não do indivíduo, resultando na realização esperada pela coletividade, para ela própria e para cada um de seus integrantes.

A cidade compreende um espaço geográfico que absorve, pelos seus poros, a diversidade cultural existente no período, destinando-se um papel de mediadora no que tange à movimentação pessoal e à assimilação cultural.

As imigrações para a cidade de Campinas mudam todo o cenário existente na urbe. Os imigrantes que enfrentam o seu cotidiano trazem novas cores, novos ares, novas línguas, roupas, costumes. Aqueles que aqui procuraram refúgio dos problemas enfrentados na Europa, instigam a população cidadina, na vivência diária, a adaptar-se a novos padrões trazidos de outras terras. Também os judeus participaram deste processo ao se fixarem nas ruas e quadras da cidade.

A imigração judaica em Campinas possui diferenciadas fases, com suas características próprias, as quais foram compondo, cada qual em sua época, ritmos outros para os moradores da cidade; dialogando com os “da terra”, os judeus que aqui decidiram fixar morada, consolidaram laços de amizade, de trabalho, de comércio, de forma a ampliar os contatos e a assegurar uma vida harmoniosa na cidade que os “adotou”.

A cidade, como espaço que em si, é social, proporciona um constante diálogo entre as diferenciadas culturas que nela vivem, estabelecendo direta e indiretamente,

uma troca cultural que colabora para com uma vivência singular no ambiente urbano. No caso em questão, a presença judaica, que é percebida através das casas comerciais existentes desde 1850, juntamente com outros imigrantes das mais diversas origens, configuraram uma mistura das diferentes sociedades ali instaladas, perfazendo um universo multifacetado e polifônico.

Neste sentido, o primeiro capítulo apresenta o percurso trilhado pelos judeus, um caminho com destino muito incerto, no qual a única certeza era o desejo de sair do “olho do furacão” europeu. Aos que sobrevivem da viagem, a custo de recursos próprios ou subsidiados por organizações judaicas, a memória é a única bagagem que lhes resta como possibilidade de retornar à vivência de outrora. Uma bagagem leve mas carregada de simbolismos, sons, cheiros, aromas, gostos, saudades ... são estes os ícones que irão impulsionar a coletividade judaica a se unir, ora com maior intensidade, ora com menor preocupação, para formar, através de um projeto de vida unificado, uma comunidade coesa, ligada às tradições familiares, religiosas, alimentares.

Contudo, de nada serve toda esta experiência vivida e sentida se não for aproveitada em algum lugar. Assim, a cidade, como espaço social, cultural, religioso, político, econômico, assegura o constante diálogo da coletividade judaica no interior de seus limites; é disto que trataremos no segundo capítulo: da cidade como mediadora e palco para a atuação desta classe de atores que é a coletividade judaica, percebida através de suas casas comerciais e residenciais na área urbana.

Por fim, resta-nos tratar da construção da tradição judaica campineira, a qual está influenciada e quase que determinada pelo processo de formação do Centro Israelita e sua política para com seus correligionários. O caminho percorrido pela questão da

assimilação, no seio da sociedade que adota estes imigrantes judeus, sejam eles franceses, russos ou poloneses, é também fator importante na construção desta tradição.

Este caminho conduz ao questionamento da formação de uma identidade sobre a qual se impõe uma pergunta: depois de longos anos de residência na área urbana, a cultura judaica foi ou não absorvida pela cidade adotiva?

Assim, o ponto central que se discute versa sobre a presença judaica na cidade e os fatores que consolidaram sua permanência e o estudo da questão da assimilação como ponto de encontro de diferentes identidades numa cidade que também busca estabelecer sua própria face.

A assimilação pode ser analisada em etapas que correspondem às diversas gerações das famílias que se estabeleceram na cidade. Quanto à primeira geração, ou os imigrantes propriamente ditos que entram e estabelecem residência na cidade, estes possuem um objetivo claro, qual seja o de preservar ao máximo a cultura, a língua, as tradições de seus países de origem. Toda esta memória é mantida e assegurada, mesmo em face do contato estabelecido com a sociedade campineira, uma vez que este se vinculava muito mais aos aspectos comerciais, embora gerasse amizades que garantiam o surgimento de vínculos de permanência na cidade. Isto sem levar em consideração a constante chegada de outras famílias, o que sempre trazia um motivo maior para permanecer em sua judaidade.

Por sua vez, a segunda geração, ou os filhos dos imigrantes, já está por demais ligada à sociedade campineira, dependendo de muitas de suas instituições como as escolas, clubes, teatros, etc. Assim, sua judaidade está restrita a seus próprios espaços: a casa e o Centro Israelita.

Toda esta questão da assimilação tem como projeto preservar o judaísmo campineiro, não obstante o contato mais direto com os moradores da cidade, uma vez que as bases de sua formação estavam voltadas para sua própria cultura que, além do Centro Israelita, se mantinha viva na memória, na culinária, na educação e no aprendizado da língua iídiche, elementos que garantem a manutenção das tradições cujas origens estavam na Europa.

CAPÍTULO I

O PROCESSO IMIGRATÓRIO: CAUSAS & EFEITOS

DA VIAGEM: MOTIVOS OU A SAGA DAS IMIGRAÇÕES JUDAICAS

Dentre os vários momentos de imigração judaica para o Brasil, três nos chamam a atenção, pois estão relacionados com a composição judaica de Campinas. E estes três momentos distintos apresentam-nos formas específicas de composição da identidade judaica, ou seja, o desenvolvimento dos valores judaicos que formam o caráter da coletividade, valores estes que são determinados pela sociedade, a qual depende dos fatores históricos para influenciar nos diálogos estabelecidos entre os judeus e a sociedade em geral. Tucci Carneiro esclarece-nos estes momentos:

“3) segunda metade do século XIX:

a) judeus franceses: provenientes da Alsácia-Lorena e que se localizaram principalmente no Estado de São Paulo;

4) fins do século XIX: judeus provenientes da Grécia, Turquia, Líbano, Palestina, Rússia, Polónia, Lituânia, Ucrânia, Galízia, Romênia e outros países da Europa ocidental, pressionados pelos pogroms que se iniciaram no sul da Rússia (1881);

5) século XX:

a) após a Primeira Guerra Mundial: provenientes da Europa Centro-oriental tumultuada pelas hostilidades e o recrudescimento do anti-semitismo”¹.

As imigrações judaicas para Campinas são percebidas historicamente através destes três fatores-chave que as compõem: num bloco encontra-se a queda da República

¹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, pp. 486.

Francesa ocorrida em 1852 e, em seguida, a Guerra Franco-Prussiana, como fomentadores da diáspora; a ortodoxia religiosa russa promovendo os *pogroms*; e a independência nacional polonesa. Esta tríade representa o turbilhão que convulsiona, sobremaneira, a formação do indivíduo como participante de uma sociedade, uma vez que ideologias eclodem destes movimentos, fortalecendo a presença judaica no ambiente público. As conseqüências desta tríade determinam o modo de pensar e agir dentro da coletividade campineira, conduzindo a realidade vivida através dos embasamentos ideológicos que vivenciaram antes da imigração.

Dois motivos provocaram uma abrupta saída de judeus franceses, no período que compreende os anos de 1850 a 1870. O primeiro nos remete aos seguintes acontecimentos na França: após a Revolução Francesa e a proclamação dos *Direitos do Homem e do Cidadão*, no ano de 1806, Napoleão convoca um conselho de líderes judeus na França como parte do processo de emancipação judaica; este conselho recebe o nome de Assembléia dos Judeus Notáveis² que, entre outras, tinha as seguintes questões a responder, no intuito de assegurar sua liberdade: a questão relativa aos casamentos mistos; se os franceses eram vistos como irmãos; se a França era encarada, pelos judeus, como sua pátria e a relação dos judeus quanto à usura. Esta Assembléia respondeu a tais questionamentos de forma a não se indispor contra a atitude positiva de Napoleão³.

Contudo, esta assegurada paz existente na França entre os judeus ali residentes e o governo francês, chega a seu fim quando a República Francesa, em 1848, é tomada de

² A Assembléia dos Judeus Notáveis era composta de 111 participantes, os quais incluíam judeus ortodoxos e não-ortodoxos.

³ UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 34.

assalto pelas forças de Napoleão III que se proclama imperador. Victor Hugo retrata, de forma mordaz, o que resultou da dissolução desta República com a tomada do poder por Napoleão III, por ele chamado de “O Pequeno”:

“Jesuitismo e caporalismo, nisso consiste todo esse regime. Todo o expediente político do senhor Bonaparte se compõe de duas hipocrisias, hipocrisia soldadesca voltada para o exército, hipocrisia católica voltada para o clero. Quando não é Fracasse [soldado fanfarrão], é Basile [clérigo intrigante]. Algumas vezes, são os dois juntos. Dessa maneira ele consegue contar ao mesmo tempo Montalembert que não crê na França, e Saint-Arnaud que não crê em Deus.

O ditador cheira a incenso? Cheira a tabaco? Procurai. Cheira a tabaco e incenso. Oh, França! Que governo! As esporas passam sob a sotaina. O golpe de estado vai à missa, espanca os paisanos, lê seu breviário, frequenta prostitutas, reza seu rosário, se embriaga e pratica o jejum”⁴.

Egon e Frieda Wolff escrevem sobre os judeus franceses e a cidade de Campinas:

“Esta cidade foi um ponto predileto dos judeus franceses, datando as primeiras notícias da década de 1850”, quando “Rafael Levy, francês, chegou de Havre em 1854, em companhia dos correligionários Daniel Haas e Samuel Aaron”⁵.

O segundo motivo, ainda em relação à imigração de judeus franceses, diz respeito à formação nacional da Prússia, comandada por Bismark. Conforme escreve Burns:

“Os vinte anos que mediaram entre 1850 e 1870 assinalaram um intenso período de formação nacional no mundo ocidental. Dentre os grandes arquitetos de nações, nenhum sobrepujou o homem que colocou a Alemanha sob o domínio da Prússia, Otto von Bismark. (...) Durante o período revolucionário de 1848 e 1849, servia no parlamento prussiano como defensor da monarquia. Na verdade, Bismark não era nem liberal nem nacionalista; era um prussiano.

⁴ HUGO, Victor. *Napoleão, O Pequeno*. São Paulo: Editora Ensaio, 1996, pp. 57-58.

⁵ WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *Judeus no Brasil Imperial: uma pesquisa nos documentos e no noticiário carioca da época*. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos, 1975, pp. 470.

Ao instituir reformas internas, não o fez para favorecer os ‘direitos’ desse ou daquele grupo, mas por julgar que suas políticas teriam como resultado uma Prússia mais unida, e por isso mais poderosa. Ao manobrar no sentido de pôr outros estados alemães sob o domínio da Prússia, não o fez em obediência a algum grandioso plano pan-germânico, mas por acreditar que alguma espécie de união era inevitável e, nesse caso, deveria ocorrer segundo a vontade da Prússia”⁶.

Nesta política de formação de seu estado nacional, a Prússia, liderada por Bismark, invade e domina as regiões francesas da Alsácia e da Lorena, limítrofes ao país, anexando-as ao território prussiano.

“O passo final de Bismark para consumir a unificação da Alemanha foi a Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871. Esperava ele que um conflito com a França ativasse o espírito de nacionalismo alemão na Baviera, em Württemberg e outros estados do sul, ainda fora da confederação. (...) A guerra foi rápida. As tropas francesas não estavam à altura das forças prussianas, profissionais e soberbamente equipadas. (...) A guerra começou em julho; e terminou em setembro, com a derrota dos franceses e a captura do próprio Napoleão III em Sedan, na França”⁷.

A derrota francesa trouxe suas conseqüências. Num tratado entre França e Alemanha, elaborado e assinado em maio de 1871 em Frankfurt, a França, além de ceder “ao novo império a região fronteira da Alsácia”, teve que “pagar uma indenização de cinco bilhões de francos”⁸. Esta derrota não significou apenas a perda de seu território; para os judeus que residiam na região da Alsácia e Lorena significava o ingresso no exército alemão e, como explica Boris Fausto, “prestar o serviço militar constituía uma obrigação que, mais do que qualquer outra, simbolizava a integração de um membro de

⁶ BURNS, Edward McNall (org.). *História da Civilização Ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. Vol. 2. 29ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989, pp. 588.

⁷ *Ibidem*, pp. 590-591.

⁸ *Ibidem*, pp. 591.

uma comunidade autônoma em um Estado nacional”⁹, ou seja, num movimento de preservação da identidade judaica, judeus alsacianos abandonam suas terras.

Segundo nos informa Moysés Eizirik: “no fim do ano passado [1985] telefonou-me o Sr. André Levy, com 77 anos de idade e falou a respeito dos alsacianos, nos seguintes termos: ‘em 1870 houve a guerra franco prussiana, na qual, face à derrota da França, os alemães ocuparam a Alsácia e Lorena. Como os judeus franceses não queriam prestar serviço militar no exército alemão, um grande número de alsacianos saiu da França e a maior parte veio para São Paulo, inclusive meu avô, cujo sobrenome era Netter”¹⁰.

O mesmo podemos verificar num artigo publicado na revista Shalom a respeito das comunidades judaicas existentes no interior do Estado de São Paulo, especificamente em Campinas, quando “alguns judeus da Alsácia e Lorena já [teriam] se estabelecido em Campinas no século passado [XIX]”¹¹. A guerra foi, então, o estopim para a chegada de 38 judeus alsacianos e suas respectivas famílias na cidade de Campinas (a respeito dos nomes dos imigrantes, conferir Anexo I – Nomes dos Judeus em Campinas – 1870-1930).

O segundo tópico desta tríade é o uso progressivo de *pogroms*, método usado pelos czares para exclusão social dos judeus russos; estes programas conhecidos pelo codnome de “russificação”, mostram “um componente importante do que foi a prática

⁹ FAUSTO, Boris. *Negócios e Ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 35.

¹⁰ EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes Judeus: relatos, crônicas e perfis*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986, pp. 21.

¹¹ PINSKY, Jaime (org.). “No interior de São Paulo: Em Campinas”. In. *Shalom Os Judeus no Brasil*. Ano XIII, n.º 146. São Paulo: Editora Shalom Ltda., julho de 1977, pp. 60.

compulsória da religião ortodoxa russa¹² que entra em vigor em 1881-1882, 1903 e 1905. Tais programas fizeram com que centenas de judeus russos abandonassem suas terras com o único propósito de fugir do terror que estava em estado latente e, a qualquer momento, retornaria para trazer perdas irreparáveis à comunidade judaica russa. Salo Baron explica que:

“(...) a Rússia de Catarina II foi um dos primeiros países a admitir os judeus ao gozo dos direitos políticos, ao permitir-lhes votar nas eleições municipais. Este mesmo regime, porém, lançou as bases para o Distrito de Residência (iniciado em 1791), que engarrafou as crescentes massas judaicas numas poucas províncias ocidentais. A colonização agrícola judaica, abertamente progressista, e patrocinada pelos governos de Alexandre I e Nicolau I, foi rapidamente convertida num instrumento de coerção governamental e de desnacionalização. Foi completamente desacreditada pela expulsão concomitante dos judeus das aldeias, pretensamente para proteger os camponeses explorados.

(...) a crescente *intelligentsia* judaica começou a perceber que a questão judaica não podia ser resolvida sem a derrubada total da ordem estabelecida na Rússia. Especialmente quando a era de Alexandre II já terminara e a emancipação dos camponeses russos em 1861 não fora seguida pela emancipação dos judeus, cada vez mais os jovens judeus começaram a aderir às fileiras dos vários movimentos radicais. Reciprocamente, quanto mais aumentava a participação dos judeus nos movimentos revolucionários, mais repressiva se tornava a atitude do governo sob os dois últimos czares, Alexandre III e Nicolau II. Logo após a subida ao trono de Alexandre III, uma onda de *pogroms* inspirados pelo governo varreu a Rússia, em 1881, e foi seguida pelas extremamente restritivas leis de maio de 1882. Os judeus da Rússia e fora dela – na verdade, todo o mundo exterior – ficaram chocados com o reaparecimento deste método violento de resolver as controvérsias entre judeus e gentios. Tais *pogroms*, além disso, foram repetidos, com o conhecimento prévio do governo, em 1903 e 1905¹³.

¹² LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995, pp. 38-39.

¹³ BARON, Salo Wittmayer. *História e Historiografia do Povo Judeu*. Série História, Coleção Estudos, n.º 23. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, pp. 145-146.

Para reunir os pontos que fomentaram a construção de diferentes origens judaicas na cidade de Campinas, falta esclarecer a independência nacional polonesa, que em muito foi influenciada pela política ortodoxa russa, como explica Salo Baron:

“Na Polônia ocorreu na verdade uma inversão das tendências pró-emancipatórias iniciais. Pouco antes das Partilhas finais da Polônia*, na década de 1790, a memorável Dieta Quadrienal havia adotado uma legislação reformista que, embora não indo tão longe quanto a Assembléia Nacional Francesa, abria novos horizontes de liberdade e cooperação entre judeus e poloneses. Os judeus poloneses, na verdade, lutaram pela independência nacional da Polônia sob Kosciuszko, e novamente durante as revoltas de 1831 e 1863. Depois de 1831, muitos judeus juntaram-se à emigração polonesa, que manteve todas as forças liberais da Europa atentas à luta da Polônia por sua liberdade. Mas, em parte estimuladas pela política czarista de dividir e governar, as relações entre as duas minorias oprimidas deterioraram-se constantemente, até que os nacionalistas poloneses proclamam um boicote universal contra seus vizinhos judeus, pouco antes da Primeira Guerra Mundial. (...) Mas a história das duas décadas seguintes da soberania polonesa está cheia de páginas trágicas, de constantes pressões sociais e governamentais. Mais refinadas e melhor dissimuladas que as medidas tomadas pelo regime czarista, estas providências minaram com não menos eficácia a própria base da subsistência judaica. O judaísmo polonês, nas décadas de 1920 e 1930, vivia no mesmo estado de fuga permanente em que o judaísmo russo vivera antes de 1914, exceto que agora praticamente todas as fronteiras, inclusive as dos Estados Unidos, estavam fechadas para a emigração em massa”¹⁴.

* Sobre as Partilhas escreve Shmuel: “Como consequência das três divisões do reino polonês e do Grão-Ducado de Lituânia, ocorridas entre 1772 e 1795, o Império Russo passou a ter sob sua soberania quase todo o território da Lituânia e do Leste da Polônia. A Áustria tomou o Sul da Polônia, conhecido posteriormente como Galícia. O Império Prussiano anexou zonas da Grande Polônia. Estas fronteiras entre os três países, determinadas pelo Congresso de Viena em 1815, depois da queda de Napoleão, conservaram-se até a Primeira Guerra Mundial”. CYGIELMAN, Shmuel A. “O judaísmo da Europa Oriental”. In. BEM-GAL, Ely (editor geral). *O Povo da Menorááh*. Rio de Janeiro: Exodus, 1996, pp. 62.

¹⁴ BARON, op. cit., pp. 146.

levando-os à manutenção de sua face religiosa e cultural e a lutar pela preservação das tradições familiares. Além do mais, possuíam na própria formação intelectual, a consciência da luta por um Estado judaico, lugar único no qual não sofressem nenhuma segregação social, moral, religiosa ou política, pois que “a emancipação legal dos judeus é a realização maior de nosso século. Mas esta emancipação jurídica não é emancipação social; e mesmo com a proclamação da primeira, os judeus ainda estão longe de se emanciparem dessa exclusão de caráter social”¹⁷ enquanto não tiverem seu próprio Estado. Este Estado já existia na teoria, e seu idealizador foi Theodor Herzl¹⁸. Estas são algumas palavras de seu livro *O Estado Judeu*, escrito em 1896, obra ícone para o sionismo¹⁹:

¹⁷ Assim escreve Leon Pinsker, russo de nascimento e precursor da luta pelo nacionalismo judaico ainda no século XIX. GUINSBURG, Jacob. *O Judeu e a Modernidade*. Coleção Judaica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, pp. 187.

¹⁸ Segundo Guinsburg, “o homem que transformou os velhos sonhos judaicos de redenção messiânica e os novos reclamos de libertação nacional em uma realidade política e organizacional, nasceu a 2 de maio de 1860, filho de um rico negociante [falecendo em 03 de julho de 1904]”. “A principal novidade [do pensamento de Theodor Herzl] residia na convincente dialética com que expunha a gravidade e a urgência do problema, o imperativo das sugestões práticas para a sua solução. Mas precisamente aí, não só no tom como no encadeamento dos argumentos, surgia um elemento de ‘politicidade’ e ‘imediatez’ inteiramente novo e original. Decorrente de uma visão parcialmente ‘desintoxicada’ da questão judaica, - pelo menos no reconhecimento, sem metafísica cultural e religiosa, ao nível ‘positivo’ dos fatos, de que as razões socioculturais que impediam a assimilação dos judeus pelos Estados nacionais deviam ditar a criação do Estado nacional judeu e convertiam a matéria em um caso de direito internacional. - imprimiu ele viabilidade de ação, praticabilidade, impulso para objetivo e, neste sentido, objetividade ao movimento sionista. Daí também haver-se a verdadeira novidade herzliana revelado no fazer, no efeito revolucionário e transformador que produziu na história judaica moderna.” GUINSBURG, *Ibidem.*, pp. 305-307.

¹⁹ “A reação do povo judeu ao anti-semitismo do século XIX foi o sionismo, a doutrina segundo a qual apenas a volta do povo à sua antiga pátria resolveria o problema dos judeus. Sempre houve alguns deles que, por motivos religiosos, fixaram residência na Palestina, mas o sionismo, fundado por Theodor Herzl, assumiu a tarefa de influenciar os governantes do mundo para que eles ajudassem os judeus a voltar a

“Que nos dêem a soberania de um pedaço da superfície terrestre em relação às nossas legítimas necessidades de povo, e nós nos encarregaremos, nós mesmos, de todo o resto”²⁰.

Com este pensamento em mente, a coletividade judaica russa organizou, na primeira década de 1900, a Sociedade Beit Jacob, a qual permaneceria ativa até 1927, como veremos adiante²¹.

Relativamente aos judeus poloneses residentes em Campinas, sua formação ideológica está calcada na luta pela unificação da Polônia, a qual fez fortalecer as tradições e os valores judaicos poloneses que se faziam reconhecer por uma cultura fechada em seus muros e propagada pelas redes educacionais; ou seja, a batalha pela independência polonesa dos domínios da Rússia, da Áustria e da Prússia, deveria garantir também a manutenção e a preservação dos espaços judaicos.

O fator que ora cabe analisar é a composição educacional judaico polonesa, pois este é o fermento para a construção da identidade dos judeus poloneses residentes em Campinas, tanto pela luta em manter suas tradições, como pela abordagem clara e precisa em relação à educação que oferecem à coletividade judaica já residente. Assim, algumas linhas sobre a construção desta educação que, esclarecida, lutava pela soberania do judaísmo polonês²².

viver ali”. ROSENBERG, Roy A. *Guia Conciso do Judaísmo: história, prática e fé*. Coleção Série Diversos. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1992, pp. 20.

²⁰ HERZL, Theodor. *O Estado Judeu: ensaio de uma solução da questão judia*. São Paulo: Organização da Pioneira Judia, 1948, pp. 64.

²¹ PINSKY, op. cit., pp. 62.

²² “Durante o primeiro quartel do século XX, funcionavam na Polônia centenas de instituições de educação judaica, nas quais se oferecia instrução em idish ou hebraico. Esta adesão do povo judeu a seu idioma pode explicar-se pelo fato de que tanto o indivíduo quanto o grupo sentiam que sua cultura nacional, antiga e moderna, satisfazia suas necessidades sociais e espirituais, e que ela não era menos importante que a cultura polonesa da população majoritária. Particularmente quando

“As instituições educacionais eram fundamentais tanto nas grandes comunidades quanto nas pequenas, e cumpriam a função primordial de preservar e garantir a continuidade da existência judaica na Polônia e na Lituânia.

O programa de estudos incluía leitura, escrita e compreensão dos textos do Pentateuco, em hebraico, conhecimentos do Sidur (Livro de orações diárias) e a ordem das orações; aritmética; o calendário hebreu e o civil, as bases da gramática hebraica; a exegese bíblica e o estudo da Mishná (Lei Oral). Os pais de família de posses costumavam contratar um professor particular que dava aula aos filhos em seus próprios lares. Depois que os jovens atingiam 13 anos, os que se destacavam eram enviados a estudar Guemará e Jurisprudência nas Yeshivót (academias talmúdicas) na mesma comunidade ou em outras mais importantes. Os jovens que não continuavam os estudos iam aprender uma profissão ou ofício, ou realizavam trabalhos ocasionais. As juvenzinhas recebiam sua formação e educação no lar através de seus pais, ou de professores particulares. Os jovens talentosos de famílias pobres eram apoiados para continuar seus estudos de forma gratuita”²³.

A nova coletividade judaica que ora se estabelece na cidade procura um refúgio em suas tradições através da manutenção desta educação, solidificada por séculos de existência. A coletividade polonesa, que fecha a tríade da imigração em Campinas, traz na bagagem a experiência da tradição educacional iídiche²⁴ como fator crucial que

a maior parte dos judeus da Polônia vivia em aldeias e passava a maior parte do tempo em bairros predominantemente judaicos. De fato, muitos deles dependiam uns dos outros para sua subsistência”. CYGIELMAN, op. cit., pp. 54-55. Segundo Jaime Pinsky: “Tendo perdido sua principal função na sociedade polonesa, procurando apenas sobreviver num equilíbrio precário, os judeus vão-se ensimesmando como grupo, vestindo-se de forma diferente - roupas escuras, capote longo, como lembrança dos massacres; falando de forma diferente - o iídiche trazido da Alemanha, grafado com letras do alfabeto hebraico, levemente eslavizado; concentrando-se fisicamente numa área determinada. Ai se desenvolve uma cultura judaica, obviamente contraditória, temerosa e auto-suficiente, orgulhosa de feitos em um mundo tão distante que a própria memória histórica recordava com dificuldade. Afinal, não havia muito em comum entre o mascate polonês de então e o camponês hebreu da época de Davi”. PINSKY, Jaime. *Origens do Nacionalismo Judaico*. 2º ed. Coleção Série Fundamentos n.º 139. São Paulo: Editora Ática, 1997, pp. 29-30.

²³ CYGIELMAN, op. cit., pp. 59.

²⁴ “Iídiche - Origina-se do alemão medieval e acompanha os judeus em suas andanças, sofrendo alterações e acréscimos do hebraico e de línguas eslavas”. PINSKY, op. cit., pp. 174.

mantém as ligações entre as antigas e as novas tradições, o que explicita toda uma questão de segurança de identificação grupal. Neste sentido, não é de se estranhar a existência de um órgão que representasse a coletividade judaica polonesa; assim surge a Congregação Israelita, que nasce quando a comunidade russa já havia criado a Sociedade Beit Jacob²⁵. Assim, passa a funcionar na cidade, concomitantemente, duas instituições, uma pertencente aos israelitas russos e outra que agrega os correligionários poloneses.

O que une estas três imigrações, distintas entre si, pois que estão separadas pelo tempo e espaço geográfico, é o comércio. Este promove uma constante assimilação dentro do universo cosmopolita, como era a cidade de Campinas, consolidando economicamente a presença destas diferentes coletividades. Segundo a análise de Rattner:

“As relações econômicas têm função fundamental nos processos de aculturação e de absorção de imigrantes, pois é através delas que estes entram em contato com a população nativa do país ou com a população imigrante já aculturada. Interagindo com eles e adaptando-se às expectativas de comportamento do novo ambiente, o imigrante tem de aprender a língua do país e, mais cedo ou mais tarde, começa a imitar seus usos e adotar seus costumes, aceitando e internacionalizando [sic.] os padrões de comportamento da sociedade adotiva.

Vindos do *Stetl*, das pequenas cidades da Polônia e da Rússia, ou ainda das grandes metrópoles cosmopolitas da Europa Central, os judeus estavam acostumados com ambientes urbanos e viviam neles desde a Idade Média. Estavam, por isso, perfeitamente preparados para preencher o papel de intermediários da indústria nascente com os consumidores. Com efeito, os atributos de homens de negócios – tino comercial e espírito empreendedor – aliados à ausência quase completa de preconceitos e discriminações, – estes bastante arraigados nas populações rurais e mesmo urbanas da Europa

²⁵ PINSKY, Jaime (org.). “No interior de São Paulo: Em Campinas”. In. *Shalom Os Judeus no Brasil*. Ano XIII, n.º 146. São Paulo: Editora Shalom Ltda., julho de 1977, pp. 62.

Central e Oriental – lhes foram de grande valia para sua adaptação e integração à ordem econômica e social emergente”²⁶.

Antes de prosseguir nas observações referentes à imigração judaica para a cidade de Campinas, necessário se faz esclarecer alguns pontos. Reafirmando a idéia exposta anteriormente, as imigrações judaicas para Campinas distinguem-se por conta de sua diversificada origem, promovendo uma formação diferenciada do caráter do imigrante judeu.

Os judeus franceses, que caminhavam pelas ruas centrais da cidade durante o último quartel do século XIX, abandonam-na após sucessivas crises provocadas pela insalubridade; embora não tenham colaborado para a criação do Centro Israelita “Beth Jacob”, proporcionaram uma outra dinâmica comercial e para a qual a cidade abre seus espaços, pois, encontrando-se em constante processo de modernização e desenvolvimento tecnológico, social e econômico, necessitava de uma ampla variedade de bens de consumo e de bens de produção no intuito de ficar atualizada com as novidades européias.

O inverso ocorre com as coletividades russa e polonesa, tendo em vista que suas origens são forjadas pelas políticas existentes em seus países. Estas idéias estão calcificadas pelo desenraizamento, promovendo um sentimento de perda da terra, da língua, da cultura, da educação, das tradições. Assim, estes imigrantes compensam este sentimento de perda através da concepção de um projeto unificado em dois sentidos: a junção da Sociedade Beit Jacob e da Congregação Israelita, respectivamente, tendo

²⁶ RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: a Comunidade Judaica de São Paulo*. Coleção Ensaios, n.º 27. São Paulo: Editora Ática, 1977, pp. 39.

como prioridades o ensino religioso, a educação, a cultura e a tradição. Este projeto se concretiza na criação do Centro Israelita “Beth Jacob”, em 1927-1928, ao qual seriam incorporados os serviços religiosos em 1941, quando da mudança de seus estatutos, passando a denominar-se Sociedade Israelita-Brasileira “Beth Jacob” de Campinas, acrescida agora de uma sinagoga. Estes imigrantes também corroboram para o crescimento comercial da cidade, ampliando os serviços de mão-de-obra, além de fazer parte de outros ramos comerciais que não as fazendas, as jóias e os relógios franceses. Eles incentivam a construção civil e a fabricação de móveis para casas e escritórios.

DA BAGAGEM: RECORDAÇÕES & MEMÓRIAS

De tudo que se trazia nas mãos, nada lembrava os cheiros, as brisas e os sabores da Europa. O Brasil, ao sul do trópico, clima temperado, com variações pequenas entre a ardência do verão e o arrefecido inverno, não possuía as mesmas condições do leste europeu, o que aumentava ainda mais a distância entre o novo país e o imigrante recém desembarcado, submetido a grande impacto por conta das diferenças climáticas, geográficas e lingüísticas.

Contudo, toda esta diversificada sociedade à qual o imigrante teria de se adaptar, estava aberta ao diálogo. E foi o que ocorreu, por exemplo, com os três momentos da imigração judaica para a cidade de Campinas, como veremos a seguir.

Esperançosos de uma vida sossegada, muitas famílias judias alsacianas desembarcaram no porto de Santos, de onde partiram para aventuras comerciais no interior do Estado de São Paulo, sendo Campinas a cidade que recebeu o maior

contingente judaico francês. Esse comércio foi muitas vezes amparado por estreitos vínculos comerciais a lojas parisienses, das quais alguns imigrantes acabaram se tornando representantes, como no caso da casa comercial de Weill Frères, que possuía um representante em Paris, na rue de Paradus Poissonniere, 11²⁷. Este incipiente comércio judaico francês, abrangendo várias frentes de trabalho, ganhou consumidores à medida em que o centro cultural do mundo era Paris.

Os judeus franceses trouxeram na bagagem um pouco mais de civilidade para uma interiorana cidade de São Paulo. Civilidade que estava presente em estilo, moda, modos, ditando como a alta sociedade campineira deveria vestir-se e o que deveria usar como acessório, de acordo com o estilo francês²⁸. Não é de se admirar a quantidade de lojas destinadas à lapidação de jóias, outras com ênfase nas roupas e sapatos, isto sem esquecer das bengalas, dos *pince-nez*, chapéus, quando não vinhos, licores e chocolates; ou seja, tudo o que de melhor havia na França, cá existia, em proporções reduzidas, mas fruto desta imigração judaico francesa. Este assunto será melhor detalhado no Capítulo II.

Trouxeram também, além do brilho e da cultura da cidade-luz embutidos nas roupas, jóias e calçados, a preservação dos preceitos religiosos, que estava assegurada

²⁷ SILVA, Hypolito da (org.). *Almanach Popular para o anno de 1878: contendo diversos artigos de interesse geral, e uma parte noticiosa, litteraria e recreativa*. Primeiro Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

²⁸ Luis da Camara Cascudo, assim descreve a importância da França: "Da França vinha o modelo, perfume, roupas, porcelanas, cabeleiras, mulheres, saudações, tapetes, panos d'Arras, sofás, cadeirões, armários cinzelados e um mundo miúdo de coisas graciosas e dispensáveis. (...) essa influência na etiqueta, indumentária, alcançou a mesa, arranjo, decoração, iguarias". CASCUDO, Luis da Camara. *História da Alimentação no Brasil: cozinha brasileira*. Vol. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, pp. 371.

pela quantidade de imigrantes que desceu na estação ferroviária de Campinas, garantindo, assim, o número mínimo de homens exigidos para a realização de qualquer celebração religiosa, o *minian*, ou dez homens. Os *Shabat* eram executados no interior da casa de um dos israelitas. Um outro fator de extrema importância para a manutenção dos ritos judaicos, diz respeito ao espaço da cozinha e a magia da culinária, bem como a casa e a escola, assuntos que serão analisados no Capítulo III.

Entretanto, não desprezavam uma viagem à terra natal no intuito de fortalecer os vínculos familiares quebrados pela imigração, ou então assegurar laços comerciais com uma ou duas lojas para tornar-se seu representante na cidade. Segundo as pesquisas de Egon e Frieda Wolff, temos o exemplo de Leon Hertz que realizou, por inúmeras vezes, um trânsito contínuo entre Campinas, Santos, Rio de Janeiro e Bordeaux, na França, desde 7 de outubro de 1857, quando chega à cidade, até o dia 10 de outubro de 1888, quando retorna definitivamente. Neste período, além do aumento de sua família, registra-se que possuía uma criada, o que chamou a atenção daqueles pesquisadores, pois tal fato estaria “demonstrando uma certa abastança”²⁹. Tal criada chamava-se Maria e fora tutorada nos seguintes termos:

“Ilmo Sr. Juiz dos Orfãos

Diz Ant^a. M^a. Clemencia das Dores, parda liberta, residente n’esta cid^e., que ella teve, ha alguns mezes, na casa de Leon Hertz, cidadão frances, casado, commerciante e tambem aqui resid^e., sua filha natural, de nome Maria, de quatro annos de idade, mais ou menos, a quem ella supp^e. não pode prestar o amparo e até a effectiva companhia, de que ainda precisa.

E como o dito Leon Hertz e sua m^{te}. querem tomar dita menor a seu cuidado para concluir sua criação e educal-a, e são pessoas conhecidas, dignas de sua propria e da geral confiança por suas qualidades, que alias parecem-lhe a isso determinadas por uma sincera affeição p^a. com a mesma sua filha - vem a supp^e. requerer á

²⁹ WOLFF, op. cit., pp. 471.

V. S^a. em querer esta deve achar toda a protecção official, que sirva-se ouvir o referido Leon Hertz, em ordam a que por um termo assignado perante esse Juizo, se attenda á referida pretensão, mediante as clasulas de estilo e direito admittidas para a effectiva protecção devida á menoridade desvalida.

E assim

Pede a V. S^a. deferimento

E. R. M^{ce}.

A rogo da supp^e., que não escreve

F. da Costa Carvalho.

Diga a Leon Hertz sobre a pretensão da supp^e.

Campinas 28 de Maio de 1878.

Raggio Nobrega.

De facto eu a minha mulher temos em Companhia a Menor Maria f^a. da supp^e. Desejamos completar sua criação e dar lhe o compativel com sua condição social.

Peço pois contracto n'estes termos, De minha parte encarego de sua alimentação escola tratamento para Enfermidade como a de fasel a a ler e escrever assim co o prendas domesticas e da parte d'ella a de prestar a minha familia os serviços compatíveis com sua idade e faça até Dez Annos sem salario em diante pelo que se estipular, (A Orde: Livro 1^o = Tit. 88 § 12^o).

Autoriza um contrato em tais condições.

Sendo possivel que eu e minha familia tenham de ir a Europa no periodo do Contrato comprometto-me tambem não promessa a menos sem expressa lisensa do Juizo.

Campinas, 17 de Julho de 1878.

Leon Hertz³⁰.

Quanto à segunda fase da imigração, esta teve como motivo propulsor as perseguições da ortodoxia religiosa russa aos judeus, infringindo a estes os mais violentos confrontos, os quais tiveram como consequência a aniquilação dos bens e as propriedades, violentar mulheres, saquear lojas e, por vezes, exterminá-los. Esta atrocidade, implantada nos anos finais do século XIX e vivida em momentos esporádicos nos anos iniciais do século XX, chamada de *pogrom*, afastou a coletividade judaica das terras russas, forçando, num primeiro momento, um refúgio temporário no

³⁰ TJC 3^o of. Cx. 554 proc. 11424 - 1878.

país vizinho, Alemanha, o qual, querendo assegurar sua recente unificação e progressiva aculturação, expulsa, de forma organizada, estes judeus de suas glebas. Diz-se organizada em decorrência da existência de uma organização que se formou, na Alemanha, para determinar onde e como ocorreria este remanejamento humano³¹.

Após passar por momentos de incerteza na Rússia, em decorrência dos *pogroms*, viajam de trem, cruzando o interior da Europa até os portos da Itália e França; estes judeus, aportando em Santos, sobem a serra até a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, onde acabam por escolher alguma cidade do interior do Estado para iniciar uma nova etapa de sua vida, despreocupados com as perseguições anti-semitas. Assim, nos primeiros anos de 1900 chega à cidade a coletividade russa.

Este contingente judaico compõem-se de 77 pessoas, aproximadamente, as quais aparecem na ferroviária da cidade de Campinas, entranhando-se nos recônditos citadinos. Através de uma coletividade com elevado numerário, torna-se fácil manter os valores e preservar as tradições familiares e religiosas, ainda mais quando se tem um lugar destinado à eles, a Sociedade Beit Jacob e sua respectiva escola.

Uma característica ímpar desta imigração judaica após 1900, é a facilidade com que estes imigrantes ingressam no mercado local, oferecendo seus serviços para a sociedade, a qual os acolhe com extrema boa vontade. A fala, embora seja um empecilho, não diminui os contatos e a venda dos produtos oferecidos por estes

³¹ "Na Alemanha, líderes comunitários judeus, temerosos de que os judeus russos pudessem reassentar-se entre eles e interferir com o processo de aculturação iniciado de forma tão promissora sob o decreto de emancipação de Napoleão, iniciaram uma busca por lugares alternativos de residência para os refugiados. Rapidamente criaram uma agência, a *Deutsches Zentral Komitee für die Russischen Juden* (Comitê Central Alemão para Judeus Russos) (...)" LËSSER, op. cit., pp. 38.

imigrantes. Nesta fase imigratória, pós 1900, havia uma constante ajuda dos imigrantes judeus já estabelecidos na cidade àqueles que acabavam de chegar da Europa; tais ajudas constituíam-se de uma rápida estadia num dos cômodos da residência, um dinheiro para ajudar o sustento dos primeiros tempos, além de auxílio na procura de um emprego. Muitas vezes, o recém-chegado acabava se tornando um mascate; com suas responsabilidades e contratos especiais com as lojas, ficavam conhecendo a clientela, o que lhes facilitava a abertura de seu próprio negócio.

“A gente chegava aqui com a cara e a coragem. Em geral chegava sem dinheiro sem nada e a coletividade dava um crédito para ele fazer alguma coisa, arrumava alguma moradia para ele e arrumava para ele poder sustentar a família, se viesse com a família. Se viesse sem família, ele ficava, a gente arrumava um quarto por sujeito e ficava. Teve muita gente que ficou comendo na minha casa seis sete meses por que não arrumava trabalho”³².

A terceira e última imigração judaica para Campinas, compreendendo os anos de 1920 a 1930, é resultado da libertação da Polônia frente aos domínios da Rússia, Áustria e Alemanha. Neste momento, as famílias judaicas que viviam oprimidas em guetos, conseguem escapar do país. O dia seguinte é sempre uma nova expectativa de sobrevivência, através de inúmeras estações de trem que iam passando, uma após outra, pela janela espremida dos vagões de terceira classe, até o momento mais esperado, a chegada num porto, onde tomariam o primeiro navio com destino ao continente americano.

Na bagagem carregavam poucas roupas, alguns filhos e muitas lembranças.

³² Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

Lembranças de sua cidadezinha, o *shtetl*³³, abandonada às pressas devido as perseguições sofridas. Carregavam o desespero de tentar conseguir escapar e sobreviver ao horror europeu e também a alegria de chegar à América.

As tradições também estavam embutidas nesta bagagem; sua presença constante foi necessária para manter arraigado, unido, o judeu que se expatriava, uma vez que, na religião, nas festas, no ambiente familiar, na língua, e no círculo de amizades que estavam cada vez mais solidificadas entre as famílias judaicas de Campinas, eram os lugares onde encontravam sua segurança, dificultando a completa assimilação.

IMIGRAÇÃO SUBSIDIADA

“Informações solicitadas desta sociedade. Samuel Lukin, Jose Alencar 104 Campinas. O Bureau de Varsovia quer saber do estado moral e material do mesmo para o embarque da noiva Ahana Sita Viginska (Lods). 31-5-28”³⁴.

A política internacional americana estava coibindo a entrada maciça de judeus através do sistema de cotas. Por sua vez, um grupo de judeus bessarabianos organizam em São Paulo, a Sociedade Israelita Amigos dos Pobres – EZRA, com o objetivo de fornecer assistência de todos os gêneros aos israelitas desamparados.

“Aos dias vinte de maio de 1916 é organizada a sociedade Israelita ‘Amigos dos Pobres’- ‘EZRA’, com fundadores quaes são separadamente inscriptos como socios honorables e é dado um espectáculo pelos amadores-socios da mesma sociedade em beneficio da sociedade e tambem os mesmos são inscriptos como socios honorables.

³³ “Cidadezinha, aldeia em iídiche. Designa especificamente os pequenos aglomerados urbanos em que, durante um longo período, viveram os judeus da Europa oriental”. ROSENFELD, Anatol (org.). *Entre Dois Mundos*. Coleção Judaica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967, pp. 593.

³⁴ “Atas da EZRA – 26/11/22 a 04/09/24”. In. EZRA 04, 00.01-00.01.

A Sociedade-Israelita 'Amigos dos Pobres' tem o único fim especial de não deixar ir pedir esmolas, mais auxiliar os pobres, doentes e aranjar serviço aos que não tem, e ajudar também materialmente quando é nessesario.

A Comissão dá o socoro nessesario no prazo maximo de 24 horas. São recebidos donativos dos Sr. Socios e também dos particulares a qualquer hora e pelo qualquer membro da Comissão (...)³⁵.

A EZRA, a partir de 1928, se organiza no intuito de ajudar os judeus residentes no Estado que querem trazer para perto de si sua família e amigos que ficaram na Europa, através das cartas de chamada. "Esse grupo e outros trabalharam juntos para convencer empresas marítimas de transporte de passageiros a permitir que revendedores locais vendessem bilhetes com tarifa reduzida, pagos antecipadamente, quando não conseguissem lotar os navios"³⁶. Assim, a imigração judaica de 1920 e 1930 foi caracterizada pela ajuda que as famílias receberam das organizações que se encarregaram de tirá-las do meio dos conflitos europeus, como a EZRA, que se esforçou para ajudar as famílias na cidade de São Paulo, oferecendo alojamento até conseguirem um emprego dentro da cidade ou no interior.

"A EZRA era, de certa forma, não apenas a maior e mais importante entidade judaica da cidade de São Paulo; ela era uma entidade mediadora e coordenadora da comunidade, que cuidava desde o ingresso dos emigrantes até o sustento destes e dos judeus chamados 'locais', que já não eram imigrantes recentes mas ainda precisavam de auxílio.

A EZRA organizava o processo de recepção legal dos imigrantes. A legislação brasileira sobre imigração de estrangeiros deixava margem a bastante ambigüidade e à possibilidade de recusar a entrada de viajantes pobres que chegavam de navio. Pela lei, praticamente toda pessoa que chegasse de segunda ou terceira classe era declarada imigrante e sujeita a uma série de restrições, como a recusa à entrada no país dos que não tivessem trabalho declarado ou endereço definido, entre outras cláusulas. Na prática,

³⁵ "Ata de fundação da Sociedade Beneficiente Amigos dos Pobres - EZRA, em 20 de maio de 1916". In. Atas da EZRA. EZRA 04, 00.01-00.01 (1916).

³⁶ LESSER, op. cit., pp. 105-106.

as ambigüidades e o excesso de cláusulas davam margem também a um certo território de negociações legais e era neste campo que a EZRA trabalhava, providenciando, por exemplo, certificados de trabalho e de moradia, além das cartas de chamada, que garantiam um responsável no Brasil pelo imigrante e um endereço de contato, o que viabilizava o processo de entrada no país.

Assim que chegava, o imigrante ia para uma das várias pensões existentes no Bom Retiro ou para um abrigo coletivo, onde ele podia passar umas poucas semanas no máximo, até encontrar um quarto ou casa para morar e um trabalho, auxiliado pelo Bureau du Travail da própria EZRA, que providenciava um primeiro emprego³⁷.

Através dos documentos da EZRA³⁸, foi possível elaborar um “roteiro” desta última imigração para o Brasil, especificamente para Campinas. Embora os pontos de partida sejam desconhecidos, em decorrência da própria confusão e apreensão que existia no desembarque em Santos, conseguimos captar as cidades de onde esta leva imigratória partiu. Assim, Cherburgo (porto da França no Oceano Atlântico), Varsóvia (interior da Europa), Bordeaux (porto da França no Oceano Atlântico), Havre (porto da França no Oceano Atlântico), Rakhov (interior da Ucrânia), Gedyvia (porto da Polônia no Mar Báltico), Cysokien, Novogrudok (interior da Belarus), Gênova (porto da Itália no Mar Mediterrâneo), são algumas das cidades citadas nos documentos pesquisados. Ressaltamos que tais cidades apenas fazem ponte entre a esperança de uma vida segura – com a imigração ao continente americano – e a quase certeza da morte, ao ficar em terras européias fugindo de perseguições que se tornavam cada vez mais contínuas.

Em todo o período de imigração subsidiada pela EZRA, foi constante o número de imigrantes desejosos de fixar residência no interior, tendo em vista as cidades

³⁷ CYTRONOWICZ, Roney. *UNIBES: História do Trabalho Social da Comunidade Judaica de São Paulo (1915-2000)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, pp. 12.

³⁸ *Lista dos Imigrantes - EZRA: 1928-1932*. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

apresentarem melhores oportunidades de trabalho. Neste sentido, algumas famílias judaicas escolheram Campinas, pois era um lugar onde algum conhecido ou familiar já residia, como foi o caso do primeiro imigrante a ser encaminhado para a cidade: Elias Berezim, com número de registro 62, polonês de 25 anos, solteiro, sem profissão, que sai do porto de Cherburgo, França, e chega ao porto de Santos em 23 de julho de 1928 a bordo do navio Mendonsa, indo para Campinas onde tem parentes³⁹. Este também é o caso de Jacob Chamis e sua esposa Chaie Chamis, provenientes da Rússia, ele com 28 anos, agricultor, e ela com 26 anos, doméstica⁴⁰. Junto com eles, seus filhos Aron Chamis com 1 ano e meio e Miryan Chamis, com 7 meses. Esta família sai do porto de Cherburgo na França e chega ao porto de Santos no dia 02 de novembro de 1928. Vem para Campinas por causa de seu primo Strachman. Os números de registro desta família são 9, 10, 11 e 12⁴¹.

Em 28 de março de 1930, Itzhak Fainsilberg, com o registro de número 310, polonês de Varsóvia, casado, comerciante, desembarca em Santos, do navio Gebria, e vem para Campinas, onde a EZRA, que já havia fornecido as passagens para sua viagem, consegue-lhe também hospedagem⁴². Outro caso é o de Moysze Leib Bromberg, com o registro número 149 na EZRA, polonês, casado que chegou ao porto de Santos em 15 de julho de 1929. Procura a EZRA em 25 de julho oferecendo seus

³⁹ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Julho de 1928. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁴⁰ As mulheres que identificavam sua profissão como "doméstica" não quer dizer que eram "empregadas domésticas". A elas ficava o encargo da educação dos filhos no sentido da transmissão da tradição e cultura judaicas, como veremos no Capítulo III.

⁴¹ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Novembro de 1928. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁴² *Lista dos Imigrantes - EZRA: Março de 1930. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

serviços como fabricante de sabão, sua especialidade. Em 28 de julho do mesmo ano, a EZRA, através do Bureau du Travail, consegue um emprego para ele, numa fábrica de sabão, onde recebe uma diária de 7\$000⁴³.

“Meus pais chegaram aqui em 1928. Na Polônia tinham uma indústria de sabão, couro e pele. Por motivos de força maior, meu pai largou tudo, onde trabalhava com o meu avô e irmãos, e veio para o Brasil (...) e trabalhou numa indústria de sabão”⁴⁴.

A EZRA se encarregava de encontrar e trazer da Europa, a pessoa ou família que o interessado requeria, através de carta endereçada àquela entidade, ou cartas de chamada. Este pedido era feito, por algum membro da família já residente e estabelecido no país, no intuito de trazer amigos e parentes distantes. Este foi o caso, por exemplo, de Chajm Jankel Rosenberg, 37 anos, polonês, casado, comerciante, residindo à Rua 13 de Maio, 228, filho de Aron Oper, que fez um requerimento à EZRA no intuito de trazer sua esposa Traima Rosenberg, 35 anos, polonesa, doméstica, e seus filhos Isacha Rosenberg, de 7 anos, Frida Rosenberg, com 5 e Nachman Rosenberg, de 3 anos. Para facilitar a “busca”, Chajm Jankel informa a cidade ou vilarejo onde encontrar sua família, que residem em Kielce, na Polônia⁴⁵.

Subsidiado pela EZRA, Fainel Juszek Szmelzenger, polonês de 26 anos, proveniente de Varsóvia, solteiro, sem profissão, chegou ao Brasil em 5 de março de 1929, a bordo do navio Zeelândia⁴⁶. Em Campinas, torna-se um dos professores da Escola Lídice da coletividade.

⁴³ *Sociedade Beneficente Israelita “EZRA” - Bureau du Travail: Julho de 1929. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁴⁴ Oscar Bromberg, entrevista, 21 de junho de 1997.

⁴⁵ *Cartas de Chamada de 1932. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, pp. 59.*

⁴⁶ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Março de 1929. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

Outro professor, que também passou pela EZRA, foi Abraham Aizengart, polonês com 33 anos, casado, que chegou ao porto de Santos em 22 de julho de 1930, a bordo do navio Duílio, procedente da cidade de Ozdinticha, onde já exercia o magistério. Vindo para Campinas, a EZRA consegue-lhe uma pensão⁴⁷, além de arrumar-lhe uma vaga como professor na Escola Iídiche do Centro Israelita “Beth Jacob”, onde ganhava um salário de 400\$000 por dia⁴⁸. O restante de sua família – sua esposa Etlá Aizengart, polonesa com 33 anos, e Szymon Aizengart, seu filho de 7 anos⁴⁹ - chegaria ao Brasil nove meses depois, no dia 20 de setembro de 1931, provenientes do porto de Gênova, na Itália, e desembarcando do navio Júlio César, em Santos.

O polonês Ide-Leib Kilburt, casado, com 35 anos de idade, comerciante em Campinas, residente à rua 13 de Maio, no Hotel 15 de Novembro, provavelmente onde era pensionista, toma conhecimento da existência de uma entidade que ajuda os imigrantes israelitas de São Paulo e, por intermédio de P. Szleriff, procura a EZRA no dia 21 de junho de 1932 interessado em trazer para perto de si sua família que ainda permanecia na Europa. Assim, através de um depósito de 196\$500 réis em favor da EZRA⁵⁰, formalizou seu pedido, fornecendo os seguintes dados para a carta de chamada: “PESSOAS CHAMADAS: Gitla Kilburt, esposa, 34 anos, doméstica; Jankel Herez Kilburt, filho, 4 anos; Srul Kilburt, filho, 3 anos e Moyses Leib-Lauiss, cunhado, 31

⁴⁷ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Julho de 1930. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁴⁸ *Bureau du Travail - EZRA: Julho de 1930. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁴⁹ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Setembro de 1931. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁵⁰ Nem todos os auxílios eram concedidos com uma gratuidade completa, como foi este caso, onde Ide-Leib Kilburt teve os seguintes gastos: “requerimento, 22\$000; firma, 2\$000; EZRA, 15\$000; termo de fiança, 88\$500; estampa, 15\$000; consulado, 54\$000”. *Cartas de Chamada de 1932 - EZRA. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

anos, operário”. Todos residentes em Luków, na Polônia⁵¹. Provavelmente obteve sucesso, pois que no dia 6 de novembro do mesmo ano, procura novamente a EZRA com o intuito de encontrar e trazer outros parentes, como seu cunhado Nachim Garber, casado, de 40 anos, que sabia fazer trabalhos manuais e sua cunhada Rejzlon Garber, solteira, com 14 anos, doméstica, ambos residentes em Luków, na Polônia⁵².

É interessante apontarmos aqui o constante diálogo existente entre a coletividade já instalada na cidade de Campinas e a EZRA. Esta comunicação diz respeito, basicamente, ao interesse das famílias de campinas de trazer parentes ou conhecidos da Europa através das cartas de chamada. Assim, entre os meses de maio e dezembro do ano de 1928 há uma série de cartas expedidas para a EZRA ou encaminhadas aos moradores da cidade, onde, muitas delas, trazem notícia a respeito dos parentes e de suas respectivas cartas de chamada:

“Cartas Expedidas”

- 31/5/28 – Levy Marchevsky – Campinas – Samuel (?)
- 11/9/28 – Schmelzinger – Campinas – chamada
- 19/9/28 – M. Schmelzinger – Campinas – chamada
- 19/9/28 – Leizer Kusniec – Campinas – 13 dólares
- 6/10/28 – M. Schmelzinger – Campinas – passagem para a Polônia
- 10/10/28 – L. Kusniec – Campinas – a respeito de \$ 25⁰⁰
- 11/10/28 – M. Schmelzinger – Campinas – sobre os 5 títulos
- 13/10/28 – M. Schmelzinger – Campinas – a respeito dos títulos
- 25/10/28 – M. Schmelzinger – Campinas – carta de chamada
- 30/10/28 – Leizer Kusniec – Campinas – carta da Polônia remetida
- 12/11/28 – Leizer Kusniec – Campinas – carta da Polônia
- 20/11/28 – Simon Boer – Campinas – carta remetida
- 28/11/28 – Levy Marchevsky – Campinas – M. Sruhson
- 30/11/28 – Sigfried Weber – Campinas – aviso de pagamento
- 4/12/28 – Simon Boer – Campinas – carta remetida
- 24/12/28 – A Laukenicky – Campinas – carta remetida”⁵³

⁵¹ *Cartas de Chamada de 1932 – EZRA. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁵² *Cartas de Chamada de 1932 – EZRA. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

* Pela ordem: DATA, DESTINATÁRIO, LUGAR, ASSUNTO.

Independente da EZRA, a coletividade judaica campineira possuía uma infraestrutura capaz de absorver este contingente imigratório que se destinava à cidade, de forma a não excluí-lo das frentes de trabalho, oferecendo casa, comida, emprego, educação. Noemy Churguin, filha de imigrantes palestinos, explica:

“Sempre foi assim desde que eu me lembro. Quando chegava um imigrante e não sabia a língua, evidentemente que ele ia procurar alguém que conhecesse seu idioma. Meu pai, por exemplo, reunia aquele grupinho pequeno para ajudar o recém-chegado e arrumar um lugar para morar. A minha mãe trabalhava numa comunidade chamada ‘Liga das Senhoras’, que não era a das senhoras católicas, da qual foi presidente, e que se reunia para providenciar o suficiente para essas pessoas viverem por, pelo menos, um mês. Escolhiam uma casa, iam até lá e forneciam uma cesta básica. Como eles precisavam fazer alguma coisa e não sabiam a língua, os homens ajudavam entregando-lhes gravatas para venderem pela cidade, ensinando-lhes as primeiras palavras e a lidar com a moeda.”⁵⁴

Este foi o caso, por exemplo, de Lejzer Liberman, comerciante que fuge da Polônia sem receber auxílios da EZRA. Ele fez esta viagem tendo em vista os seguintes fatores:

“Três motivos levaram a esta imigração: as finanças (na Polônia, a economia estava oscilando e aqui, na América, estava evoluindo), a doença (minha mãe sofria muito com o frio) e o anti-semitismo (...)”⁵⁵.

Logo ao chegar em Campinas, Lejzer Liberman consegue um emprego de mascate, vendendo gravatas pelas ruas da cidade. Logo nos primeiros meses do ano de 1931, consegue alugar dois quartos na casa de Mariasinha Boccalletti, pois precisava deste espaço para acolher sua família – sua esposa Buncia Liberman, 30 anos, doméstica, e seus filhos Moisze Liberman com 9 anos e Dvoyra Liberman, 3 anos

⁵³ “Actas da EZRA II”.

⁵⁴ Noemy Churguin, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁵⁵ Mojsze Liberman, entrevista, 22 de junho de 1997.

– que chegara dia 20 de março, em razão de seu próprio pedido (cartas de chamada).

Todos poloneses da região de Volim⁵⁶. Segundo Mojsze Liberman:

“Meu pai veio para o Brasil em 1929 sem saber a língua, sem dinheiro, sem conhecer o local. Em 1931, nós viemos para cá (eu minha mãe e minha irmã). (...) Em dois anos ele conseguiu montar alguma coisa e trouxe a família. Ele era mascate. Vendia gravatas a prestação. Meu pai só conseguiu abrir a loja de roupas na rua 13 de Maio em 1937/8 [“Casa Lealdade”, na rua 13 de Maio, 383]”⁵⁷.

Além de subsidiar a viagem, a hospedagem e dar oportunidade de trabalho ao imigrante judeu, a EZRA também preocupa-se com a saúde de seus consórcios, pois que, com o avanço da tuberculose no início do século XX, os diretores da EZRA decidem ajudar as famílias israelitas afligidas por esta moléstia, angariando fundos por todo o território nacional para se construir o Sanatório da EZRA na cidade de São José dos Campos, o que viria a ocorrer em 1935.

“Segundo o livro de história da EZRA de 1941, havia dezenas de subcomitês espalhados por inúmeras cidades, que faziam campanhas e deixaram muitas vezes suas doações registradas em Livros de Ouro. Eram os seguintes os subcomitês e seus principais ativistas: (...) Campinas (Geni Kuperschmik, Raquel Kaplan, Golde Kaplan e Dora Kuperman) (...)”⁵⁸.

Mas não somente estas quatro pessoas relacionadas acima, que fazem parte da coletividade campineira, se interessam em ajudar este sonho que aos poucos se concretizava. Através do “Livro de Contribuições do Interior”, temos uma noção maior de quantos foram os judeus campineiros que decidiram investir nesta empreitada:

⁵⁶ *Lista dos Imigrantes - EZRA: Março de 1931. In. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.*

⁵⁷ Mojsze Liberman, entrevista, 22 de junho de 1997.

⁵⁸ CYTRONOWICZ, Roney. *UNIBES: História do Trabalho Social da Comunidade Judaica de São Paulo (1915-2000)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, pp. 51.

“Socios do Sub-Comite da Liga em Campinas

	débito anterior	maio	setembro
1- Boruch Strachman	10\$000	10\$000	
2- Mauricio Kuperman	10\$000	10\$000	
3- José Koperstik	10\$000	10\$000	
4- Moyses Straman	10\$000	10\$000	
5- Abram Pasmanik	10\$000	10\$000	
6- Elias Kaplan	5\$000	5\$000	
7- Wolff Kopel	5\$000	5\$000	
8- Samuel Bromer	5\$000	5\$000	
9- Abram Zaidenberg	5\$000	5\$000	
10- Luiz Liberman	3\$000	3\$000	
11- Isidoro Faivischow	3\$000	3\$000	
12- José Rosenberg	3\$000	3\$000	
13- Paulo Duchovni	3\$000	3\$000	
14- Samuel Savizkis	3\$000	3\$000	
15- Moyses Bromberg	3\$000	3\$000	
16- Moyses Tulerman	3\$000	3\$000	
17- Jacob Churguim	3\$000	3\$000	187\$000 ⁵⁹

Devido a importância desta instituição, com relação aos diferenciados serviços prestados à coletividade judaica, alguns israelitas campineiros decidem associar-se a ela, como foi o caso de M. Schmelzinger, residente na rua 13 de Maio, 112, que foi procurado por Isaac Neissman para tornar-se sócio da EZRA, o que viria a ocorrer em 19 de outubro de 1928. Em 1929, Schmelzinger apresenta-se a Léo Garber, também residente na rua 13 de Maio, 112, no intuito deste associar-se à EZRA. Através de um pagamento de 34\$000, o que correspondia a uma mensalidade, Léo Garber também torna-se associado desta instituição. Ainda em 1929, o mesmo Isaac Neissman procura Isidoro Hendler; este aceita associar-se à EZRA mediante o pagamento da mensalidade, que agora é de 54\$000⁶⁰.

⁵⁹ “Livro de Contribuições do Interior - década de 1930”.in. EZRA - Caixa, fl. 1v.-2.

⁶⁰ “Registro de Pedidos de Auxílios - 1928”. In. EZRA 04, 10.02-10.04, pp. 52, 143 e 146.

Através desta associação, podia-se pedir pequenas ajudas financeiras à EZRA, como podemos perceber através do “Livro de Concessão de Auxílios”, de 1935, onde há três pedidos registrados, um de Leo Gertzberg, residente na rua 13 de Maio, o qual recebe um auxílio de 3\$000 em julho, outro de Isidoro Hendler, que recebe auxílio de 5\$000 em junho, julho, agosto e setembro. Por fim, o auxílio a Mordko Szmelzinger, embora não possua a quantia destinada a ele⁶¹.

Com tais dados, podemos chegar a algumas conclusões a respeito da coletividade judaica de Campinas. A situação financeira dos judeus campineiros, nas décadas de 1920 e 1930, não era das mais estáveis, pois que embora houvesse interesse, por exemplo, de alguns judeus da cidade ajudarem a EZRA a construir um Sanatório, como pôde ser visto no documento acima, todos os 17 israelitas não conseguem colaborar com a quantia de 10\$000, 5\$000 e 3\$000, provavelmente um valor preestabelecido por eles mesmos, ficando assim, em débito com tal instituição. Somente em maio é que saldaram esta dívida, não havendo, entretanto, outro registro de contribuição durante o resto do ano. Somente a de Jacob Churguim, o qual, na época, encontrava-se em melhores condições financeiras, pois que decide colaborar com uma vultuosa quantia de 187\$000.

Outros são os casos de dificuldade financeira apontados por esta documentação, como os três que receberam ajuda financeira de 3\$000 e 5\$000. O caso de Isidoro Hendler é muito significativo, pois que, embora no ano de 1929 ele tornava-se sócio da EZRA apresentando uma quantia de 54\$000, no ano de 1935 ele recebe ajuda de 5\$000 durante quatro meses consecutivos.

⁶¹ “Livro de Concessão de Auxílios - 1935”. In. EZRA 04, 10.02-10.04.

Enfim, esta imigração subsidiada, embora tenha durado muito pouco tempo, proporcionou a entrada de famílias que asseguraram a formação do Centro Israelita, além de perpetuarem, através de suas gerações futuras, o projeto de ampliação dos serviços oferecidos pelo Centro.

Toda esta miríade de fatos forma e compõe os hábitos do dia-a-dia do imigrante judeu em Campinas. Através da memória, lugar único de resgate do passado, os mais velhos recordam seus vínculos com o judaísmo e assim acabam transmitindo, pela oralidade, as tradições, as comidas e a língua às futuras gerações que estabeleceriam outras perspectivas para a comunidade judaica campineira.

CAPÍTULO II

CAMPINAS: A CIDADE & OS JUDEUS

A CIDADE DE CAMPINAS

“A formosa cidade de Campinas, cuja natureza fascinante encanta todo o visitante e suprehende-o com as maravilhosas bellezas que descortinam, em quantidade inacreditavel, aos seus olhos ávidos, produziu em nós uma sensação até então desconhecida.

Cidade onde o commercio cresce rapidamente, a população augmenta e as industrias se desenvolvem, fazem esperar della um futuro de grandeza incomparavel.

Predios altos, de muitos andares, ruas alinhadas, largas avenidas, monumentos, tudo enfim que denota um adeantado desenvolvimento”¹.

O período estudado inicia-se no último quartel do século XIX, quando a cidade começou a atravessar um longo período de mudanças significativas resultantes dos problemas próprios das cidades, das epidemias sofridas e da aglomeração humana na área urbana.

Por esta época, a cidade, ainda um lugar inóspito com escassa população urbana, e escuro pois as luminárias a vela ou óleo eram raras, acabava acarretando em uma vivência social que se iniciava muito cedo, às primeiras luzes da alvorada, terminando quando o astro rei se recolhia no poente e a Matriz dobrava seus sinos para as ave-

¹ “Em Campinas”. In. *A Notícia: Edição semanal da “A Gazeta Israelita de São Paulo”*. Anno I. n.º 7. São Paulo, terça-feira, 2 de julho de 1935, pp. 3.

maria. Com a escuridão, que inibe a circulação pública, a família reza em casa; poucos são aqueles que se aventuram pelos arrabaldes de Campinas após o entardecer.

“Na escuridão da noite, qualquer indivíduo arriscava-se a ser assaltado ou esfaqueado, ou levar violenta surra de porrete, por algum desafeto, que se aproveitasse da escuridão para vingança, por motivos pessoais ou de natureza política”².

Esta situação viria a alterar-se, ainda em 1875, quando da instalação da iluminação a gás em grande parte das principais ruas da cidade. Com isso, “embora a iluminação fôsse ainda precária começava a notar-se maior movimento durante a noite e as pessoas sentiam-se mais seguras nos passeios noturnos [das] (...) noites quentes e enluaradas [quando] o povo saia para alegres passeios, mas apenas na área iluminada”³.

Entre estes extremos do dia, no reduzido trânsito de então, a exígua população se cruzava pelas ruas estreitas, sempre vigiada por olhares atentos daqueles que preferiam apenas acompanhar, junto com a lentidão do progresso, o caminhar diário da “mesquinha aldeia”, como a define uma severa crônica sobre Campinas escrita em 1897 por Henrique de Barcelos, jornalista da época:

“A cidade era uma mesquinha aldeia, não havia calçamento. As ruas eram atoleiros. Na Rua Direita, os quarteirões hoje mais freqüentados da cidade, apenas algumas tiras de pedras bicudas temor dos calos e alegria dos sapateiros, fingiam de calçamento. Na Rua do Comércio havia buracos enormes onde cabia um homem. Não falemos de outras ruas, principalmente a de Baixo (hoje General Carneiro), onde o comércio tinha maior pujança. Era uma miséria. No presente, na colina onde hoje se eleva a Estação e vistosas construções, oficinas Lidgerwood, Mc-Hardy e elegantes chalés, não havia nada disso, era um campo. Além do Largo do Tanquinho, nem sombra de construções. Não havia a Misericórdia, nem o agrupamento das casas próximas...

² SESSO JÚNIOR, Geraldo. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, 1970, pp. 97.

³ *Ibidem.*, pp. 99-101.

No Largo do Rosário, da Cadeia, e do Teatro, a erva crescia. Havia dois colégios, em verdade, mal organizados, oito escolas de instrução primária, onde o que menos se ensinava era ler, escrever e contar. As crianças saíam de lá conhecendo vários vícios e sabendo meter o dedo no nariz. Apenas uma escola particular era exceção à regra geral. A civilização chegava tardia. Os meios de comunicação eram difíceis”⁴.

A cidade, apesar de sua pequena população, apresentava um pluralismo cultural, uma vez que, em sua área urbana, uma boa parte dos residentes se constituía de estrangeiros provenientes de todos os lados da Europa, ou dos cantões da América, os quais preferiram arriscar-se ao trabalho urbano a produzir e colher café em glebas alheias. Seus habitantes, entretanto, não eram apenas os imigrantes, também se registrava a presença de uma população negra, livre ou não, mas sempre oriunda da escravidão ou do tráfico negreiro. A maioria dos negros morava no campo ou na cidade. Os mais antigos e abastados moradores da cidade, proprietários de terra, preferiam morar em sua “casa grande”, de onde poderiam, com maior facilidade, tomar conta de seus escravos e de suas lavouras (seja de café, algodão ou cana). Quanto aos menos favorecidos, restava-lhes apenas a pequena morada na cidade que lhes proporcionava algum trabalho temporário, de forma a garantir-lhes a subsistência⁵. O ambiente urbano apresenta-se, desse modo, multifacetado; as famílias tradicionais ainda residem na área rural, mas também possuem sua casa na cidade; os miseráveis são obrigados a morar nos alpendres da estação ferroviária e nos bancos das praças; a incipiente classe média, dirigindo pequenos comércios de variados produtos, principiava a ocupar seus espaços.

⁴ MATOS, Odilon Nogueira de; RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. *Um Pouco da História de Campinas*. Campinas: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, 1985, pp. 70.

⁵ Segundo nos relata Geraldo Sesso Junior, o salário diário de um operário estava em torno de dois mil réis. SESSO JUNIOR, op. cit., pp. 65.

Aos imigrantes, as oportunidades que se apresentavam eram, ou ir às fazendas trabalhar nas áreas de expansão cafeeira, ou ficar na cidade, arriscando-se no comércio, no qual teriam que concorrer, em circunstâncias nada favoráveis, com os comerciantes locais já estabelecidos com suas lojas.

O processo imigratório, no caso brasileiro e, por extensão, no caso da cidade de Campinas, inicia-se em virtude da necessidade da substituição da mão-de-obra escrava pelos trabalhadores livres europeus. A cidade e seus moradores usufruem dos avanços técnicos trazidos por eles, e com eles colaboram, trazendo à comunidade os ares do progresso europeu. Segundo nos explica o professor Amaral Lapa:

“No período que tratamos, segunda metade do século XIX, quando justamente é concebida a expressão [moderno], é aqui usada *grosso modo* em correspondência com aquela racionalidade burguesa que se estende pelo econômico, pelo social, pelo político e pelo cultural, atingindo as mentalidades, os costumes e a criação estética, não necessariamente nessa ordem, com o atraso que se espera para um país do Terceiro Mundo e com as especificidades que uma sociedade escravista conserva.

É essa modernidade que Campinas aspira, importa, usa, assimila e chega a produzir, num movimento marcado por contrastes e contradições. São produtos europeus, são formas de comportamento, linguagem, hábitos, visão do universo, símbolos e padrões, educação e disciplina dos sentidos, que os moradores da cidade, vale dizer, a aristocracia e a alta e a média burguesia, reproduzem e conferem à própria cidade.

Ser moderno no caso é ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso, higiênico e sintonizado com o que ia pela Europa e Estados Unidos, considerados modelares para serem transplantados, em muitas de suas soluções e costumes, para Campinas, então cenário ou protagonista de movimentos que aceleravam sua velocidade histórica, redistribuíam seu espaço, tomavam suas noites mais claras e melhor aproveitadas, alterando suas formas de utilização das horas diurnas, a qualidade de vida, o viver na cidade enfim”⁶.

⁶ LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade: os cantos e os atores: Campinas 1850 - 1900*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, pp. 19

Com a diversidade de serviços oferecidos na área urbana, em razão das mais diferenciadas especialidades das novas lojas, a população campineira se depara com os melhores e mais atualizados produtos e estilos que podem ser oferecidos naquela época; todas as mercadorias vendidas nestes estabelecimentos – roupas feitas, fazendas, secos e molhados, etc. – eram procedentes dos mais diversos pontos de distribuição espalhados pela Europa e pelos Estados Unidos. Os produtos eram sempre desembarcados no Porto de Santos e no da Corte, e trazidos pelo último navio chegado de seus respectivos países de origem⁷. Tanto o transporte marítimo quanto o transporte sobre trilhos, definem a vida e seu ritmo na cidade de Campinas.

No último decênio do século XIX, a cidade sofre uma violenta redução populacional ocasionada pela febre amarela, caindo drasticamente o número de habitantes da área urbana.

“Em 1889, a epidemia de febre amarela assolou o município, ‘levando um enorme patrimônio que os campinenses acumularam por mais de um século’. A mortalidade era alta, chegando a alcançar até trinta óbitos por dia; no total somaram-se mais de duas mil mortes, na maioria homens entre 21 e 30 anos, principalmente portugueses e brasileiros. A população fugiu da cidade para as zonas rurais ou para outras cidades da região. Os historiadores locais afirmam que durante a epidemia quase 75% da população emigrou do município. ‘A cidade é abandonada; a população reduziu-se de 20 mil para 5 mil moradores; a morte rondava a cidade’. Estabelecimentos comerciais, escritórios de indústria e até algumas indústrias transferiram-se para São Paulo e Jundiaí”⁸.

⁷ No almanaque de 1870 é divulgada a propaganda do comércio de G. Bernard & V. Weill, a qual dizia o seguinte: “Recebem directamente da Europa, por todos os paquetes, as mais modernas fazendas de seda, lã, cassa, etc., vendendo-as pelos preços do Rio de Janeiro”. LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

⁸ BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: migrantes e expansão do pólo industrial paulista*. Coleção Campiniana, n. ° 5. Campinas: UNICAMP: CMU, 1996., pp. 32.

Tamás Szmrecsázy, prefaciando o *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887)*, aponta para o mesmo problema, pois “é importante registrar que, no final da última dessas décadas, a de 1880, houve uma ruptura nessa progressão, por força da epidemia de febre amarela que dizimou a população campineira e abalou seriamente a economia local, freando por um bom tempo o crescimento de ambas”⁹.

Contudo, a febre também provocou um acelerado processo de saneamento e higienização em toda a extensão da cidade, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida aos seus habitantes, como podemos perceber com a explicação do professor Amaral Lapa:

“Chefe do distrito de Campinas da Comissão Sanitária do Estado, Saturnino de Brito projeta, em 1896, obras de saneamento que incluíam drenagem, reforço na captação de água, formação de novas represas, instalação de caixa de decantação e todo um complexo de obras, nas quais se destacam os canais de drenagem a céu aberto, em cujas margens prevê avenidas arborizadas (...). Essas obras, além de representarem substantivo avanço sanitário para Campinas, modificaram a fisionomia da cidade, viabilizando a notável expansão que se seguiu, conferindo-lhe uma imagem de higiene, largueza de espaços e beleza urbana”¹⁰.

O avanço vegetativo da população, após o controle da febre amarela, foi sentido de imediato, uma vez que as taxas de mortalidade diminuíram e as taxas de natalidade aumentaram em decorrência da salubridade alcançada pelos projetos de saneamento da cidade. Não se pode esquecer também do crescente aumento de mão-de-obra registrado na área urbana em decorrência da abolição dos escravos e da entrada, em grandes

⁹ CAMILLO, Ema E. R.. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850 - 1887)*. Campinas: Mercado de Letras; Centro de Memória - Unicamp, 1998, op. cit., pp. 13.

¹⁰ LAPA, op. cit. pp. 262.

quantidades, de imigrantes de diferentes etnias e do constante êxodo rural causado pelas dificuldades do trabalho no campo.

Políticas públicas foram implantadas para melhor acolher a população em toda a área urbana; mas é no centro, onde as ruas possuem vida própria, onde os becos, as calçadas e as praças guardam seus próprios segredos, que a modernização, o embelezamento e a salubridade avançam mais rapidamente. A população, espantada, esforça-se para acompanhar o acelerado ritmo iniciado e que não cessa.

O projeto de saneamento constitui um marco para o desenvolvimento e o embelezamento urbano. Mesmo durante o vertiginoso crescimento da população, não ocorreu uma ampliação da área urbana, que viria a acontecer somente depois de 1930 com o Plano de Melhoramentos Urbanos¹¹. Registra-se, entretanto, um aumento da

¹¹ Ricardo Badaró, em seu estudo sobre a urbanização em Campinas, apresenta os seguintes dados a respeito da implantação do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas: "Decreto n.º 29/12/1934 - Criou a Seção de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campinas. (...) Decreto n.º 135 de 18/3/1935 - Criou a Comissão de Urbanismo". (p. 49 nota). Esta Comissão de Urbanismo ficou encarregada de criar o Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, que começa a executar suas diretrizes urbanas através de sua aprovação pelo Ato Municipal n.º 118 de 23/4/1938 (pp. 49). Um dos principais nomes que devemos destacar desta alteração da composição urbana na cidade é o engenheiro Prestes Maia, uma vez que seu "Rascunho de Exposição Preliminar" (pp. 56) permitiu uma expansão da cidade e da população de forma paulatina, ou seja, entre 25 e 50 anos, uma vez que interligava dois fatores chave: a) "o destino de uma cidade (...) estava em grande parte ligado à sua função econômica e à sua importância regional. Campinas, já despontava, desde o século passado [XIX], como importante pólo regional, servida por magnífico entroncamento ferro-rodoviário, estando portanto apta a oferecer uma alternativa válida para a instalação de novas indústrias" (pp. 57); b) "Prestes Maia captou este processo de transformação urbana e sobre ele propôs uma estrutura viária que consagrou as radiais e introduziu perimetrais que de espaço em espaço circundariam a cidade. Vias concêntricas foram propostas, contornando assim, sucessivamente, o centro histórico, o perímetro já construído que o envolve, e a nova periferia em expansão, de modo a articular as radiais e conectar as diversas porções da área urbana" (pp. 58). BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. *Campinas, o Despertar da Modernidade*. Coleção Campiniana, n.º 7. Campinas: UNICAMP: CMU, 1996.

densidade populacional na área central da cidade, preenchendo os vazios ainda existentes em algumas ruas, principalmente nos bairros que constituíam o cinturão do centro. A febre que, a princípio, provocou uma queda no crescimento vegetativo, serviu também para consolidar um projeto de melhorias urbanas e, a seguir, reavivar os índices de natalidade, possibilitando um aumento populacional na cidade que, neste primeiro momento, não necessitou expandir seu perímetro além do Taquaral, Cambuí, Jequitibás, Fundão, Vila Industrial, Bonfim e Guanabara¹².

O paralelepípedo é testemunha desta modernização ao presenciar a ampliação das ruas¹³, a substituição dos meios coletivos de transporte público¹⁴, a ampliação do tempo por conta da iluminação¹⁵, e ao sentir o solado dos calçados europeus que

¹² Mapa da Cidade de Campinas, 1900. in. AMARAL, Leopoldo. *A Cidade de Campinas em 1900*. Campinas: Castro Mendes & Irmãos, 1899.

¹³ "As obras de alargamento das avenidas centrais iniciaram-se lentamente, segundo a estratégia prevista no Ato n.º 118, na qual as desapropriações necessárias seriam efetuadas apenas por ocasião da aprovação dos projetos de novas construções ou de reformas substanciais nas edificações existentes, quando os proprietários observariam os recuos estipulados pelo Plano de Melhoramentos Urbanos". BADARÓ, op. cit., pp. 104.

¹⁴ A entrada dos bonde elétricos, que começam a circular em 1909, substituindo os antigos bondes de tração animal.

¹⁵ "Não demorou para que postes começassem a ser levantados nas ruas centrais (...). os fios de transmissão foram estendidos no final de 1907. Em janeiro do ano novo giravam os ventiladores de teto da Casa Barsotti, um bar da rua Barão de Jaguara freqüentado pela intelectualidade republicana. Luminárias de arco voltaico davam ao centro um aspecto de diaphorama e os transeuntes zebrados pelo neon dos anúncios luminosos - que se multiplicavam a cada semana - sentiam-se no interior do próprio cinematógrafo. A vida noturna fluiu para as ruas e pipocavam os saraus nas famílias abastadas. Era a vitória da luz e, no interior das casas, do ventilador, do banho quente e do fogão elétrico." GOMES, Eustáquio. *Os Rapazes d'A Onda e Outros Rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista (1921-1925)*. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1992, pp. 16.

"A luz elétrica começava a ser difundida [1908], substituindo pouco a pouco, o uso do gás, iniciado em 1875, e os arcaicos lampeões a querosene, muito vulgarizados entre as famílias modestas." MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 10-11.

invadiam os costumes campineiros¹⁶; o sangue que agora escorre pelas frestas existentes entre um paralelepípedo e outro, não é mais o sangue do escravo que fora chicoteado no pelourinho da praça pública, décadas atrás, mas sim o sangue do animal que fora abatido na área urbana para ser vendido nas esquinas e nas praças¹⁷. Os cascos dos cavalos agora estão acompanhados de rodas e, juntos, formam os carros¹⁸ que começam a circular

Carlos Lemos descreve a influência da luz na mudança dos hábitos: "a iluminação artificial teve progressos incríveis. Os lâmpões abastecidos com querosene e com mechas circulares em volta de queimadores perfurados de fácil oxigenação da chama passaram a constituir novidade que todos admiraram. Propiciavam iluminação clara e ampla, muito diferente da luz mortífera das velas dos castiçais e lustres que mal permitiam a inteligibilidade dos espaços, e só os ricos, com luminárias de cristal, é que conseguiam em suas festas certa claridade abrangente. Sem dúvida foram os lâmpões chamados de 'belgas' que permitiram à classe média a iluminação capaz de reunir à volta da mesa a família toda em tertúlias que a lamparina, a candeia ou a vela foram incapazes de promover. No máximo, a luz bruxuleante do castiçal poderia reunir os familiares em rezas infundáveis à frente de oratórios abertos às ave-marias, depois do jantar. Foi com o dinheiro do café que as casas puderam ser iluminadas e ficar alegres - foi quando também se passou a receber convidados em jantares insuspeitados. Podemos imaginar, a partir daí, a importância da força elétrica ligada no interior das casas no início do nosso século. Foi uma verdadeira revolução. Melhor dizendo, foi uma revolução no que diz respeito às classes média e baixa do operariado porque, como sempre aconteceu, os ricos há muito tinham conhecimento das invenções destinadas à iluminação artificial." LEMOS, Carlos A.C.. *A República Ensina a Morar (melhor)*. Coleção Estudos Históricos, vol. 39. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999, pp. 68-69.

¹⁶ No almanaque de 1878 encontramos a seguinte propaganda: "À Bota de Ouro - Barrêre & Irmão - Este importante estabelecimento de calçado acha-se em condições de vender mais barato que outro qualquer visto que recebe seu sortimento directamente da Europa. Além disso, possui sempre o mais completo sortimento de calçado nacional e estrangeiro (...)" in FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da (orgs.). *Almanach Popular de Campinas para o anno de 1879: contendo além do calendario e diversos artigos de interesse geral, uma minuciosa secção de notabilidades profissionais, commerciaes e industriaes de Campinas*. Segundo Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1878.

¹⁷ "(...) os animais, criados no meio urbano, eram comumente abatidos nos quintais, quando não em ruas e terrenos baldios, não se tendo cuidado com os restos, que atraíam moscas e outros insetos, exalavam mau cheiro e causavam desconforto à população (...)" LAPA, op. cit., pp. 210.

¹⁸ O número de "carros" ou carroças que circulavam pelas ruas da cidade fora crescendo paulatinamente conforme a cidade se aproximava do século XX, chegando, no ano de 1908, a rodar pelas suas ruas 115 carroças

pelas ruas da cidade a preços módicos, distribuindo barulho e movimentação por onde passam¹⁹.

“No entanto, trata-se ainda da cidade onde a fumaça dos fordes se mistura ao odor do bucho e da carne vendida a domicílio, dos leiteiros que ordenham vacas e cabras à porta das casas, dos tripeiros com sua corneta de chifre anunciando miúdos de gado, dos sírios em carros envidraçados puxados a burro com suas quinquilharias de armarinho, dos vendedores de cuscuz, dos verdureiros e dos santeiros, dos ‘folheiros que se fazem anunciar batendo em frigideiras de ferro’, vendendo ou consertando bacias, cafeteiras, canecas e urinóis. Era a urbe dinâmica e já barulhenta, mas com um colorido de feira agrária. Ainda se matavam cobras no meio das ruas.”²⁰

Campinas, que cresce de um modo maduro, apresenta, nos idos de 1900, uma boa expressão deste sólido crescimento através das agências bancárias²¹, das casas de

particulares e “carros de praça”, como eram designados os carros de aluguel ou táxi na época. LADEIRA, José M.; OCTAVIO, Benedicto (orgs.). *Almanach de Campinas para 1908: contendo, além do calendário, a monographia de Campinas, informações uteis, relação das casas de commercio da cidade e dos bairros, etc.* Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1907.

¹⁹ “A maioria dos 837 fazendeiros da região tratava de acelerar a urbanização de sua lavoura e trocar o cabriolé pelo automóvel. Em 1915 já se noticiava atropelamentos nas ruas centrais da cidade. Entre 1913 e 1925, o número de veículos a motor havia subido de 71 para 4.411.” GOMES, Eustáquio. *Os Rapazes d’A Onda e Outros Rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista (1921-1925)*. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1992, pp. 21.

“No setor dos transportes, serviam os bondes de burros da Cia. Campineira de Carris de Ferro, os carros de praça fechados ou abertos, e mais os tilburis, cujos pontos de estacionamento localizavam-se em frente à Estação e no Largo do Rosário.” MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 10.

“O triunfo do motor a explosão viria em 1909, quando um Fiat 1901, o primeiro automóvel a rolar pelos paralelepípedos da rua Barão de Jaguará, estacionou frente ao Bar Cristofani.” GOMES, op. cit., pp. 16.

“Com o aparecimento dos automóveis, os velhos carros de praça foram aposentados não havendo mais oportunidade para o Abílio, Caruso, Porfirio e outros antigos e estimados cocheiros. Quem possuía um Ford, Benz ou Renault, era ‘gente bem’, como dizem os modernos cronistas sociais.” P. 12 MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 12.

²⁰ GOMES, op. cit., pp. 22.

²¹ “A rede bancária vai crescendo nas décadas de 70 e 80, correspondendo assim a expansão da praça financeira: Banco Mercantil de

importação e exportação, da indústria nascente. Este desenvolvimento econômico-financeiro tem, em sua gênese, a burguesia cafeeira, com o capital acumulado pela produção de suas lavouras, e a chegada dos imigrantes à cidade, introduzindo suas múltiplas formas de comércio e demonstrando as diversas facetas do conhecimento técnico nascido nas tradições familiares trazidas das terras situadas além-mar. Os pequenos comércios evoluíram para a formação de pequenas oficinas, às quais, com o tempo, agrega-se uma maquinaria sofisticada, que as transforma nas primeiras e pequenas fábricas de um incipiente processo de industrialização. Segundo Rosana Baeninger:

“A acumulação cafeeira permitiu que o excedente gerado passasse a ser aplicado em investimentos urbanos: expansão das ferrovias, empresas de serviço público, indústrias, bancos, sistema de armazenagem e comunicação.

A instalação de máquinas de beneficiamento expandiu-se tanto que, no final do século XIX, Campinas tornou-se um dos principais núcleos manufatureiros regionais. Em 1900, o município contava com 78 estabelecimentos diversos, permanecendo o setor metal-mecânico como o mais importante. Crescia o número de companhias estrangeiras instaladas no município, que possuía ainda dez agências bancárias”²².

O crescimento da cidade é um fator característico do processo de metropolização e reflete a realidade vivida pela então provinciana Campinas, capital agrícola, produtora do ouro verde; a industrialização acelerada é o reflexo da germinação dos ideais citadinos, sempre querendo ampliar seu horizonte de ação, atuando sobre seus objetivos e expandindo seus domínios territoriais.

Santos (1873), London and Brazilian Bank (1873), Banco Comércio e Indústria (1883), Banco União de São Paulo (1883), Banco dos Lavradores (1883), Banco do Brasil e Banco da Província”. LAPA, op. cit., pp. 38.

²² BAENINGER, op. cit., pp. 31-32.

A base para esta industrialização está no fato de existirem na cidade fábricas que utilizam o vapor como força motriz, exigindo vultosos empreendimentos financeiros para a aquisição, distribuição e fabricação de maquinário agrícola e bens de consumo. Esta gênese industrial levou a cidade para as exposições industriais, mostrando que possuía um campo propício para atrair investimentos estrangeiros, o que proporcionou um acelerado crescimento industrial. Mas não foi somente por causa destes investimentos que a cidade se modernizou.

As exposições marcam a presença da preocupação tecnológica em Campinas; alguns industriais que possuem instalações fabris na cidade participam destes eventos, ora demonstrando seu maquinário, ora observando a tecnologia empregada em outras partes do mundo. A cidade de Campinas participa das seguintes exposições: Exposição Agrícola do Rio de Janeiro (1875), Filadélfia (1876) e Exposição Regional de Produtos Agrícolas e Industriais de Campinas (1885)²³.

“O Clube da Lavoura, em 1878, resolve participar de uma grande Exposição Industrial e Agrícola na França, a convite de Felix Faure, presidente da Câmara de Comércio do Havre, enviando 2.134 sacas de café e expostas em Paris. Tal acontecimento serviu para aumentar as exportações para a Europa”²⁴.

Havia na cidade um estímulo ao consumo decorrente de uma incisiva propaganda inserida nos Almanques e jornais, que exploravam ao máximo a relação mercadoria-venda-novidade, estimulando os campineiros a estarem sempre atualizados com o que de mais recente era produzido na Europa – desde moda masculina e feminina, artigos de

²³ BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas: uma visão histórica*. Campinas: Editora Pontes, 1997, pp. 32.

²⁴ *Ibidem*, pp. 25.

tabacaria, até luxos mais caros como telefone, rádio, relógios e jóias do mais fino e puro ouro.

“Mas é sobretudo no comércio que se colocam os estabelecimentos franceses ou que vendem artigos importados daquele país, sempre anunciados como chegados no último pacote vindo da Europa, ou oferecem serviços modelados pelo refinamento francês, que se nota o alcance das mudanças na elegância e na etiqueta, tanto para o homem e a mulher, quanto para a criança e o adulto, com a variedade de produtos oferecidos por lojas [afrancesadas]...

A importação de produtos estrangeiros que abastece o comércio local abrange um fluxo de mercadorias, cujo volume, qualidade e variedade são realmente impressionantes no período considerado: perfumaria inglesa, charutos de Havana e Hamburgo, chá da Índia, manteiga inglesa, chocolate francês, cervejas Tennet, Bass, Christinia, chapéus da França, Inglaterra, Chile, Itália, Manilha etc., relógios ingleses Atlantik Cloch Works, ou James Pool & C., que davam corda sem chave! Relógios de algibeira suíços, como os de I. F. Bauthe ou Patek Philipp & C., vinhos do Alto-Douro, aguardente de ameixa do Canadá”²⁵.

Contudo, tais novidades batiam de frente com aquilo que os antigos moradores da cidade estavam acostumados em seu dia-a-dia, ou seja, com o lampião a gás, com a banda no coreto, com notícias nacionais e internacionais atrasadas, pois, como verificou o professor Amaral Lapa através dos registros de José de Castro Mendes, “(...) os jornais da corte [acabavam] chegando com atraso de cinco dias e noticiário do exterior, de dois meses!”²⁶

Através do empenho da burguesia local, a tecnologia avança desmedidamente e sem consultar a opinião das camadas menos favorecidas; as melhorias trazidas para a

²⁵ LAPA, op. cit., pp. 283 e 289. Como podemos conferir no processo n.º 5452 (cx. 209 4º of.) do ano de 1894, onde fez-se um Inventário do falecido Leon Hertz, próspero comerciante judeu da cidade. Este comercializava desde Botas Baskech para senhoras, Chinellas Clark, Bolças de Viagem Francezas, Bengalas [de diversos números], Gallochas de Borracha, Polainas de Verniz, Sapatos Velhos, até Vinho Bourdeaux.

²⁶ LAPA, op. cit., pp. 23.

cidade serão sempre bem vindas e festejadas com alegres bandas de música, fogos de artifício, danças²⁷; a construção de uma cidade, agora moderna, tem como seu principal objetivo atender à burguesia cafeeira. Segundo o professor Amaral Lapa:

“(...) esse processo, que (...) acaba por atingir a todos, tem a sua introdução beneficiando diretamente apenas uma camada da população, aquela que detém os meios de produção e, em consequência, o poder econômico e político. Essa camada, representada (...) pela aristocracia cafeeira que, ao longo do tempo, se metamorfoseará em alta burguesia, é quem se atualizará com o progresso, oferecendo, em troca dessa importação de bens, símbolos e padrões, a exportação da grande lavoura de um produto primário que manterá a estrutura subdesenvolvida de amplos contingentes da população, incapazes ou impedidos de usufruir das conquistas que os eleitos pelo capital reservaram para si”²⁸.

À tecnologia une-se a idéia da cultura francesa como base para a formação do indivíduo²⁹. Por conta deste fator, algumas casas comerciais serão beneficiadas por tal pensamento. Assim, a Casa Genoud³⁰, a sapataria A Bota de Ouro³¹, cujos proprietários

²⁷ Como exemplo, temos a festa proporcionada em 24 de junho de 1912, quando ocorreu a inauguração dos bondes elétricos. Vamos ao fato: “com grandes festividades inauguram-se os serviços de transportes pelos bondes elétricos da Companhia Campineira de Iluminação e Fôrça. Assistiram ao ato autoridades, pessoas gradas e grande massa popular, tocando no Largo do Rosário a Banda da Fôrça Pública do Estado.” MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 95.

²⁸ LAPA, op. cit., pp. 20.

²⁹ “Campinas civilizava-se, isto é, afrancesava-se. A língua francesa ficou sendo a segunda, após o Português, nas tradicionais famílias da cidade e mesmo pessoas de uma condição social mais baixa chegavam a aprendê-la.” BATTISTONI FILHO, Duílio. *Aspectos Culturais da História de Campinas*. Campinas: Mousinho, 1983, pp. 36.

³⁰ “A Casa Genoud, na rua Barão de Jaguará, mantinha uma espécie de salão para senhoras e Mme. Genoud trazia as últimas novidades de Paris. Aliás, ‘le grand monde’ de Campinas”. *Ibidem.*, pp. 51.

³¹ Sapataria dos proprietários judeus franceses João e Romão Barrère, localizada na rua Direita, 21 (atual Barão de Jaguará). Ema Camillo nos informa que “essa firma fabricava e também importava calçados das melhores fábricas estrangeiras. (...) Pela excelente qualidade de seus produtos teve-os expostos no palácio da exposição, onde foi realizada a 1ª Exposição Regional de Campinas, em 1885, cuja receptividade foi bastante grande”. In. CAMILLO, op. cit., pp. 72.

eram judeus franceses e o estabelecimento comercial de G. Bernard & V. Weill³², também de propriedade de judeus franceses, são exemplos de casas francesas que tiveram boa acolhida entre os campineiros, consumidores de primeira grandeza, exigentes ao adquirir as mercadorias ali comercializadas, o que reflete, também, a facilidade que estes mesmos estabelecimentos possuíam para adquirir e trazer, através de seus representantes na Europa, as últimas novidades de todas as espécies de mercadorias.

Ocorre uma aceleração do processo econômico-social como se a cidade quisesse recuperar o tempo perdido da última década do século XIX, marcada por uma abrupta interrupção de sua surpreendente escalada frente às demais cidades do interior do Estado, como também frente à própria capital.

A cidade recebe inovações constantemente, ora trazidas pelas casas de importação, ora com a ampliação e o melhoramento tecnológico das pequenas fábricas. Esta pluralidade de mercadorias que chegam às lojas, atende a um amplo universo de consumidores, os quais compram tais produtos apenas para subsistir, ou pelo prazer de possuir as últimas novidades vindas do exterior. Tais mercadorias eram divulgadas por

³² Conforme anúncio publicado no Almanak de Campinas para 1871: "Recebem directamente da Europa, por todos os paquetes, as mais modernas fazendas de seda, lã, cassa, etc., vendemo-as pelos preços do Rio de Janeiro.

Todos os artigos de modas, toucados, etc., para senhoras.

Completo sortimento de Roupa Feita.

Chapéos para homens, senhoras, meninos e meninas.

Tem sempre um grande sortimento de objectos de phantasia, proprios para presentes, ornatos de mesa, etc.

Grande variedade de ESPELHOS, de todos os tamanhos, com riquissimas molduras.

Papel, envelopes, cartões de visita, e objectos de escriptorio.

RICO SORTIMENTO de joias, relógios, correntes, medalhas, etc." in. LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

uma diversificada malha de comunicação, cujo objetivo era atingir a totalidade do público consumidor³³. A profusão de novidades demonstra o permanente comércio existente entre o interior do Estado e as cidades européias, principalmente Paris, que se destacava pelo avanço cultural de uma civilização em constante estado de *belle époque*. No testemunho de Vitalina Pompêu, “havia em Campinas, em áreas remotas, em muitas casas que se forneciam diretamente de tudo na Europa, e faziam também as famílias, encomendas de tôda a ordem de cousas para grandes casas de Paris, desde vestuário, serviços de mesa e de cama, de apurado gôsto, roupas de uso, e assim, mobiliários artefatos, objetos de arte, prataria, porcelanas e cristais”³⁴. Na análise de Odilon Nogueira e Maria Lúcia, “importante ressaltar que, em todo esse comércio local, predominava a influência francesa, tanto para a moda no trajar-se, como igualmente no falar e no comer”³⁵.

Entre o farfalhar de um vestido e o som ritmado dos saltos, sapatos e bengalas, o monóculo e o *pince-nez* vêm à sua porta o despontar da modernidade. A liberdade nas roupas avança para dentro das casas, impondo às pessoas outras maneiras de se vestir. Nicolau Sevcenko expõe, de forma precisa, esta mudança de hábito. Segundo ele:

“os rapazes raspam barbas e bigodes, aparam o cabelo rente, frisado a fixador, trocam o bordão pela gravata, o patacão pelo relógio de pulso, o ‘pince-nez’ pelos óculos de aro, a casaca pelo ‘pullover’, o chapéu pelo boné automobilístico ou de caça...

³³ Segundo José de Castro Mendes, “os reclames e a propaganda comercial, além das publicadas nos jornais, folhetos e muros, às vezes eram feitos por meio de carroças e bondes, onde havia um sino ou banda de música, anunciando as novidades.” MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 14.

³⁴ QUEIROZ, Vitalina Pompêu de Souza. *Reminiscências de Campinas*. Campinas: s.e., 1951, pp. 32.

³⁵ MATOS, Odilon Nogueira de; RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. *Um Pouco da História de Campinas*. Campinas: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, 1985, pp. 69.

O grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como se poderia esperar, com a mudança dos hábitos e trajas femininos... Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos, agregados de roupas brancas, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca, davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem”³⁶.

Em Campinas, “a moda francesa é ditadora absoluta no que diz respeito ao traje feminino: sapatos, vestidos, roupa branca, luvas, chapéus, tudo obedece às suas regras. A mulher campineira de uma certa classe veste-se e calça-se de acordo com a moda parisiense, enquanto os homens usam românticas cabeleiras à Alfred de Musset e barba à Napoleão III e vestem-se no Henri Bloch et Frères”³⁷.

A aceleração dos ritmos causa *frisson* e faz trepidar os salões dos clubes onde os dançarinos arriscam novos passos, experimentando estilos recém lançados na América do Norte³⁸ e sempre reforçados por uma comida leve, porém necessária para que se

³⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 49-50.

³⁷ BATTISTONI FILHO, Duílio. *Aspectos Culturais da História de Campinas*. Campinas: Mousinho, 1983, pp. 25.

³⁸ Eustáquio Gomes, lendo Antônio Ferro, nos informa que, ao som do jazz-band e do shimmy, que caracterizam os anos 20, percebe-se um sentido de libertação, o qual pode ser percebido através da dança, onde o “o jazz-band frenético, diabólico, destrambelhado e ardente, a grande fornalha da nova humanidade”. Através da dança, cada homem passa a agitar em si um ‘fantoche’ e cada mulher uma ‘boneca’, processando-se assim, pela ‘desarticulação dos corpos’, uma fuga do ‘peso da alma’”. GOMES, op. cit., pp. 116. Por decorrência das vendas de gramofones e vitrolas, o surto rítmico expande, de forma que outras cadências musicais aportassem no Brasil com maior rapidez. Neste sentido, o maxixe, o tango, o fox-trot, o one e two steps, o cake-walk, o rag-time, o jazz e o shimmy, compunham um amálgama de tempos diferentes que simbolizavam a modernidade de outras plagas (SEVCENKO, op. cit., pp. 90), mas que não demorariam para chegar a Campinas. A Gazeta de Campinas informa, em 15 de novembro 1924, “o lançamento, em Paris, de uma variante do shimmy e do fox-trot - o fox-blue: ‘Não demorará muito e tê-la-exos nos salões do Rio’, diz a nota, ‘então não custará a chegar a esta terra de Campinas’”. GOMES, op. cit., pp. 114.

consiga chegar ao final do baile, às altas horas da madrugada³⁹. A música muda de ritmo, também embalada pelo tempo. Um tempo mais agitado que transforma as antigas bandas de coreto, que tocavam músicas para se ouvir, em orquestras de salão que agora tocam ritmos para serem ouvidos e dançados e que acabam também por dinamizar a vivência cidadã⁴⁰.

A população cresce vertiginosamente, fazendo com que ocorra cada vez mais uma diminuição da distância entre as múltiplas culturas existentes no ambiente urbano. Como a importação cultural está ao alcance de todos, poucos são os lugares onde se privilegia a entrada da fina nata da sociedade campineira⁴¹. Os ambientes públicos caracterizam-se pela multiplicidade das línguas faladas, fato provocado pela entrada maciça de imigrantes na urbe⁴²; em determinados locais e horários, a cidade polifônica apresentava-se com toda a sua majestade, utilizando toda a sua malha urbana para realizar as inevitáveis trocas culturais; tal agitação poderia levar a pensar que foram apenas estes imigrantes os responsáveis pelo progresso – em forma de modernização – da cidade.

“Esse progresso, parece, deve principalmente ao elemento estrangeiro, alemão, inglês, escossês, etc., que provocou e

³⁹ Segundo José de Castro Mendes, “os bailes eram animadíssimos. Dançava-se a valer até meia-noite quando então era executada a valsa especial, a célebre “Mogiana”, escrita para a sociedade [do Clube Mogiana, onde se realizavam os bailes]. Depois disso, corriam as bandejas de salgados, doces e chocolate, reforçando as energias para a continuação da festa que prosseguia até o sol raiar.” MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 14.

⁴⁰ Um ótimo trabalho a respeito das músicas que se ouviam em Campinas de outrora será encontrado no livro NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Música em Campinas nos Últimos Anos do Império*. Coleção Campiniana, n.º 21. Campinas: Editora da UNICAMP: CMU, 2001.

⁴¹ Como, por exemplo, o Clube Campineiro, o Jockey Club de Campinas, o Clube Semanal.

⁴² “Há lojas como O Louvre, à rua Direita n.º 37, onde ‘falla-se Portuguez, Allemão, Francez e Inglez’.” LAPA, op. cit. pp. 289.

conseguiu no tratamento, no preparo do café e sua cultura indígena, enormes aperfeiçoamentos.

Os fazendeiros tiveram o bom senso de se dirigir aos colonos estrangeiros, e, quando soou a hora da emancipação, fizeram um apêlo gigantesco à imigração européia. Também acha-se o imigrante no Brasil como em sua própria casa e sua presença dá a Campinas aspecto todo cosmopolita.

Existiu sempre em Campinas número favorável de facultativos estrangeiros, que se tornaram credores da estima e da amizade da população prestando seus serviços com grande dedicação e contribuindo com suas luzes e sua prática em países mais adiantados, para a civilização dos costumes familiares e da grande família campineira, de higiene, da habitação e da alimentação”⁴³.

Resana Baeninger explica que “a entrada do elemento estrangeiro no Estado de São Paulo foi, do ponto de vista demográfico, fundamental para o crescimento, composição e distribuição da população. Do ponto de vista econômico, propiciou o desenvolvimento agrícola e industrial. Em 1905, um terço das propriedades agrícolas pertencia a estrangeiros, ultrapassando 50% em 1920, sendo que 80% das indústrias tinham como proprietários: italianos, ingleses, suíços, franceses e, sobretudo, alemães”⁴⁴. De forma mais enfática, escreve Eustáquio Gomes: “Para essa atmosfera de idealização cosmopolita contribuía certamente o incremento da mão-de-obra européia a partir de 1890, quando esse contingente já representava 21% da população local. (...) Por volta de 1910, a maioria desses estrangeiros já estava perfeitamente estabelecida no mercado de trabalho e passava rapidamente do artesanato para a manufatura, da lavoura para a indústria, muitas vezes como proprietários. A segunda economia do estado mantinha-se às custas da lavoura cafeeira mas também de numerosas caldeirarias, olarias, refinarias de açúcar, gráficas, alfaiatarias, sapatarias, relojarias, livrarias,

⁴³ QUEIROZ, op. cit., pp. 6-8.

⁴⁴ BAENINGER, op. cit., pp. 37.

farmácias, corretoras de café, casas de câmbio e lojas de tecido que se espalhavam pelas ruas centrais e pela periferia. Nesse mesmo ano um levantamento da prefeitura indicava que dos 6.188 prédios do perímetro urbano, mais da metade pertencia a cidadãos portugueses, italianos, alemães, espanhóis, franceses, americanos e ingleses⁴⁵. Duílio Battistoni Filho, referindo-se às pequenas fabriquetas nos revela que “este comércio muito deve aos imigrantes. Muitos deles primeiramente estavam estabelecidos no campo, todavia, aos poucos começam a abandoná-lo, por ver no trabalho rural muita humilhação, em um país onde ainda predomina o trabalho servil. O abandono dos cafezais faz com que surja uma nova classe, a dos artesãos, que futuramente engrossaria as fileiras da classe operária”⁴⁶.

A modernização também avança para os estilos de construção, demonstrando os primeiros sinais das mudanças impostas pelos hábitos europeus e norte-americanos. Assim, as novas habitações substituirão as antigas estruturas que marcaram as construções do início do século XIX, feitas de pau-a-pique⁴⁷ e taipa de pilão⁴⁸, pela alvenaria, na qual o ferro, o cimento e o concreto, juntamente com os tijolos, levantam uma casa em poucas semanas⁴⁹. As casas passam a apresentar um outro aspecto, a

⁴⁵ GOMES, op. cit., pp. 14-15.

⁴⁶ BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas: uma visão histórica*. Campinas: Editora Pontes, 1997, pp. 32.

⁴⁷ Segundo o Dicionário Aurélio, o verbete *pau-a-pique* significa: “Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro; taipa.” FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s.d., pp. 1048.

⁴⁸ Segundo o Dicionário Aurélio, o verbete *taipa* significa: “Parede feita de barro ou de cal e areia com enxaiméis e fasquias de madeira; tabique, estuque, taipal, pau-a-pique (...). Taipa de mão - taipa de barro atirado com a mão. Taipa de pilão - taipa de cascalho e saibro socados.” FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s.d., pp. 1348.

⁴⁹ “A taipa, marca registrada da arquitetura campineira, aos poucos deixa de ser usada, quando, em 1867, foi instalada a Olaria de Sampaio

funcionalidade⁵⁰, mas não abandonam seus antigos espaços⁵¹ que são preenchidos pelos novos costumes e objetos da recém incorporada modernização⁵². Mas, com relação às pessoas menos abastadas, a modernidade tarda. Segundo Carlos Lemos:

“Para a cidade de São Paulo, o café, logo depois de chegado à zona campineira, trouxe novidades próprias da Revolução Industrial e, a partir de 1885, imigrantes em lévas cada vez maiores, somente estancadas com a Grande Guerra de 1914. Trouxe modernas tecnologias atreladas à alvenaria de tijolos, novos materiais de acabamento e outros critérios de morar para os ricos, que passaram por um processo civilizatório e assumiram o ‘morar à francesa’. Trouxe para a cidade profissionais liberais qualificados –

Peixoto, com máquinas para fazer tijolos de toda natureza, inclusive furados. (...) Sua influência foi enorme, pois modificaria as novas construções que iam surgindo na cidade.

Com o tijolo, novos programas de habitação, novas fachadas, novas soluções de composição, em que os vazios das janelas passa a predominar sobre os cheios. Casas mais abertas, mais ensolaradas.” BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas: uma visão histórica*. Campinas: Editora Pontes, 1997, pp. 36-37.

Segundo Benevolo, com a Revolução Industrial, “os materiais tradicionais, pedra, tijolos e telhas, madeira, são trabalhados de modo racional e são distribuídos de maneira mais liberal; a eles, juntam-se novos materiais, tais como o ferro gusa, o vidro e mais tarde o concreto; os progressos da ciência permitem que os materiais sejam empregados de maneira mais conveniente e que sua resistência seja medida (...).” BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, pp. 35.

⁵⁰ LEMOS, Carlos A.C.. *A República Ensina a Morar (melhor)*. Coleção Estudos Históricos, vol. 39. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999, pp. 25.

⁵¹ “Afiml, a cozinha se definia. Nas casas antigas, não tinha ela situação muito clara - chegava mesmo a ficar separada da casa ou era subdividida em duas, a do quintal e a do ‘puxado’. Nas casas de tijolos, o que vale dizer com influência dos imigrantes, no início, o fogão a lenha fumarenta foi até um estorvo nos lares modestos, isolado num cubículo que nem merecia o nome de cozinha porque as atividades do preparo culinário eram exercidas na varanda. Foi então, com a recente divulgação do fogão a carvão vegetal, que a casa mediana de São Paulo passou a possuir cozinha mais cômoda.” CARLOS, op. cit., pp. 68.

⁵² Segundo Carlos Lemos, “(...) até o mobiliário foi mudado, com o abandono total da peças Luís Felipe do início do ciclo cafeeiro. Com a República, os móveis das novas casas de alvenaria passaram a ostentar o mesmo sistema estrutural tectônico dos tempos antigos anteriores à marcenaria de inspiração inglesa dos tempos de D. João V, isto é, estruturas empregando peças retilíneas unidas por sambladuras com a exclusividade do ângulo reto. Nada de segmentos curvos, de assentos circulares. Marcenaria que abusava, também, de torneados, não só nos pés das mesas ou cadeiras, mas ainda nos pormenores de seção de meio anel encostados ou arrematando painéis lisos de madeira escolhida.” CARLOS, op. cit., pp. 69-70.

engenheiros, arquitetos e médicos com estudos fora do país que vieram dar à sociedade outro lustre, tirando dos bacharéis da Academia local a primazia e exclusividade no ditame das normas. Trouxe novos conhecimentos científicos relativos à saúde e higiene da habitação. No entanto, o café não carrou apenas benesses e vantagens advindas do progresso europeu. Ao lado da garantia de bom passadio a alguns, também atraiu a outros tristezas do mal-morar porque a carência de moradia se agravou ao desespero fazendo surgir o cortiço promiscuo e insalubridade, programa nunca imaginado por estas bandas. Apareceu na cidade a casa incompleta. De fato, a abastança chegada com o café atraiu muitas e incalculáveis vantagens à sociedade local mas também fez surgir problemas decorrentes de imprevistos adensamentos populacionais motivados pela descontrolada imigração, de início justificada pela lavoura, mas que acabou satisfazendo demandas urbanas das atividades terciárias e, também, das crescentes secundárias da cidade que se preparava para a industrialização.”⁵³

Bares e confeitarias⁵⁴ se apresentam como lugares comuns de trocas culturais entre os diversificados grupos que participavam do cotidiano urbano. A existência de tais locais demonstra a necessidade que têm as pessoas de conviverem enquanto saboreiam seu chope (os mais abastados)⁵⁵ ou sua cerveja (para as classes menos

⁵³ CARLOS op. cit., pp. 14-15.

⁵⁴ No ano de 1878 foi catalogado pelo senso a presença de 5 botequins pela cidade. Já no ano de 1914, podemos verificar a catalogação de 105 botequins. Um avanço numérico impressionante, mas que segue a crescente urbanização da cidade. Em relação às confeitarias, elas permanecem numa margem entre 2 a 4 em cada ano de catalogação para organizar os almanaques. Segundo nos informa Lenita Waldige: “O crescimento da cidade teve como consequência o incremento da circulação urbana e da sociabilidade, favorecendo amplamente o comércio de bebidas alcoólicas. Sabe-se que, na região da atual Rua Santa Cruz, então chamada Rua da Pinga, havia vários estabelecimentos para a fabricação de bebidas. A instalação de botequins e cervejarias no centro da cidade acirrou a concorrência, e, na busca pelos fregueses, todo tipo de esforço era válido”. NOGUEIRA, op. cit., pp. 242.

⁵⁵ “Com a simples despesa de 600 réis, preço de um saboroso chope, qualquer cavalheiro, sem que ninguém o molestasse, passava horas sentado, ouvindo trechos de óperas, operetas ou melodiosas valsas vienenses.” MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963, pp. 14.

favorecidas)⁵⁶. Se uns ouvem árias e valsas, sentindo no paladar o *blend* dos charutos importados, comprados na “Casa Havaneza ou na À La Rosa Habanera, ambas com estoque de charutos de Havana, Hamburgo e Bahia”⁵⁷, outros preferem o sussurrar das meretrizes com suas cigarrilhas nacionais e perfumes baratos da rua Alegre, pois, segundo nos informa Edmo Goulart, “(...) era ali o reduto onde as meretrizes exerciam sua ocupação, dentro de antigos casebres separados apenas por biombos e que hoje chamaríamos de cortiços ou malocas”. E continua: “A batalha contra esse estado de coisas já se iniciava em 1882. Vejamos o que dizia uma folha local sobre o escabroso assunto: ‘Campinas, em relação à prostituição é a Meca das viciosas. Cremos que nenhuma delas espera salvar-se sem beber as águas deste lugar. Nacionais ou estrangeiras, em casas públicas ou de aluguel, elas ostentam um luxo desmedido, afrontando a população honesta com seus meneios e esgares reveladores da profissão, atulhando os teatros e passeios, enxotando as famílias que se prezam os brios. Há tempos passados, a autoridade policial quis contá-las, numerá-las e rubricá-las, mesmo à guisa de Pombal. Elas se levantaram rugiram de indignação, tomaram advogados e provaram com a lei o seu direito. A autoridade baixou a cabeça e mandou-as em paz’. A antiga rua Alegre é hoje a avenida Senador Saraiva, a qual ganhou nova forma após o

⁵⁶ “Domingos Breglio, por muitos anos, deliciau o povo campineiro com seus famosos produtos e dentre eles, a inesquecível cerveja conhecida como marca ‘Barbante’, de sabor inigualável, custando na época apenas duzentos réis. Esse original título, que o povo havia dado àquela cerveja, não a desvirtuava de maneira nenhuma; como era de boa qualidade, a preço acessível a qualquer bolsa, tornou-se popular.”
SESSO JUNIOR, Geraldo. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, 1970, pp. 65.

⁵⁷ LAPA, op. cit., pp. 284.

Plano já citado que a “transformou radicalmente de rua estreita na grande avenida de hoje, através de desapropriação de inúmeros prédios do lado da numeração ímpar”⁵⁸.

As *bombonieres* que vendiam quitutes e geleias e serviam chá ao entardecer, passam a estender seu horário de funcionamento, acrescentando em seu cardápio duas bebidas condizentes com as mudanças sociais, econômicas e industriais de uma cidade que civilizava-se: o café e a Coca-Cola. Para acompanhar estas bebidas, foi necessário acrescentar ao “chá” outros ritmos⁵⁹. Se depois desta nostalgia de ritmos e estimulantes “naturais”, as pessoas ficassem com dor de cabeça, bastava tomar a nova pílula da Bayer, a Aspirina, que pretendia renovar a “ENERGIA”, dar maior “POTÊNCIA” ao organismo, oferecendo uma grande “EFICIÊNCIA”⁶⁰.

Por todos os lugares onde a vista dos campineiros alcançava, haviam marcas da civilidade. As propagandas dos novos produtos que acabavam de chegar da Europa, a eletricidade invadindo as casas e as ruas, proporcionando uma noite mais clara e um dia mais longo, a diversificação dos produtos e das lojas, a quantidade e qualidade da mão-de-obra oferecida, as melhorias públicas disponibilizadas, como o tratamento da água e a ampliação das galerias de esgoto, a arborização das praças e avenidas, o alargamento das ruas, etc., proporcionam à população citadina, uma vivência com ares de além mar.

Segundo Valter Martins:

“Foi a partir de 1872 que a cidade passou a experimentar uma sucessão de mudanças importantes. A chegada da Ferrovia Paulista,

⁵⁸ GOULART, Edmo. *Campinas: ruas da época imperial*. Campinas: Editora Maranata, 1983, pp. 26-27.

⁵⁹ Nicolau Sevcenko, baseando-se em jornais de São Paulo, relata que “(...) as próprias lojas finas da cidade, para atrair clientela feminina, tiveram que transformar seu tradicional ‘chá das cinco’ em um, a partir de então superlotado, ‘chá dançante’ ‘em que tomar chávena é pretexto e dançar maxixe a razão”. SEVCENKO, op. cit., pp. 90.

⁶⁰ SEVCENKO, op. cit., pp. 83-84.

ligando Campinas a Jundiá e daí a São Paulo e Santos, marcou uma nova fase no desenvolvimento da região, não apenas econômica. A vida social tomou novo impulso e, para os contemporâneos, ganhou 'uma feição mais civilizada'. Era a pequena cidade que crescia e se transformava mas os caminhos desse processo eram por vezes tortuosos⁶¹.

Campinas, cidade que traz em sua história marcas fortes da escravidão, avança pelo século XX com os resquícios daquela época, como os libertos que procuram trabalho. Cresce também o número das associações filantrópicas, através das quais a sociedade procura atender os menos favorecidos. Antigos senhores de terra tomam-se comerciantes e industriais, na medida em que se abandona, aos poucos, a lavoura, em favor da expansão do território urbano para áreas antes impensáveis; é a cidade conquistando espaços, solos, vales.

Uma cidade que se expande, muda; muda não somente em seu tamanho, mas nas atitudes de seus moradores, no ritmo imposto em sua área central, nos cheiros característicos de suas áreas mais afastadas (ou até mesmo nas áreas centrais⁶²), impondo leis que determinam a própria circulação, o ir e vir, o falar, a limpeza, a caminhada; ou seja, o avanço da tecnologia estabelece novos hábitos, desde a vida privada, com os anúncios em jornais divulgando estilos diferenciados de se vestir ou de como se comportar à mesa, como também na vida pública, promovendo alterações no calçamento das ruas e passeios, impondo aos pedestres e aos veículos seus determinados

⁶¹ MARTINS, op. cit., pp. 116.

⁶² "Duas grandes praças da cidade, as atuais Carlos Gomes e Corrêa de Mello (atual Mercado), apresentavam terrenos pantanosos e brejos, sobre os quais a Câmara despejava o lixo recolhido em toda a cidade! O resultado era a concentração de animais e insetos nesses locais, com nuvens de pernilongos, atraídos pelos detritos em decomposição e pelo mau cheiro que exalavam, comprometendo definitivamente a salubridade." LAPA, op. cit., pp. 202.

lugares, horas e paradas; a iluminação, o telégrafo, o telefone, constituem e consolidam uma nova mentalidade a respeito da vida em sociedade.

Entre a rua e a casa há um espaço: o passeio, regulamentado em 1928 quando a Câmara promulgou a Lei 401 referente às normas de construção, reconstrução e recuo de prédios. Nesta Lei, há uma parte especial no que diz respeito ao passeio:

“Art. 7º - Os proprietários de prédios ou terrenos nas vias públicas do perímetro urbano, em que haja guias, são obrigados a fazer o passeio correspondente às frentes de suas propriedades, com a largura e nivelamento determinado pelas guias. (...)”

Art. 8º - Para todos os efeitos da legislação Municipal, as seguintes palavras ficam assim definidas: (...)”

9 – PASSEIO, CALÇADA: a) – Passeios são as faixas marginais das vias públicas destinadas aos pedestres. b) – calçada de um prédio é a parte do terreno de propriedade particular, ao redor do edifício e junto as paredes do perímetro revestidas de material impermeável”⁶³.

É neste passeio que ocorre o contato ou até uma troca direta entre a casa, um ambiente familiar, restrito, fechado, e a rua, lugar público por excelência, de trânsito intenso, de olhares curiosos, de ouvidos afiados.

Entre a porta semi-aberta, entre a fresta da janela, os enamorados trocam olhares, os amigos se cumprimentam, as afinidades transbordam a própria pessoa, expondo suas fraquezas, sua segurança, seus pressentimentos. A linguagem corporal diz tudo, desde um simples aperto de mãos, ou mesmo o retirar do chapéu expressando “bom dia” ou “olá”⁶⁴.

⁶³ Câmara Municipal de Campinas. Leis, Resoluções e mais actos promulgados durante o anno de 1927. Campinas: Typographia Casa Mascotte, 1928, pp. 37-43.

⁶⁴ Câmara Cascudo, escrevendo o tópico 1 da *História dos Nossos Gestos*, explica que “o Gesto é anterior à Palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da Voz. As áreas do Entendimento mímico são infinitamente superiores à comunicação verbal. A Mímica não é

Por entre as ruas, as pessoas se cruzam, se olham, vêem refletidas nos outros sua própria diferença num ambiente que cisma em igualar, numa constante anulação da *persona*, da própria vida, cultura, projetos, língua.

Neste mesmo tempo, dois fatores marcam a sociedade local (seja ela “nacional” ou “imigrante”): ocorre um desenraizamento no espaço, este ligado diretamente aos imigrantes que lutam para manter suas tradições e não perder sua cultura na sociedade que os acolhera; procuram promover uma união em torno de algo escolhido pela própria comunidade, seja um bairro, uma família, uma casa, uma instituição; às vezes também ocorre um processo de assimilação, ou seja, a troca dos valores tradicionais e religiosos de uma sociedade pelos de outra. Enquanto isso, a sociedade local, principalmente a rural, sofre de um desenraizamento no tempo, uma vez que se encontra “atrasada” perante os avanços impostos pela tecnologia.

Se, por um lado, as antigas famílias (ricas ou pobres) não sofriam desenraizamento do espaço pois que o local de morada era o mesmo desde o nascimento, encontrando nele suas raízes de identificação, os imigrantes não padeciam do desenraizamento do tempo, pois as questões das inovações tecnológicas estão há muito presentes em seu cotidiano. O confronto entre a memória da vida européia e a vida provinciana é percebida através da vivência na cidade, pois, se para uma população “rural”, que media o tempo pelo movimento dos astros, a novidade é vista com espanto, uma maluquice, um despropósito de máquinas, sons e fumaça, existem aqueles que já

complementar mas uma provocação ao exercício da oralidade. Sem gestos, a Palavra é precária e pobre para o entendimento temático. (...) O Gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem”. CASCUDO, Luis da Câmara. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1987, pp. 10.

estão acostumados com as melhorias urbanas proporcionadas pelo avanço tecnológico, ou seja, os imigrantes e os fazendeiros que iam à Europa duas, três vezes por ano. A estes a modernidade significava um alívio para a árdua e penosa vida dentro da cidade.

Segundo a análise de Sevcenko:

“Salta aos olhos a discrepância dos impulsos inscritos nesses dois mitos: constringente no primeiro, centrípeto no segundo. Se havia no interior da sociedade grupos mais afeitos a um desses modos de representação da cidade, do que ao outro, o provável é que ambas as tendências se chocassem constantemente no íntimo de cada habitante. Aos anseios de comunidade dos desenraizados no espaço correspondiam os anseios de continuidade histórica dos desenraizados no tempo. Situações que se entrecruzavam, porque a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era a sua ruptura com o passado recente. Afóra uma inexpressiva minoria, que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa”⁶⁵.

A presença estrangeira dentro da cidade de Campinas, podia ser constatada quase que exclusivamente em sua área urbana, uma vez que as condições do trabalho rural ainda apresentavam resquícios escravocratas. Rosana Baeninger, em obra já citada, escreve que “em 1918, segundo o recenseamento realizado pela prefeitura de Campinas, o contingente estrangeiro era de 24.515 pessoas, correspondendo a 23,3% do total populacional”⁶⁶.

A participação do imigrante na economia local era significativa e já existiam alguns locais para a divulgação, propagação, encontro, formação de idéias, pessoas e partidos. Constituindo uma ampla mão-de-obra, eram detentores de diferentes

⁶⁵ SEVCENKO, op. cit., pp. 40.

⁶⁶ BAENINGER, op. cit., pp. 35.

qualificações e ofícios, como alfaiate, chofer, comerciante, açougueiro, etc.. Isto demonstra uma participação ativa na vida urbana da cidade de Campinas, conduzindo a uma outra observação, qual seja, a da formação de uma sociedade múltipla, polifônica, com tradições diversas e tendo como característica a aceitação da presença do estrangeiro em seu seio.

Toda esta sociedade, neste ambiente urbano múltiplo, vive em constante mutação. Uma cidade é um órgão que pulsa conforme os movimentos sociais que nela se agitam. O homem, como integrante ímpar desta urbe, tem como objetivo único a vida em sociedade. Neste ambiente, os homens de diferentes castas, origens e línguas, têm de construir uma sociedade singular, ou seja, o homem, interagindo com outros homens, constituindo uma sociedade nova, diferente (neste caso, diferindo daquela existente antes do início do processo da imigração). Mas, é preciso registrar que o homem também muda neste processo (que em si não é estático), pois ele também vai alterando o seu caráter, seus hábitos (e, quem sabe, sua tradição), em razão das mudanças da sociedade, ou melhor, por conta do convívio com outros homens.

Constata-se então que o imigrante, no caso em estudo, o judeu, foi um dos fatores que contribuíram para a construção de uma outra realidade cidadina, baseada em relações sociais pautadas pelo mercado e suas leis de oferta e procura, possuindo uma liberdade de pensamento, de credo e política, que incentivaram o cidadão de uma cidade interiorana do Estado de São Paulo, a viver o século XX conforme os padrões europeus e norte-americanos⁶⁷. Interessa aqui retratar como uma sociedade interiorana altera e é

⁶⁷ Em especial SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

sujeita à alteração de seus costumes, hábitos e pensamentos conforme a presença deste imigrante, seja pelo afeto ou pela mercadoria, chega a seu lar, sua rua, sua praça, estando à mesa do café-da-manhã, do almoço, no teatro, enfim, em todos os lugares, públicos ou privados. Esta cidade que abraça os ares europeus e é embalada pelos ritmos americanos, possui em sua trama urbana uma população múltipla, disponibilizando uma oportunidade ímpar a seus cidadãos de entrarem em contato com outras línguas, religiões, culturas. Esta cidade passa, assim, por constantes processos de transformação social, nos quais as pessoas que nela residem, constituem-se nos ingredientes necessários para que ocorra este entrelaçamento cultural, esta metamorfose social, dispostos num contexto único que é a cidade de Campinas.

OS JUDEUS NA CIDADE – SEUS ESPAÇOS DE VIVÊNCIA

“A colônia israelita, não podia, naturalmente, ficar alheia a esse dynamismo”⁶⁸.

A comunidade judaica instala-se em Campinas desde meados do século XIX, mais precisamente em 1854, quando se encontra a primeira referência a respeito de sua presença na cidade e observa-se que suas moradas e seus diversos ambientes procuram privilegiar e facilitar a ocorrência de trocas culturais. Seus espaços eram bem determinados e tanto podiam ser lojas das mais variadas mercadorias, como também os cafés, as praças, ruas e esquinas que freqüentavam. Um ambiente singular e plural;

⁶⁸ “Em Campinas”. In. *A Notícia: Edição semanal da “A Gazeta Israelita de São Paulo”*. Anno I. n.º 7. São Paulo, terça-feira, 2 de julho de 1935, pp. 3.

singular em sua natureza como cidade, plural por conta dos imigrantes que dialogavam diretamente com a cidade, ora apresentando-se como uma mão-de-obra barata, ora como um consumidor direto, ou ainda como um novo produtor de bens de consumo a possibilitar a contínua expansão do comércio e da indústria na cidade.

Campinas, que nesta época apresentava traços marcantes da cultura gaulesa, em nada restringiu a presença judaica que aqui começava a se estabelecer por definitivo. Além da língua portuguesa, era comum o uso da língua francesa como um fator importante para a determinação da posição cultural; nas famílias mais abastadas, era obrigatório o uso corrente do francês, como sinal de civilidade. Este fato facilitou a vida dos judeus aqui residentes, eliminando uma barreira que poderiam encontrar para se comunicarem com a população “nativa”. A língua francesa, por assim dizer, era aceita e difundida no convívio citadino, entre todos os níveis sociais.

Do comércio existente na área urbana da cidade de Campinas, como visto anteriormente, prevalecia o dos estrangeiros no que diz respeito aos itens de vestuário e utensílios para casa, uma vez que possuíam contatos com estabelecimentos europeus, e possibilitavam vantagens no pagamento; a redução da concorrência local era garantida através de um trabalho com base na qualidade, quantidade e preços melhores do que os dos produtos até então comercializados. Dentre os comerciantes que obtiveram sucesso no comércio campineiro, no decorrer das últimas cinco décadas do século XIX, estavam os imigrantes judeus que abriram várias frentes de trabalho, tais como: joalheiros, lojistas de pano, roupas feitas, roupas usadas, cocheiros, relojoeiros, ferreiros, lojistas de calçados e couros, marceneiros, alfaiates, cervejeiros, professores secundários, sapateiros, produtores de licor, leiloeiros e tradutores.

A comunidade judaica residente em Campinas até os anos finais do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1870 e 1899, era pequena – chegando a 37 homens⁶⁹ – porém muito atuante na cidade, tanto em sua área mercantil, contribuindo com a diversificação de produtos vendidos, como oferecendo uma mão-de-obra especializada, ou até mesmo trabalhando em fabriquetas próprias destinadas ao consumo local. Também se registra uma parcela da comunidade judaica formando uma associação cultural⁷⁰.

Os poucos dados encontrados possibilitam presumir como viviam, o que possuíam e como se organizavam estes judeus franceses. Breves relatos de histórias familiares ajudam a trazer algumas informações: assim, no dia 12 de novembro de 1860, falece Adelia Abraham, deixando na cidade seu esposo Lazare Abraham e dois filhos, Eleonora Abraham de 3 para 4 anos e Alberto Abraham com 1 ano e meio. Além deles, a falecida deixa uma loja de fazendas em sociedade com seu marido. Com o passar dos anos, mais precisamente em 09 de abril de 1870, Lazare Abraham decide fazer a partilha de sua loja, dividindo-a entre seus filhos, Eleonora, agora com 13 anos, e Alberto com 11. Para tanto, os órfãos maternos teriam que possuir um tutor, sendo designado seu avô

⁶⁹ Por haver poucos registros que indicam o núcleo familiar desta coletividade, fica-nos difícil aprofundar nas análises; entretanto, é provável que sua maioria seja casado em razão da importância da família e, principalmente, da mulher e mãe, para a manutenção dos ritos judaicos. “Tradicionalmente, as obrigações religiosas das mulheres eram centradas em torno do lar e da família e ela ficava isenta de diversos dos mandamentos que os homens eram obrigados a executar”. KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. 3ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Séfer, 2001, pp. 25.

⁷⁰ Encontramos nas ruas de Campinas, nos anos finais do século XIX, Lazare Abraham e Leon Hertz & Romain Barrère comercializando artigos europeus e roupas feitas, Daniel Jacob e Jacob Stucki, marceneiro e ferreiro, Joaquim & João Jacob Boemen, com sua fábrica de cerveja, bem como a *Société Française 14 Juillet*, fundada em 1885, e era dirigida por Henrique Bloch.

Carlos G. Julio. Nesta partilha estão descritos, item por item, tudo o que se vendia nesta loja de fazendas, e seu respectivo preço. Ao término do rol de produtos, chega-se ao montante de 29:772\$340 réis, cabendo a cada filho de Lazare a quantia de 14:886\$170 réis⁷¹.

Casado em primeiras núpcias com Celestine Hertz, Leon Hertz falece no dia primeiro de maio de 1894, deixando sete filhos: Luiz, 24 anos, solteiro; Eugenio, 23 anos, solteiro; René, 18 anos, solteiro; Camillo, 14 anos; Alfredo, 13 anos; Sárah Joana, 12 anos e Gaston Hertz, 9 anos. Todos, com exceção de Eugenio Hertz, que residia no Rio de Janeiro, moravam em sua companhia, em Campinas. Segundo as informações constantes neste inventário, Leon Hertz falece sem deixar testamento, o que provoca o acionamento da justiça para realizar a partilha do saldo em dinheiro da herança, apurado com a venda da loja que o mesmo possuía na rua Barão de Jaguará, 7 e 9, no centro da cidade, a qual comercializava variedades de objetos finos tanto para senhores, quanto para senhoras e crianças. Celestine oferece as seguintes informações à justiça, dando encaminhamento ao processo:

“Termo de declarações finais. Aos quatro de Julho de mil oitocentos e noventa e quatro, nesta cidade de Campinas, em meu Cartorio, presente Dona Celestina Hertz, por ella me foi dito que em cumprimento do despacho retro fazia suas ultimas declarações pela forma seguinte: Em os bens a partilhar constão unicamente de acções de companhias e da casa commercial, cujo ballanço offerece: Mercadorias, existente na casa, conforme balanço a quantia de trinta e oito contos, quinhentos e quatro mil e oitocentos reis. Dividas activas existentes no livro a quantia de vinte e dois contos duzentos e oito mil trezentos e dez reis, como sahe. Dinheiro Salvo em caixa, a primeiro de Maio a quantia de vinte e sete mil e quinhentos reis. Setenta acções do Banco dos Lavradores a quantia de trez contos e seis centos mil reis. Doze acções da Companhia Aguas e Esgotos a quantia de quatrocentos e oitenta contos digo oitenta mil reis.

⁷¹ TJC 3º of. Cx. 321 proc. 7124 - 1869.

Passivo. A herança deve a diversos, constantes do mesmo balanço a quantia de vinte e nove contos trezentos e oitenta e quatro mil quinhentos e dez reis, como sahe. Requerimento: A inventariante pede para o pagamento de sua meação e dote, todo o activo e passivo da caza commercial, seus filhos, em dinheiro a quantia que exceder do seu pagamento, dividindo com toda eguandade entre ella e seus filhos as acções existentes. (...). Célestina Hertz⁷².

Outros casos semelhantes a estes permitem deduzir que os judeus campineiros formavam uma camada social estável, composta por uma pequena burguesia em crescente ascensão.

Contudo, também é possível observar-se situações absolutamente adversas, como é o caso da queda de um pequeno industrial da cidade que, em razão de suas dívidas, encontrou-se desamparado financeiramente, fazendo com que seus fornecedores forçassem a abertura de um processo de falência. O judeu Germano Stock possuía uma indústria de carros na rua 13 de Maio, 74, num prédio que Ernesto Wage alugava a 200\$000 réis por mês; em razão de um empréstimo de 3:232\$520 réis inadimplentes, Hermano Burckard & C^a entram com um processo pedindo a falência da firma de Germano. A justiça o condena, tendo em vista a falta de pagamento da referida dívida, e fecha a fábrica de carros de Germano Stock, no dia 15 de setembro de 1896, deixando 11 operários desempregados⁷³ e diversas dívidas não pagas⁷⁴.

⁷² TJC 4º of. Cx. 209 proc. 5452 - 1894.

⁷³ Jacintho Decimo 92\$000, Alberto Bruchhäuser 100\$000, José Gaukel 112\$500, Adão Ciam 45\$000, Francisco (ferreiro) 87\$500, Francisco (malhador) 50\$000, Francisco (malhador) 26\$000, João Stock 50\$000, Jorge Prestes 100\$000, Maximimino dos Santos 50\$000, Alberto Ferreira 276\$000.

⁷⁴ No Rio de Janeiro, J. B. Isnard com crédito de 5:622\$370, em São Paulo, João Blank com crédito de 12:000\$000 e Herman Burchard & Cia com 3:232\$540, em Campinas, Pedro Anderson com 565\$000 de crédito, Comp^a Mac-Hardy 550\$000, Rickman 400\$000, Comp^a Lupton 500\$000, Germano & C^a 300\$000, Hasen Cleaver 400\$000 e Wellendorf 1:000\$000. Todos estes credores da massa falida de Germano Stock. TJC 3º of. Cx. 18 proc. 268 - 1896.

Os judeus franceses que viviam na Campinas dos oitocentos, diferentemente daqueles que aportavam na Estação Ferroviária da cidade após os novecentos, preocupavam-se em manter uma vida pautada pelas regras sociais e comerciais, de forma a não romper um *status* já alcançado, ou seja, uma vida harmoniosa em sociedade dentro do espaço urbano.

Se a vivência em sociedade conduzia à preservação das amizades, por que não haveria lugar para a família e os correligionários? Estes, recebem uma parcela especial de sensibilidade, no cotidiano de algumas famílias judaicas da cidade. Nas notícias dos jornais da cidade, podemos constatar a ajuda monetária oferecida por Raphael Levy e Alphonse Levy para os desamparados da guerra franco-prussiana, cada um contribuindo com a importância de 50\$000 réis; também Lazare Abraham colaborou com seus correligionários, entregando-lhes a quantia de 30\$000 réis⁷⁵. É importante ressaltar que os recursos para tais contribuições provinham dos estabelecimentos comerciais e dos negócios destes judeus. Raphael Levy e Lazare Abraham eram proprietários de joalherias na cidade, sendo que Lazare também vendia fazendas. De Alphonse Levy, o único registro encontrado foi ter sido um dos acionistas da Companhia Paulista⁷⁶.

Os judeus franceses alcançam uma espécie de “livre trânsito” na área central da cidade, em decorrência da ativa e diversificada variedade de lojas de produtos importados, constantemente atualizados, que proporcionam novos hábitos – principalmente ligados aos costumes franceses – em razão da expansão do capitalismo,

⁷⁵ WOLFF, op. cit., pp. 470.

⁷⁶ LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.
Idem. *Almanak de Campinas para 1872*. Bissextos. Anno II. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871.

das facilidades de compra e do aumento da oferta. Tais circunstâncias acabaram gerando um consumismo que resultou em uma dinâmica própria para o comércio local, estimulando os industriais, fabricantes, lojistas e profissionais liberais a fazerem uma divulgação de seus serviços em “rede” nacional, utilizando-se dos meios de comunicação existentes na época, como os jornais que circulavam em outras províncias do país. A exemplo, Egon e Frieda Wolff encontraram os seguintes anúncios:

“Leon Hertz e Romain Barrère, para o commercio de calçados e couros, na cidade de Campinas, provincia de São Paulo, capital 35:000\$, firma de L. Hertz & Romão Barrère”.

“Theodoro Levy e um comandatario, para o commercio de fazendas, objectos de arnarinho e commissões, na cidade de Campinas, provincia de S. Paulo, com o capital de 2:000\$, fornecido pelo commandatario, sob a firma de T. Levy”⁷⁷.

Estes judeus franceses distribuíam-se por diferentes classes, em decorrência dos ofícios que exerciam na cidade; eram profissões valorizadas e prósperas, que permitiram a alguns deles alcançar um *status* financeiro elevado e inserir-se em uma camada social distinta da sociedade campineira.

Um dos fatos exponenciais que marca o desfecho do século XIX na região de Campinas, foi a 1ª Exposição Regional de Campinas, na qual os participantes demonstraram ao público seus mais novos aparelhos agrícolas, os quais empregavam as recentes descobertas do vapor, da mecânica e da hidráulica. Encontram-se registros de que a Sapataria de João Barrère participou desta Exposição⁷⁸. É difícil precisar se houve a participação de outras lojas da comunidade judaica francesa, contudo, mesmo que não

⁷⁷ Os anúncios foram publicados nos dias 07 de junho de 1884 e 12 de junho de 1881, respectivamente. In. WOLFF, op. cit., pp. 471-472.

⁷⁸ FEITOSA, Miguel Alves. *À Volta da Exposição (notas e impressões)*. Campinas: Typographia a Vapor do Correio de Campinas, 1886, pp. 51.

tenham participado diretamente do evento, puderam ampliar a venda de seus produtos, oferecendo-os aos inúmeros visitantes que aportaram à cidade, o que representou uma expansão do mercado, em função do aumento do número de consumidores.

Campinas, possuidora de um potencial comercial e industrial, recebe constantemente fluxos imigratórios nas estruturas de sua Estação de Ferro da Companhia Paulista. Na primeira década do século XX, desembarca no saguão principal da Estação uma leva de imigrantes judeus russos⁷⁹, que não puderam ser recepcionados por seus correligionários franceses e nem ao menos conseguiram um quarto na casa de alguém, para uma permanência temporária. Tal não ocorreu, como já se explanou, em decorrência do surto de febre amarela.

Desta coletividade que agora se encontra na cidade, são conhecidos alguns fatos de sua vivência, apontados pela documentação. Como exemplo, uma ação de desapropriação expedida pela municipalidade ao judeu Abraão Frainer, que residia nas imediações da estrada de ferro da Companhia Mogiana. Esta ação, resultado de uma força conjunta entre a Companhia e a Prefeitura, tinha por objetivo comprar as terras de Abraão para nivelar o terreno, corrigindo uma voçoroca⁸⁰ que se ampliava a cada enxurrada ocasionada pelas chuvas. Vários avalistas visitaram a propriedade no intuito de verificar o quanto valiam as terras de Abraão, mas não chegaram a um consenso. É na

⁷⁹ Salomão Blac, Simão Blac, Jaime Pasmanik, Jacob Bereck Steinberg, entre outros.

⁸⁰ "Desmoronamento oriundo de erosão subterrânea causada por águas pluviais que facilmente se infiltram em terrenos muito permeáveis, ao atingirem regiões de menor permeabilidade". In. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s.d., pp. 1469.

avaliação de Domingos Joaquim dos Santos que os valores se definem. Este relatório merece uma transcrição, tendo em vista os detalhes apresentados:

"Eu Domingos Joaquim dos Santos, abaixo assignado, perito nomeado e aprovado pela Camara Municipal e Abrahão Frainer para avaliar os bens que aquella pretende desapropriar d'este, não podendo concordar com o outro perito, Snr. Orestes de Moraes Alves sobre os valores a dar ao terreno e benfeitorias a desapropriar, visto o mesmo afastar-se do calculo ordenado pela lei n.º 57 de 18 de Março de 1836, artigo 6º, resolvi offerecer o meu laudo em apartado, o qual de accôrdo com a realidade dos bens a avaliar e a minha consciencia é o seguinte. A propriedade do Snr. A. Frainer, que é sita na Villa Industrial, com frente para a rua Francisco Theodoro, com um lado para o largo da immigração e com fundos para a rua Salles d'Oliveira, ora se pretende abrir, contem 8.790 metros quadrados, os quaes cingindo-me aos preços por que actualmente são vendidos naquelle próspero Bairro, os terrenos, os avalio a 8.000 reis o metro, fazendo a importancia de 70.320\$000. O predio em que reside o Snr. Abrahão com a sua familia e outros inquilinos, que lhe dão a renda mensal de 120\$000, ocupando uma área de 262 m. q., todo construido de tijóllos sobre alicerces de alvenaria, fazendo frente para a rua Francisco Theodoro esquina e lado para o largo da Immigração, abatido o valor do terreno por estar incluido nos

8.790 m. de toda a propriedade por	27:430\$000
dois ranchos, sendo um de tijóllo e zinco	1.500\$000
um muro de tijóllos com 17 metros	600\$000
um pôço, bomba e telhado	600\$000
350 metros de cerca de trez fios de arame	350\$000
cinco porteiras, em mau estado	50\$000
um capinzal que rende 200\$000 por anno	1.400\$000
74 pés de uvas a 50.000	3.700\$000
trinta arvores de frutas, diversas, laranjeiras, pecagueiras, macieiras, tangerineiras, romanzeiras e mangueiras, umas pelas outras, a 50.000	1.500\$000
um bananal com 300 pés, mais ou menos	400\$000
um carramanchão de entrada	150\$000
total Reis	108.000\$000

E por entender serem estes os valôres dos bens que me foram apresentados, lavro este laudo da importancia de cento e oito contos de reis, que é o quanto valem a propriedade e benfeitorias do Sr. Abrahão Frainer.

Campinas, 13 de junho de 1913⁸¹.

⁸¹ TJC 3º of. cx. 8 proc. 132 - 1913.

A comunidade judaica russa, ao chegar à cidade, inicia uma nova fase de sua vida, que compreendia um trabalho mais íntimo com o público, com a sociedade adotiva, ou seja, este imigrante, bem como a imigração judaica polonesa, impossibilitado de desenvolver na cidade alguma atividade com a qual trabalhava na Europa, encontrase obrigado a investir no mascatear como uma forma rápida de acumular uma pequena soma financeira e, através dela, trazer para perto de si sua família, bem como sustentá-la e sustentar-se. Os imigrantes russos, como foram os primeiros a chegar em terras do ouro verde, já no século XX, incentivaram o mascatear, ampliando a venda das lojas com ofertas e facilidades de pagamento. José Steinberg conta um pouco de um passado um tanto quanto dificultoso aos “grenner” da cidade:

“(...) o meu pai, que aqui esteve, me contava alguma coisa sobre os judeus que já haviam vindo antes para Campinas e tornaram-se comerciantes como era o caso de um tio meu, Jacob Medaljon. Esse pessoal dava oportunidade aos recém chegados de comercializar os mesmos produtos com os quais eles já trabalhavam. Eles usavam uma expressão para identificar os recém chegados, que era (...) “grenner”, verde, por que verde? Verde por que ele era recém chegado. Então, “quem é esse cidadão?”, “ele é um patricio meu, recém chegou, é um *grenner*”. Davam realmente muita oportunidade para esses grenner, dentro de seu próprio negócio. Eram, em geral, comerciantes de roupa que, naquela época, negociavam muitos tipos de roupas (...)”⁸².

Este perambular pelas ruas da cidade, tão característico do mascate, fez surgir em Campinas uma nova forma de expansão dos negócios, proporcionando à cidade novos sons, como a matraca ou a cometa, e outra dinâmica de se comercializar, uma vez que os diferenciados produtos que antes não saíam das lojas, começam a passear pelas ruas, indo ao encontro do pacato morador, que poderia tornar-se um futuro consumidor. Como

⁸² José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

nos informa Elisa Medaljon: “Chamavam meu pai de ‘russo da prestação’; ele vendia roupas de linho de porta em porta, onde arrumava freguesia. Comprava as coisas em São Paulo, na rua 25 de Março uma vez por mês. Ele tinha uma freguesia boa em Campinas. Sempre crescente, pois tinha indicação de antigos fregueses”⁸³. Tudo se torna dinâmico. Até para os caixeiros, que trabalhavam em demasia para sustentar a casa, a inovação tecnológica possibilitou uma significativa melhoria de suas vendas, pois o que antes era carregado nas costas ou nos ombros, agora é conduzido por carrinhos, carriolas ou carroças, e até mesmo por um carro⁸⁴. Assim lembra Steinberg:

“Os judeus imigrantes, naquela época, trabalhavam normalmente de 16 a 18 horas por dia. Trabalho pesado porque trabalhavam com venda de roupa e como não eram estabelecidos, carregavam no lombo essa roupa. Faziam pacotes enormes e levavam sobre os ombros. Um trabalho pesadíssimo que faziam durante 16 a 18 horas. Mas com muito trabalho, dedicação, afinho e o estímulo da família, eles prosperavam. Por volta de 1940, uma grande parte desses grenner, comprou charretes para fazer o trabalho bruto. O uso das charretes estende-se até 1950, pois este veículo, após dois ou três anos de uso, apresenta uma série de inconvenientes: vira muito rápido, exige que o animal seja mantido, tratado, alimentado, além dos cuidados veterinários, sendo que tudo isso deve ser providenciado pelo próprio comerciante que não tinha dinheiro para ter empregados”.

Chega então o momento em que estes caixeiros param de perambular pelas ruas da cidade, e acabam abrindo lojas de fazendas e de gêneros secos e molhados⁸⁵.

⁸³ Elisa Medaljon, entrevista.

⁸⁴ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

⁸⁵ “Uma vez progredido, não demorava [o mascate] em alugar ou comprar escravo - a bêsta humana cidadina em lugar da bêsta animal do mascate rural - para carregar a mercadoria. E enquanto ia ele, agora, à frente, tocando a corneta, rodando a matraca ou batendo com a vara, função que reservava para si, seguia-o o negro, de baú à cabeça, um cavalete ao ombro, pois não raro ocorria ter de expor suas bugigangas a algum freguês itinerante, alguma janela.

Quando já rico e cansado do vaivém constante pelas ruas e praças, sedentarizava-se; se rendido ao comércio de miudezas, abria loja de armarinho; se mais afoito, ou enveredava pelo comércio em grosso, com

Um mercado em crescente expansão, um consumo em constante aumento, somados aos esforços dos imigrantes russos em querer vender para consolidar sua posição na cidade, conduzem à gênese de uma elite judaica russa residente em Campinas.

Os judeus poloneses, quando de seu processo imigratório, entraram na cidade com grandes desvantagens em relação a seus antecessores. Também eles receberam a ajuda dos judeus russos da EZRA aqui residentes que os acolhiam como membros da coletividade, até que este novo imigrante encontrasse um emprego e uma casa. Como de costume, os proprietários dos estabelecimentos comerciais facilitavam a entrada destes imigrantes, oferecendo-lhes o trabalho de mascate, o que era muito vantajoso ao dono do estabelecimento, pois seus produtos estariam circulando com mais velocidade nas ruas do que na loja. Mesmo auxiliados nestes aspectos, os judeus poloneses eram marginalizados pelos russos em razão de seu menor grau de educação e cultura.

Este caráter marginalizante, entre estas duas coletividades, explica-se pois, por um lado, existe uma elite judaica campineira com, pelo menos, vinte anos de residência na cidade; por outro, há uma coletividade com apenas alguns meses, ou seja, sem experiência na cidade. Se o tempo de residência na cidade não fosse tão dispar de uma coletividade para a outra, ambas estariam com as mesmas vantagens na questão da vivência na área central da urbe.

Conforme relatado em entrevistas, esta “rivalidade” teve origem na questão da imigração e assimilação dos judeus russos que aqui chegaram em 1900. Estes,

armazém de fazendas, ou pela indústria, montando fábrica.” GOULART, José Alípio. *O Mascate no Brasil*. Coleção Terra dos Papagaios, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1967, pp. 101

acompanharam o desenvolvimento industrial e comercial da cidade nos anos 10 e 20, um período que proporcionou ótimos rendimentos aos que se aventuravam no mercado, uma vez que a cidade dispunha de mão-de-obra barata, capacitada, diversificada e preparada, como também de consumidores desejosos de possuir manufaturas nacionais e importadas. Tais fatores impulsionaram os judeus russos a investirem nas áreas de móveis e roupas feitas, diversificando os produtos a serem vendidos e conseguindo para suas mercadorias um giro rápido e rendoso. Tudo isto contribuiu para uma assimilação lingüística muito rápida, como também foi um fator que fez consolidar o capital estrangeiro judeu russo na cidade. Em entrevista, relata Steinberg:

“A partir de 1904 e até 1920 mais ou menos, a imigração aqui para o Brasil foi romena, russa, iugoslava, húngara... essa coletividade que veio antes, até 1920, prosperou mais rápido. Tanto no comércio quanto intelectualmente, também havia uma diferença. Os judeus que imigraram até 1920, tinham mais cultura, mais civilidade e mais sociabilidade; tinham vinte anos mais de Brasil. A partir de 1920, começou a imigração judaica polonesa. Na Polônia, conforme estatísticas (...), 50% da população era judaica e, por isso, eles não saíam de lá, ficavam lá mesmo. Com o surgimento dos problemas decorrentes dos *pogrons*, por volta de 1924, eles começaram a vir para o Brasil, até 1927. Chegavam e iam trabalhar com aqueles que aqui já estavam, na manufatura e como mão-de-obra. Eram judeus mais pobres e com capacidade mínima de educação”⁸⁶.

Para uma melhor compreensão é necessário analisar a questão educacional. Os judeus privilegiam os estudos da língua, de forma que o analfabetismo não existe entre eles. Um fator primordial para o entendimento do problema é a constatação de que os imigrantes poloneses possuíam pouco contato com a sociedade letrada da Europa, uma vez que, residindo em guetos, eles não tinham o direito de receber a mesma educação que outros cidadãos poloneses e europeus recebiam. Eram impossibilitados por uma lei,

⁸⁶ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

denominada *numerus clausus*⁸⁷, que definia quem poderia seguir os estudos universitários nos colégios da Alemanha e da Polônia. Assim, somente um pequeno número de judeus conseguiu chegar ao mundo das letras e observar outros horizontes além das “cercas” do gueto. Era esta limitação que os diferenciava, e muito, dos judeus russos, pois estes tinham plena liberdade para frequentar qualquer colégio de ensino superior, recebendo então uma formação melhor e mais aprimorada que aquela oferecida aos judeus poloneses. Segundo nos informa Noemy Churguim:

“Entre os judeus acontecia o seguinte: os primeiros que moraram aqui eram provenientes da Rússia; e eles, como pessoas mais cultas, tinham mais contato com a literatura e os conhecimentos ocidentais; julgavam-se mais cultos que os poloneses que, em seu país, viviam em guetos e eram proibidos de frequentarem o ginásio cristão. Havia o *numerus clausus*, que determinava que apenas 10% da população podia frequentar. Vivendo nos guetos, evidentemente não tinham os costumes do pessoal mais refinado. Mesmo assim, havia grandes pessoas, grandes escritores, grandes poetas naquele meio, porque, entre eles, não havia analfabetos”⁸⁸.

Esta é a razão que originou a “rivalidade” entre as comunidades dos judeus residentes em Campinas, ou seja, entre a coletividade russa e a polonesa. Os russos se atribuíam o direito de prover a comunidade judaica, mesmo porque já possuíam facilidades de contatos, de amizades e de importantes relações com a sociedade campineira. Aos judeus poloneses, por não terem formação cultural suficiente, por não possuírem os mesmos recursos financeiros, restava lutar para conseguir estabilidade na cidade. Contudo, um ponto muito importante os unia: a vontade de se firmarem como judeus pertencentes a uma religião específica. Neste sentido, o do culto à sua religião,

⁸⁷ Segundo Hojda, “Porcentagem de judeus que podiam frequentar as universidades no período czarista”. HOJDA, Edith Gron. *Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925 - 1940)*. São Paulo: USP, 1995. (Tese de Doutorado), pp. 75.

⁸⁸ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

não é de se estranhar que, já nos anos 10 e 20, existam na cidade duas instituições israelitas, uma pertencente aos judeus russos e outra dos judeus poloneses, como já citado no Capítulo I.

Constata-se que estas duas novas imigrações judaicas, a russa e a polonesa, ao contrário da primeira comunidade aqui existente, a francesa, são mais ativas, dinâmicas e preocupadas com questões como educação e cultura. Em 30 de outubro de 1914 é lançada a idéia de se constituir uma Sociedade que tivesse como objetivo ajudar os israelitas residentes em Campinas no amparo à cultura, à religião e à educação. Esta idéia, trabalhada e iniciada nos meses finais de 1914, teve como desfecho a constituição do Centro Israelita “Beth Jacob”, em 12 de Outubro de 1927, formalizando uma instituição basilar para uma etapa promissora da coletividade judaica, uma vez que, além de possuir os mecanismos para atender aos anseios dos israelitas campineiros, contava, também com outros dois serviços comunitários, a *Fraulein Fahrain* (Sociedade de Senhoras), e o *Laisper Case* (Cooperativa de Mascates), ambos com a finalidade de facilitar o ingresso de famílias israelitas na cidade, sem muitas complicações (no Anexo II encontra-se a Ata de Fundação do Centro e os Estatutos que o regiam).

Mas a união destas duas instituições e a formação do Centro deve-se, principalmente, ao papel de união desempenhado por alguns israelitas da cidade, tendo como representante a pessoa de Jacob Churguim, imigrante que chega na cidade em 1910.

Depois daquele período necessário para que o imigrante consiga introduzir-se na cidade e organizar seu próprio negócio, este judeu, de nacionalidade palestina, juntamente com a mulher, Otilia Churguim, ajuda a transformar a vida de seus

correligionários aqui residentes. Jacob, fugindo da pressão paterna que o queria Rabino, e após uma experiência em terras nordestinas, chega a Campinas com uma concepção mais aberta no que diz respeito à comunidade judaica existente na cidade. Seus ideais avançavam para uma extrapolação de uma rigorosa leitura dos escritos e das tradições judaicas, tornando mais branda a figura austera do judeu russo, e menos subestimada a posição do judeu polonês. Mesmo por que, segundo o relato de Noemy:

“Na época, meu pai foi um elemento chave para unir o pessoal. Porque os russos, que eram mais diferenciados e eram os primeiros a habitar na cidade, julgavam-se mais importantes. Eram pessoas que já estavam há muito tempo em Campinas, já estavam estabelecidos, tinham lojas (...). Quando chegaram os poloneses, eram todos gente muito pobre, mas querendo trabalhar muito. Então eles ficaram à parte. (...) não se misturavam com aquela turma grã-fina. Meu pai pensava que sendo apenas vinte famílias, seria melhor ficarem todas juntas. E assim o fizeram, apesar das brigas. Evidentemente que os mais antigos permaneceram no comando, mas ajudando aos outros, tanto que muitos deles conseguiram se estabelecer e ficaram bem”⁸⁹.

E este Centro Israelita passa a existir através de uma reunião no dia 12 de outubro de 1927, onde sua ata consta os seguintes termos:

“Aos 12 dias do mez de Outubro de 1927 na rua Jose Paulino n.º 226 no salão cedido pelo locatario Sr. Boris Strachman as 20 horas foi realizada a sessão da assembleia Geral dos correligionarios Izraelitas para a discussão e aprovação dos estatutos do Centro Izraelita ‘Beth Jacob’, organizado nesta com o fim de proporcionar aos consocios e suas famílias divertimentos e festas religiosas, civis e patrioticas. (...)”⁹⁰.

Em finais do Século XIX, a comunidade judaica da cidade de Campinas era percebida apenas através dos comércios existentes na cidade, sendo que o mesmo

⁸⁹ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁹⁰ Ata do dia 12 de outubro de 1927 da Assembléia Geral dos membros do Centro Israelita Beth Jacob de Campinas. In. “Certidão de Personalidade Jurídica”, pp. 2-3.

ocorre, em parte, nas décadas de 1910 e 1920. Somente depois das imigrações russa e polonesa e com o crescimento da cidade, é que se registra o retorno às tradições e aos estudos do iídiche, como formas de preservação e manutenção dos ritos. Embora as cidades vizinhas a Campinas apresentassem um crescente número de famílias judaicas, isto não contribuiu diretamente para a consolidação da coletividade. Contudo, com a formação de uma instituição em Campinas, estas famílias começam a percorrer as ruas centrais da cidade, não somente às sextas-feiras, mas também em outras festas, como veremos no Capítulo III. A necessidade de preservação cultural faz com que surjam novos agentes encarregados de deveres específicos perante a sociedade israelita. Dois importantes “cargos” são assumidos pelos integrantes da coletividade: o professor, que dirigia e ensinava na Escola Iídiche destinada a alunos imigrantes e já residentes, e o *schorer*⁹¹, que abatia o frango segundo os costumes judaicos.

Estes personagens circulam pela cidade e estabelecem novas formas de percepção da sociedade, dos costumes e da cultura judaica, que também começa a ser percebida por outras manifestações, como a Exposição de Lasar Segal, em 1913, a Comemoração do Cinquentenário de Carlos Gomes, em 1936, a exposição de José Santoro⁹², em 1938, a divulgação, em revistas culturais da cidade, de proeminentes

⁹¹ “Pessoa especializada responsável pelo abate de animais de acordo com o ritual judaico.” In HOJDA, Edith Gron. *Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925 - 1940)*. São Paulo: USP, 1995. (Tese de Doutorado), Glossário, pp. 269.

⁹² O jornal Diário do Povo publicou, sobre a exposição: “Exposição de Pintura - O pintor José Santoro inaugura no p. sabbado, ao meio dia, no Centro de Ciências, Letras e Artes a sua exposição de pintura, que nos apresentará u’a magnífica coleção de quadros, principalmente de paisagens de Campinas e do interior”. S.d. “Exposição de pintura - a exposição de pintura do prof. Santoro, que deveria encerrar-se hoje, continuará, a pedido, franqueada por mais uma semana, até o dia 18 com o horário de visitas somente á noite (19 ás 22 hs) a partir de amanhã”. Diário do Povo, 13/03/1938. Através do Livro de Assinaturas desta

artistas da coletividade, assim como de casamentos, festas, e encenações teatrais, promovidos pelo Centro Israelita Beth Jacob.

exposição, que consta do acervo do Centro de Ciências Letras e Artes, podemos constatar a presença de 819 pessoas que viram os quadros de José Santoro. Dentre estas pessoas encontramos a assinatura de Bernardino Epstein, S.M. Rosemberg, Luiza Bolliger, Irma Hiche Jacfoby, (Schubert Seiffest ?) Jacoby e (Beatriz Alceberg ?).

CAPÍTULO III

UMA CIDADE DE JUDEUS DENTRO DE CAMPINAS

OS JUDEUS NA CIDADE

“A diversidade regional, política e cultural dos imigrantes judeus era reconhecida apenas no seu próprio meio, pois eles eram vistos, geralmente, como um bloco monolítico constituído de estrangeiros. Eram chamados ‘russos’ ou ‘turcos’ pela parte da população brasileira com a qual mantinham contatos nas suas vendas ambulantes”¹.

O Centro Israelita “Beth Jacob” de Campinas sempre esteve presente na área central da cidade. Como dissemos anteriormente, o Centro Israelita, até sua formação em 1928, possuía duas outras representações que associavam-se aos russos e aos poloneses. Segundo depoimento de Elisa Medaljon: “Em Campinas havia judeus da Polônia, da Rússia, da Hungria. Havia duas sinagogas: uma ficava na rua Regente Feijó [russos] e a outra na Barreto Leme [poloneses]. Com o tempo, ocorreu a união”². E a partir desta união, o Centro percorreu vários outros endereços centrais da cidade. Num primeiro momento, estabeleceu-se na rua Lusitana, num pequeno prédio alugado; posteriormente, aluga novo imóvel e transfere-se para a rua José Paulino. A necessidade de ampliação de espaço, leva a coletividade a procurar novo endereço para a sede e, na rua Regente Feijó, aluga um bonito prédio. Mais uma mudança se faz necessária, a última para um imóvel

¹ IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. Coleção Estudos, n.º 156. São Paulo: Editora Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra, 1997, pp. 78.

² Elisa Medaljon, entrevista.

alugado, e o Centro Israelita passa a funcionar na avenida Francisco Glicério. Em 1940, a coletividade resolve comprar o prédio que ocupa até hoje, retornando assim à rua Barreto Leme e que foi inteiramente reformado em 1941. A reforma, na verdade, consistia na construção de outro prédio. Neste sentido e para que os serviços religiosos não sofressem alterações ou quebras da rotina, o sócio Saulo Duchovni oferece sua propriedade à rua Dr. Betin, 72, onde as atividades se desenvolveram por algum tempo³.

Os diversos endereços registrados confirmam a presença contínua dos judeus na área central de Campinas, configurando-se uma cidade dentro da outra. Independentemente da época, a comunidade sempre construiu seu mundo particular, no qual a proximidade entre as diversas residências e o Centro possibilitava o surgimento de um ambiente propício às mútuas visitas, à movimentação pelas ruas da cidade e à manutenção de suas arraigadas tradições através da educação e das diversas expressões de sua cultura. Esta localização centralizada também possuía um caráter religioso, pois visava facilitar a ida dos israelitas campineiros ao Centro, uma vez que a tradição reza não utilizar-se de meios eletrônicos, motorizados, após o surgimento da terceira estrela da sexta-feira, ou seja, quando se inicia o *Shabat*, nas sextas-feiras.

“Os judeus tradicionais consideram a eletricidade como uma forma de fogo, e acender fogo no Shabat é proibido na Bíblia. Estes judeus não ligam a televisão ou o rádio nem outro aparelho elétrico no Shabat. (...) alguns judeus reformistas e conservadores consideram aceitável ir de carro à sinagoga quando moram a uma distância que não lhes permita chegar a pé até elas”⁴.

Mas não é somente através do Centro Israelita que visualiza-se a coletividade

³ “Certidão de Personalidade Jurídica”.

⁴ KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. 3ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001, pp. 178-179.

judaica campineira. Neste sentido, o importante a assinalar sobre esta comunidade judaica que se fixa nas ruas da cidade de Campinas, formando, compondo, constituindo uma outra cidade, são os caminhos por ela percorridos, seus espaços fixados nas ruas, na memória, no tempo; pelo passado e através das relíquias, consegue-se visualizar a presença destes judeus, independentemente da época, caminhando pelas ruas, comprando, vendendo, fabricando, consertando, leiloando.

As ruas centrais constituem o espaço privilegiado para a realização desta sacralização territorial, oferecendo oportunidade para todas as trocas culturais. As ruas e os passeios fixam o rumo a ser tomado, o espaço a ser conquistado, o caminho a ser percorrido pelos judeus no intuito de prosseguirem em seus destinos e em suas buscas.

No momento em que Germano Jacob sai de sua casa na rua Aquidabari, 3, e caminha para sua fábrica de cervejas na rua Alvares Machado, 204⁵, percorrendo as ruas centrais, a cidade parece lhe pertencer; também são os seus domínios que Jacob Churguim compartilha ao abrir sua casa para seus vizinhos. Como relata Noemy Churguim:

“Meu pai tinha uma loja; junto a ela havia o Chinelatto, que era uma relojoaria; em frente havia uma casa de aparelhos de som; de um lado ficava o Cônsul da Espanha, que tinha uma sapataria; do outro lado havia um árabe que tinha uma casa de dois mil réis. (...) [Às] cinco horas da manhã ele estaa lá [na loja] com toda esta tropa para tomar café com o seu Jacob”⁶.

Mas não somente eles vivem no centro. A existência de outros imigrantes além, é claro, da população “nativa”, provoca intensas trocas culturais que acontecem

⁵ Para a residência, conferir TJC 2º of. Cx. 271 - 5874 ano 1912 e para a cervejaria, CARDONA, Francisco; ROCHA, José (orgs.). *Almanach de Campinas (Litterario e Estatistico) 1892*. Anno I. Campinas: Tipografia Cardona, 1892.

⁶ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

continuamente nestas caminhadas, nestas visitas. A saudação oferecida a um conhecido, as conversas com o dono do botequim, o entrar em uma *rotisserie* e dividir uma cerveja, fazem parte de um universo agora único, vivido por homens oriundos de mundos distintos e portadores de culturas diferentes.

Este mundo particular é construído no espaço citadino campineiro, nos caminhos que é preciso percorrer para ir da casa ao mercado, da casa à praça ou da casa ao Centro Israelita.

Se, por um lado, a rua 13 de Maio amplia a área comercial da cidade para os lados da Estação Ferroviária, a consolidação do Centro Israelita, em seus diferentes endereços, promove uma ampliação de circulação na área da malha urbana a ser percorrida nos deslocamentos diários obrigatórios. Embora estas já fossem ruas de movimento, com boa circulação de pessoas, em razão da existência de residências e casas comerciais, a implantação do Centro Israelita proporciona o surgimento de um trânsito contínuo da coletividade judaica em direção a outros lados da cidade, favorecendo o surgimento de novos relacionamentos pessoais e comerciais. Efetivamente, as ruas por onde caminhavam apresentavam-se repletas de variado comércio, onde diversas línguas se misturavam. E este fato não se verifica somente no século XX, mas também nos anos finais do século XIX, como podemos perceber num rápido exame do Almanaque de 1873, onde se registra, na Avenida Francisco Glicério, pelo lado par, os seguintes estabelecimentos: 16 – Patricio José de Quadros (marceneiro); 18 – José Pinto Nunes (alfaiate); 28^A – Joaquim Izique (fazendas); 46 – *Leon Hertz* (fazendas); 54 – Valerio Alves de Macedo (casa de comissão); 68 – João Baptista Mahulot (carpinteiro); 68 – Adolpho Agut & João Baptista Mahulot (fábrica de

trolly); 76 – Frederico Markgraf (gêneros da terra); 96 – José Francisco Alves (ferreiro e serralheiro); 106 – Antonio José da Silva (carroceiro). Pelo lado ímpar: 3 – Dr. Vicente Maria de Paulo Lacerda (médico); 3^A – Amaral & Souza (casa de comissão); 13 – João Baptista Velloso (alfaiate); 27 – Dr. Pedro Francisco d'Oliveira Santos (médico); 27 – *Leon Hertz* (joalheiro); 31 – José Emiliano Claro do Sant'Anna (gêneros da terra); 33 – Manoel Golçalves da Silva Cantarino (arquiteto); 43 – Gilberto Coté (pintor); 45 – Felix Bertholdo Soares de Brito (alfaiate); 53 – Paulino Ayres do Amaral (cocheira de carro); 55 – João Pereira de Campos Becker (carpinteiro) ⁷.

Um passeio pelo centro da cidade oferece a oportunidade de se reconhecer os lugares nos quais os judeus moravam, trabalhavam e freqüentavam. Duas descrições, em dois momentos históricos, são necessárias: uma voltada para a Campinas oitocentista, localizando as casas comerciais e residenciais dos imigrantes judeus franceses⁸; em outra, uma visualização das residências e casas comerciais dos judeus russos e poloneses em Campinas, já no século XX.

Estamos no último quartel do século XIX, e na rua Dr. Quirino já é possível localizar alguns estabelecimentos judaicos, os quais foram responsáveis por uma parte dos trabalhos especializados da cidade. Assim, nesta rua, encontramos Antonio Isaac, sapateiro, no número 27, e Germano Kablonokz, cocheiro, no número 40. No número

⁷ LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1873*. Anno III. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

⁸ A maioria das informações a respeito da colônia israelita existente no século XIX, das quais não há registros de Arquivos, foi retirada do texto BASTOS, Marcus Aurélio Albino. "Presença judaica em Campinas no século XIX (1870 -1890): uma primeira abordagem". *in*. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, vol. 6. n.º 12, 1994, pp. 35-50.

36, localizava-se um dos dois estabelecimentos da firma Carlos Levy & Comp.; o outro ficava na rua Luzitana, 80.

Paralelamente à rua Dr. Quirino, em direção ao centro, localiza-se a rua Direita (atual rua Barão de Jaguará), uma das principais artérias comerciais da cidade, oferecendo uma variedade enorme de produtos a um público que por ela transitava quase que por obrigação. Não faltam opções a este público: produtos europeus eram vendidos nos estabelecimentos judaicos, como por exemplo, na loja de Samuel Abrahão & Adolpho G. Julio, que comercializava fazendas, no número 50^A, próximo ao Largo da Matriz da Conceição e do Largo do Rosário; no estabelecimento de Lazare Abraham, que vendia jóias e comercializava fazendas no número 30^B; no início da rua, haviam duas joalherias, uma de propriedade de Auguste Klein e uma outra de Bernardo Levy; Jacques Netter possuía uma relojoaria no número 29; Simon & Jacques Netter eram joalheiros nos números 59 e 66; Henry Bloch & Achiles Bloch & Romain Barrère possuíam uma loja de roupas usadas no número 20; Alberto Israel, que trabalhava como tradutor, também era relojoeiro no número 58^A.

Na rua do Rosário (atual avenida Francisco Glicério), Leon Hertz possuía dois estabelecimentos comerciais, um no lado par, número 46, onde comercializava fazendas, outro no lado ímpar, 27, possuía a firma Leon Hertz & Romain Barrère que comercializavam roupas e jóias.

Na rua das Flores (atual rua José Paulino), Jacob Kruth era marceneiro no número 5. Não se sabe se perto ou longe dali ficava o estabelecimento de Jacob Stucki, ferreiro. Na mesma rua das Flores, 90, Abrahão Frainer possuía uma cervejaria.

Na rua Saldanha Marinho, 111, 113 e 115 encontravam-se propriedades de André Jacobsen, que era sapateiro na rua Sacramento, 37^A. Na rua Ferreira Penteado, 158 e 160, encontravam-se outras duas casas de André Jacobsen; Na rua César Bierrenbach, 16, encontravam-se as casas de Biajani Abel, que fabricava licores e Misael Kolleger, 8. Na rua Benjamim Constant, 39, Adão Hoffmann possuía uma marcenaria.. Na rua da Cadeia (atual rua Bernardino de Campos), 24, morava Daniel Jacob, onde possuía o ofício de marceneiro. Na rua do Imperador (atual rua Marechal Deodoro), 6, Raphael Levy era joalheiro. Na rua General Carneiro, 80, morava Tagea Biörnberg. Na rua General Osório, 721, morava Vitruvia Nogueira Hoffmann e, no número 33, Samuel Abraão & Adolpho G. Julio eram alfaiates. Na rua Major Sólón, 12, Joaquim & João Jacob Boemen tinham uma fábrica de cerveja. Na rua Pereira Lima, as casas de números 6 e 8 pertenciam a Abraão Frainer que também possuía uma pequena propriedade na rua Sales de Oliveira, 116. Adão Hoffmann possuía mais uma propriedade na rua Visconde do Rio Branco, 39, onde foi Leiloeiro. Na avenida Dr. Moraes Sales, 30, morava Luiz Isaack.

Já nos anos iniciais do século XX, saindo da Estação Ferroviária e descendo pela rua 13 de Maio, 311, depara-se com a residência de Jacob Churguim, onde também funcionava sua “Loja Jacob” de tecidos, roupas e armarinhos em geral; essa residência tem uma presença ímpar no seio da coletividade, como informa Noemy Churguim, filha de Jacob Churguim “(...) o meu pai tinha uma loja, ‘Loja Jacob’, era 13 de Maio 311, a turma descia a rua 13 de Maio e entrava na loja do meu pai. Meu pai era uma pessoa altamente sociável, tanto ele quanto minha mãe faziam questão de trabalhar para a

comunidade⁹. Ainda na rua 13 de Maio, 79, encontrava-se a casa dos irmãos Moyses Strachman, que possuía uma loja de móveis e armarinhos na mesma rua, no número 37¹⁰, e Boris Strachman, que gostava de freqüentar o Café Paulista, localizado à rua José Paulino, 226¹¹, conforme nos informa Noemy, a loja de Moyses Strachman, que denominava-se “Casa Moyses”, muda de endereço e amplia suas instalações, pois “tinha uma grande loja de mobília que pertenceu ao Moyses Strachman (...) foi a maior loja de móveis que tinha na Barão de Jaguará (...) móveis mais finos eram lá”¹². Há também a residência de Aron Guz, na altura do número 415¹³, a “Casa Lealdade”, de Lejzer Liberman, na altura do número 383, como informa Noemy “a família do Dr. Moyses também tinha uma loja mais para baixo da nossa casa. Nossa casa era 13 de Maio 311. A dele era 400 e pouco”¹⁴, e uma loja que oferecia serviços de alfaiataria, comercializava fazendas e roupas feitas e pertencia a José Koperztych – a cujo encargo estava a realização das rezas no *shabat* – e que também possuía outra loja na rua Francisco Glicério, 1.106; outro registro é o terreno de Ernesto Wage, alugado para a indústria de Germano Stock, no número 74¹⁵. Finalmente, e ainda na mesma rua 13 de Maio, existiu também uma sapataria pertencente a membro da comunidade judaica, cujo nome perdeu-

⁹ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

¹⁰ TJC 4º of. Cx. 73 proc. 1138 - 1926, fl. 03.

¹¹ TJC 4º of. Cx. 55 proc. 1152 - 1926, fl. 03.

¹² Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

¹³ “Natural de Araçatuba, onde nasceu [sic] no dia 2 de Julho de 1.928, solteiro, comerciante, filho de Bernardo Guz e Maria Guz, residente nesta cidade, Rua 13 de Maio número 415 (...)” in *Declaração de Nacionalidade dos Diretores Recem-Eleitos Para o Centro Israelita Beth Jacob*, pp. 13.

¹⁴ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

¹⁵ Ernesto Wage alugava a casa da rua 13 de Maio 74 para as oficinas de Germano Stock por 200\$000 ao mês. Arquivos Históricos, Centro de Memória, TJC 3º of. Cx. 18 proc. 258 - 1896, fl. 44.

se no tempo, mas Noemy lembra-se dela, pois “tinha uma sapataria que era na 13 de Maio”¹⁶.

A rua Conceição é uma continuação quase natural da rua 13 de Maio; nela, no número 1.047, encontrava-se a residência de Jayme Medaljon¹⁷, que, segundo o relato de José Steinberg, “(...) tinha um jornalista muito famoso, bem respeitado aqui em Campinas, o Jayme Medaljon. Ele era sempre requisitado. Ele era o orador permanente da colônia israelita, ele era o porta-voz da colônia” israelita de Campinas¹⁸. Na esquina da rua Conceição com rua Dr. Quirino, existiu uma marcenaria, cujo dono não foi possível identificar, mas Noemy lembra que “tinha uma casa de um fulano, tinha uma marcenaria na rua Dr. Quirino, esquina com Conceição”¹⁹.

Na rua Barão de Jaguara existia, além das oficinas de móveis de Elias Kaplan²⁰, a loja de Jacques Grimberg, “Empreza Inglesa”, loja que comercializava móveis para escritório, localizada no número 78. Na mesma rua Barão de Jaguara, José Schimeltzenger possuía “A Femina”, loja que comercializava roupas importadas. José Steinberg relata que ele foi “(...) um outro sujeito que tinha uma posição social em Campinas muito boa (...), ele tinha uma loja aqui em Campinas que chamava ‘A Femina’ vendia casacos de peles importado isso é curioso, aqui em Campinas existia uma loja só de venda de casacos de pele e ele se manteve durante quarenta anos”²¹.

¹⁶ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

¹⁷ “Natural do Distrito Federal, onde nasceu [sic] no dia 2 de Janeiro de 1.911, casado, jornalista, filho de Jacob Medaljon e Marta Medaljon residente nesta cidade, Rua Conceição 1.047 (...)”

¹⁸ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

¹⁹ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

²⁰ Como conseguimos averiguar num processo de Acidente de Trabalho corrido no TJC 1º of. Cx. 617 proc. 12535 - 1936, com o marceneiro José Ceari Barbosa, menor de 16 anos, que perdera a terceira falange.

²¹ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

Segundo nos informa Noemy Churguin, “(...) o primeiro professor [da Escola Iídiche] (...) [foi o] Schimeltzenger (...)”²².

Atravessando a avenida Francisco Glicério e chegando à rua Regente Feijó, encontram-se outras casas judaicas da cidade: uma pertencente a Meier Roisenblat, *schohet* da coletividade, que morava na esquina da Regente Feijó com a rua Uruguaiana; outra de Abraão Steinberg, que morava em apenas um dos cômodos de uma casa e que, com o passar do tempo, e o trabalho no comércio com roupas e jóias, pode alugar uma residência para sua família na rua José Paulino e, mais ainda, quando proprietário da Construtora Steinberg, construir sua própria casa na rua Dr. Quirino, próximo à residência de Meier Roisenblat. Na mesma rua, no número 224, encontrava-se também uma das casas de Germano Jacob. Ele possuía outras residências na rua Aquidaban, 3, na rua Alvares Machado, 95^A e 99^A; no número 204 Germano possuía uma cervejaria.

Na rua José Paulino, encontravam-se outras duas casas de Germano Jacob, uma no número 137 e outra no 139²³.

Na rua Ferreira Penteado, 216, em casa de propriedade de Carlos Semedo Ribeiro, mora de aluguel Samuel Voloch. Na rua César Bierrenbach, 973, mora Samuel Rubinsky Netto²⁴. Na rua Dr. Campos Salles, encontram-se Jacob Voloch, que reside no número 653²⁵, além da loja de Oscar Bronberg, “Europa Modas”, no número 1.447, que,

²² Noemy Churguin, entrevista, 04 de novembro de 2000.

²³ TJC 2º of. Cx. 271 - 5874 ano 1912.

²⁴ “Natural de Recife, Pernambuco, onde nasceu [sic] no dia 5 de Novembro de 1.924, solteiro, engenheiro civil, filho de Jacob Rubinsky e Dora Rubinsky, residente nesta cidade, Rua Benjamin Constant número 973 (...)”

²⁵ “Natural desta cidade de Campinas, onde nasceu [sic] no dia 18 de Junho de 1.928, solteiro, contador, filho de Samuel Voloch e Maria Voloch, residente nesta cidade, Rua Dr. Campos Sales número 563 (...)”

segundo Noemy “o pai de Oscar Bronberg tinha uma loja, (...), [que] era de roupas feitas, depois começou a fazer roupas femininas”²⁶. Na rua Hércules Florence, 242, morava Saulo Duchovini²⁷. Na rua São Carlos morava Estelinha Epstein²⁸.

Dos resquícios do passado que nos foram deixados pelo tempo, estas são evidências da presença da coletividade judaica no centro da cidade. É interessante perceber o deslocamento existente na área central, deslocamento este que permite visualizar duas artérias comerciais, cada qual no seu tempo histórico. Se por um lado a rua Barão de Jaguará fazia movimentar o comércio, a cultura, a moda, nas lojas dos israelitas que ali possuíam seu estabelecimento no século XIX, tornando-se um referencial para o público de fina estampa, já no decorrer do século XX os judeus assumem posições estratégicas na passarela popular, pois assim se torna a rua 13 de Maio a partir do momento que a ferrovia amplia suas viagens diárias para as cidades do interior, capital e outros estados. Isto é ressaltado no depoimento de Benjamin Segal:

“O comércio começou a descer da 13 de Maio a essa parte [central]; antigamente era só a 13 de Maio; quem estava fora da 13 de Maio morria de fome. Mas com o tempo a cidade [ou seja, o comércio] foi crescendo e foi descendo [em direção à Matriz Velha]”²⁹.

Por tais caminhos é possível visualizar a presença da comunidade judaica em Campinas no decorrer dos séculos XIX e XX. Circulando por estes itinerários, os judeus construíram suas relações, suas amizades, seus afetos. É toda uma cidade que se

²⁶ Noemy Churquim em entrevista.

²⁷ “Natural de Pernambuco, onde nasceu [sic] no dia 18 de Agosto de 1.925, casado, comerciante, filho de Paulo Duchovini e Clara Duchovini, residente nesta cidade, Rua Ercules Florence número 242 (...)”

²⁸ Segundo nos informa Pupo: “Na rua São Carlos, onde residi antes de mudar-me para a Avenida e posteriormente para a Sales de Oliveira, bem na Praça, morava uma menina, que no futuro seria grande pianista: Estelinha Epstein”. PUPPO, Benedito Barbosa. *Oito Bananas por um Tostão*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, 1976, pp. 35.

²⁹ Benjamin Segal, entrevista, 08 de julho de 1999.

apresenta e na qual pode-se vislumbrar alguns aspectos culturais intrínsecos, os quais apontam para particularidades que somente serão visíveis a partir do momento em que se abrem as portas das casas e se depara com um outro mundo, o universo familiar judaico, onde as tradições permeiam os hábitos de civilidade e as receitas constroem um amálgama alimentar único.

Nos anos de 1920 e 1930, saindo da casa e caminhando em direção ao Centro Israelita, depara-se, todas as tardes – menos às sextas-feiras –, com aulas de iídiche, nas quais se registra uma presença muito forte de toda a comunidade, no intuito de preservar os valores e a língua. Todos os recursos são válidos para se conseguir este objetivo, desde concertos musicais até o auxílio do teatro, através de peças encenadas por um grupo amador; ou seja, necessário se faz manter e preservar os valores e as tradições arraigadas na família, na memória, num ambiente homogêneo para a coletividade, como o foi o Centro. O mundo familiar, educacional e religioso, acrescido da vida comercial e dos vários sistemas filantrópicos de ajuda mútua, completam o universo judaico da cidade.

Os espaços ficam cada vez mais caracterizados conforme são usados pela sociedade. Pode-se perceber, no trânsito das ruas, uma constante sociabilidade para com a sociedade adotiva, uma vez que é nas ruas que se desenvolve o contato com o próximo. E das ruas todos dependem, ou para ir às compras, à escola, ao trabalho, ao ensino religioso ou dirigir seu próprio negócio. Este trânsito e, conseqüentemente, o contato obrigatório nas ruas, corrobora para caracterizar os lugares públicos e privados da cidade, sejam eles os grandes espaços destinados à socialização, como a rua e a praça, seja simplesmente a casa, a varanda.

O que, com certeza, facilitava o convívio das famílias israelitas, é que nunca houve dificuldade para se fazer amizades, tanto na rua, quanto na escola, pois sentava-se à porta de casa e conversava com o vizinho³⁰. “Muitos preferiam fazer mútuas visitas”, como recorda Noemy. “Era costume as famílias se visitarem. Era muito freqüente. Então, por exemplo, a minha casa era centralizada e meus pais eram extremamente hospitaleiros. Então vinha a família do Eisengart, vinha a família do Marchevsky. ‘Vamos lá tomar um chá na casa da dona Otilia’ e minha mãe fazia lá uns doces e tomava um chazinho. A gente ia na casa deles”. E lembra mais: “foi fácil [fazer amizades com não judeus] por causa desse [modo de vida] do interior; os vizinhos se davam muito bem. Então, quando vinha um vizinho novo, a turma fazia um bolo e ia lá levar. Bom atendimento, amizade, era muito comum em Campinas”. E acrescenta: “aqui você se dava com os vizinhos, você conhecia todo mundo que morava perto, havia uma grande solidariedade entre as pessoas que moravam no mesmo bairro, na mesma rua. (...) No tempo de 1932 [as mulheres sócias da *Fraulein Fahrain*] foram recolher aliança de ouro para os soldados, faziam tricô, quer dizer, [os judeus] participavam da vida nacional, conservando a tradição deles lá no âmbito da sociedade. (...) [só] não havia entrosamento (...) na sociedade de elite”³¹.

Esta cidade dentro da cidade marca a presença da coletividade judaica em Campinas. Os espaços urbanos percorridos diariamente por seus membros não se constituem em espaços limítrofes de uma cidade com outra; antes, proporcionam uma perfeita visualização desta sociedade que também freqüenta as ruas campineiras,

³⁰ Elisa Medaljon, entrevista.

³¹ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

deixando à mostra todos os relacionamentos: as trocas, a compra e a venda de mercadorias e, com o correr do tempo, as amizades em formação, concebendo uma vivência única para os judeus da cidade.

GUEFILTE FISH, TSHOLENT, MAÇÃ, MEL E VINHO

“A cozinha foi e é um vínculo entre o passado e as novas gerações”³².

A cozinha como espaço físico representa um cômodo da casa. Mas, pode representar muito mais a partir do momento que a reconhecemos como lugar de memória, onde ocorre uma simbiose entre a culinária e a manutenção dos valores nas datas festivas do calendário judaico, onde há regras específicas que determinam não só o cardápio mas também os métodos utilizados para se fazer a comida.

Para a manutenção destas regras de transmissão dos conhecimentos culinários que, em certo sentido, determinam a judaidade familiar, a figura da mãe tem uma importância fundamental, pois é ela quem garante a continuidade da tradição alimentar aprendida com as gerações anteriores.

“A personagem da ‘mãe judia’ reina na intimidade familiar. Símbolo do afeto exagerado, da abnegação culpabilizadora, ela é a heroína da família judia. Com efeito, ela assume uma das questões fundamentais do judaísmo: a transmissão. Em sua ‘cozinha-gineceu’ (...), submetida às mesmas regras de pureza de um local santificado, ela reconstitui a ordem sagrada do mundo. Mais do que um espaço funcional, é um espaço social onde se recriam indefinidamente os fundamentos de uma ordem coletiva. É também o lugar de reelaboração da história familiar. Ao abrigo da

³² WOLFF, Martha; VERBITSKY, Ana. “A cozinha e a memória”. In. *A Cozinha Judaica III*. Série Edição Especial Shalom, n. 243. São Paulo: Editora Shalom Ltda., s/d.

curiosidade masculina, as mulheres aí trocam conversas íntimas... e receitas que perpetuam a memória familiar dos gostos e sabores. Essa falta de mediação no ensino do judaísmo, uma parte do qual é assumido pela mulher, constitui uma de suas forças. A pessoa se mantém ligada às tradições não tanto por sua significação religiosa, mas principalmente por seu simbolismo pessoal. Ao reconstituir o mundo da infância, por meio de seus odores e sabores, a memória individual reencontra o rito”³³.

A memória se esvai ao longo do tempo, mas ao sentir certos sabores e odores, a infância retoma seu lugar perdido e tudo se esclarece. Luce Giard, baseando-se em Moulin, escreve o seguinte sobre a memória alimentar, transmitida de geração a geração:

“Em suma, nós comemos o que nossa mãe nos ensinou a comer -- ou o que a mãe de nossa mãe lhe ensinou a comer. Gostamos daquilo que ela gostava, do doce ou do salgado, da geléia de manhã ou dos cereais, do chá ou do café, do azeite de oliva (quem é provençal), dos *gaffelbitter* (quem é escandinavo)”, de tal forma que ‘é mais lógico acreditar que comemos nossas lembranças, as mais seguras, temperadas de ternura e de ritos, que marcaram nossa primeira infância”³⁴.

Luce Giard, ainda refletindo a respeito das memórias, analisa o relato de Bahloul, a respeito dos judeus que chegaram à França:

“Assim também, quando alguém é forçado ao exílio pela conjuntura política ou pela situação econômica, o que subsiste por mais tempo como referência à cultura de origem é a comida, se não para a refeição cotidiana, pelo menos para os dias de festa. É uma maneira de mostrar a pertença a outro solo. Experiência multissecular, verificada sempre de novo, reatualizada para os judeus do Magreb, chegados à França com o fim das guerras de independência: ‘Cozinhamos aqui como cozinávamos ‘em casa’, como se fazia ‘lá’, lembrando a Argélia e o tempo anterior à partida. O ato de comer se torna então um verdadeiro discurso do passado e o relato nostálgico do país, da região, da cidade ou do lugar em que se nasceu’. Reservada ao dia de sábado e às grandes festas litúrgicas,

³³ SIMON-NAHUM, Perrine. “Ser Judeu na França”. In. PROST, Antoine; VICENT, Gérard (org.). *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 465-467.

³⁴ GIARD, Luce. “Cozinhar”. In. CERTAU, Michel de (org.). *A Invenção do Cotidiano II - Morar, Cozinhar*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, pp. 249-250.

ou da história familiar (nascimento, casamento, etc.), a comida tradicional com seus ritos minuciosos de composição (este prato para o tempo pascal, aquele para a festa da circuncisão) e de preparação se torna a manutenção e ‘a narração da diferença, inscrita na ruptura entre o tempo alimentar ‘do si-mesmo’ e o tempo alimentar do outro’³⁵.

É neste momento de encontros múltiplos (do vivido, do aprendido e do recordado), que a família consolida seu elo com o judaísmo; o fazer da comida, com seu preparo e seus temperos específicos, se torna o ponto nodal para o reencontro com o passado. Através das receitas aprendidas com seus antepassados, as quais estão presentes na memória por consequência da oralidade e da observação dos contínuos atos repetidos pela mãe na cozinha, os ingredientes são manipulados e preparados como sempre o foram no passado.

No limiar do século XX, a cidade de Campinas possuía estabelecimentos que providenciavam e garantiam o fornecimento dos produtos alimentares às famílias. Estes estabelecimentos, secos e molhados, mercados, mercadinhos, vendas, feiras de hortaliças, traziam às famílias campineiras um diversificado número de produtos para a mesa. Produtos nacionais (hortaliças, verduras, carnes) e importados (vinhos, queijos, frutas secas) que, juntos, asseguravam uma culinária diversificada, com muita banha, toucinho e feijão. Além de uma culinária demasiadamente “pesada”, estes produtos proporcionavam uma difusão de aromas, tanto no interior quanto no exterior das casas.

A alimentação, ou melhor, a preparação do alimento, a arte da culinária, é um tema que envolve um grande número de pessoas, desde a compra dos ingredientes até o preparo final. Desde as mais antigas receitas que compõem a culinária judaica, até as mais recentes adaptações nos cardápios, o preparo, carregado de significados, das

³⁵ GIARD, *Ibidem.*, pp. 250.

diferenciadas receitas que seriam oferecidas nas festas, era atribuição das mulheres – avós, mães, filhas. Além da mulher, a quem cabia lembrar e preparar o alimento, outro membro da sociedade também era envolvido pela dieta alimentar: o *shoret*, aquele que possuía habilidades com a faca para matar, verificar e limpar um animal, segundo as leis do *kashrut*, ou dieta judaica, e deixá-lo *kosher*, ou seja, próprio para consumo, sem sangue, limpo³⁶.

No caso de Campinas, o animal que mais se consumia era o frango, que não exigia grandes cuidados, possibilitando que casa residência judaica tivesse sua própria criação doméstica, a partir de uma granja. Outra carne que também não faltava na mesa era o peixe, o qual necessitava ter barbatanas e possuir escamas para ser *kosher*³⁷.

³⁶ “As restrições dietéticas estão contidas nas regras do *kashrut* (‘permissível’), especificando que animais são *kasher*, ou adequados para o consumo judaico. Somente são aceitáveis os animais que têm o casco fendido e são ruminantes (...). outra lei do *kashrut* determina que um animal *kasher* deve ser abatido do modo adequado, segundo a prática ritual antiga, para que os judeus comam a sua carne. O abatedor ritual, ou *shohet*, é treinado no processo, que, basicamente, exige uma pequena incisão na veia jugular para que o animal fique inconsciente quase instantaneamente. O *shohet* também examina os órgãos internos dos animais abatidos, particularmente os pulmões, para ver se há qualquer sinal de doença que poderia tornar a carne imprópria para o consumo. Segundo as leis do *kashrut*, deve ser tirado o máximo possível de sangue da carne antes dela ser consumida, porque o ‘sangue é a vida’, e deve voltar pura para Deus, em vez de ser consumido por seres humanos. Por esse motivo, a carne *kasher* deve ser salgada com sal grosso, pelo açougueiro ou pelo consumidor em casa, e depois muito bem lavada, antes de ser preparada. O processo de salgar e lavar ajuda a tirar grande parte do sangue que pode ter permanecido na carne”. In. ROSENBERG, op. cit., pp. 173-174.

³⁷ Segundo Michael Asheri “os judeus só têm permissão de comer os peixes que contenham barbatanas e escamas de fácil limpeza. Na realidade, a lei é liberal e os peixes só precisam ter barbatanas rudimentares e três ou quatro escamas, mas estas têm de ser retiradas com a mão”. ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. 2ª ed. Coleção Série Diversos. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995, pp. 115.

À mulher, além da compra dos ingredientes necessários, cabia preparar a casa, o ambiente, para a realização das festas. Ao *shoret*, prover a carne *kosher* da comunidade judaica.

Eis que chega a sexta-feira; o final da semana é o momento que acarreta grande ansiedade nas famílias israelitas, pois elas aguardam com felicidade a chegada do *Shabat*. Dia de festa, de encontros com os correligionários, conversas e, sobretudo, o resgate da tradição³⁸.

As preparações para o *Shabat* iniciam-se cedo, quando a mulher da casa começa separando os ingredientes para o preparo dos três pratos que são servidos no dia do descanso: “a primeira [refeição] é na sexta-feira à noite; a segunda por volta do meio-dia de sábado, (...) e a terceira no fim da tarde”. Na ordem, temos a *chalá*, que são os pães em forma de trança os quais são assados na sexta-feira; a refeição principal do sábado, ou seja, o almoço, é o *tsholent*, tendo como ingredientes principais a “carne de costela com o osso, feijão branco, cebola e batata. Come-se em geral com pescoço de galinha recheado, ‘*helzi*’, e tripas recheadas, ‘*kishke*’, cozidos junto com o *tsholent*³⁹”. A última refeição, a *seudá shlishit*, ou, refeição extra do sábado, “compreende geralmente de

³⁸ “(...) o Shabat é o dia mais importante da vida da pessoa, porque é nesse dia que o Céu e a Terra se encontram. É o momento em que os judeus podem antegozar o mundo futuro. O julgamento severo é atenuado, e Deus e o povo judeu se unem em um abraço carinhoso. Os místicos descreviam o Shabat como a Rainha, a Shekiná ou Noiva de Deus que vai ao encontro dele todas as sextas-feiras ao pôr-do-sol, e fica até o pôr-do-sol seguinte”. In. ROSENBERG, op. cit., pp. 169.

³⁹ “Esses ingredientes são temperados e colocados numa pesada panela de ferro, com mais ou menos água, dependendo de se gostar o *tsholent* agüado ou ‘grosso’. A panela é posta no forno antes do começo do Shabat e deixada cozer por toda a noite e pela manhã seguinte, em fogo baixo. No Sábado, ao meio-dia, ela é tirada do forno e o *tsholent* é comido como almoço (...).” in. ASHERI, op. cit., pp. 126.

chala, arenque e cerveja”⁴⁰. O arenque, também chamado de *guehatle hering*, ou arenque picado, é “preparado tirando a pele de alguns arenques e picando-os junto com ovos cozidos duros, cebola, maçãs, açúcar, pimenta e um pouco de vinagre”⁴¹.

Após o preparo do alimento que será degustado durante o *Shabat*, à mulher também fica reservado o serviço de arrumar o ambiente doméstico para a realização desta cerimônia; sobre a mesa, ela coloca uma toalha branca, as velas de *Shabat*, o vinho e a taça para o *Kidush*⁴² e as *chalot*, acompanhadas de um pano de *chala* usado para cobri-los durante as bênçãos do *Kidush*. Para a mulher, as cerimônias iniciam-se quando ela acende as velas do *Shabat*⁴³; para o homem, quando este recita o *Kidush*.

O prato que acompanha a refeição do anoitecer da sexta-feira, ou sejam, o *chala* e o vinho, é o *guefilte fish*, ou peixe recheado; este prato é composto por dois a três peixes com espinhas, que são “moídos e temperados com cebola, sal, pimenta etc., se

⁴⁰ UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 236 e 268.

⁴¹ KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. 3ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Sefer, 2001, pp. 190.

⁴² “Cerimônia de recitar orações e bênçãos sobre uma taça de vinho no começo do *Shabat* e das festas, e de novo ao fim do serviço matutino, antes do almoço. O conceito do *Kidush* é que o tempo sagrado deve ser diferenciado do tempo profano com a proclamação de sua santidade”. In. UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 144.

⁴³ “Na sexta-feira à tarde, antes do pôr-do-sol, acendem-se duas velas no lar judaico, como sinal do início do *Shabat*. As velas representam as duas referências ao *Shabat* no Decálogo: ‘Lembra o dia do *Shabat*’ (Êx. 20:8) e ‘Guarda o dia do *Shabat*’ (Deut. 5:12). Simbolizam também a luz divina que desce sobre o mundo no dia de *Shabat* e a alma suplementar que brilha dentro de cada judeu enquanto dura o *Shabat*. O costume é que as lâmpadas do *Shabat* sejam acesas pela mulher, e se ela negligenciá-lo será punida com a morte no parto. Depois de acender as velas a mulher passa as mãos sobre as chamas e cobre os olhos; faz então a bênção e abre os olhos para a luz do *Shabat*. Este é para a ela um momento de prece particular por sua família, tendo sido compostas algumas orações em idiche especialmente para esta ocasião. Em tempos pré-modernos costumavam-se usar lâmpadas pendentes, de óleo e pavio, em vez de velas”. in. UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 149.

recheava a pele do peixe com a mistura e, em seguida, se cozinhava por uma ou duas horas”⁴⁴.

O *Shabat* não era a única celebração realizada pelos judeus de Campinas. Outras festas também são responsáveis pela manutenção das tradições, das comidas, das brincadeiras, da religiosidade. Através da memória de Noemy Churguim, nos deparamos com o seguinte relato: “(...) quando chegava nas grandes festas eles [os diretores do Centro Israelita “Beth Jacob”] chamavam alguém [de São Paulo] para dirigir as festas tradicionais, que são Rosh Hashaná, Iom Kipur, Chanucá, Simchat Torá e Pessach”; mas este diálogo com a coletividade de São Paulo perpassa também pelo lado da culinária, pois que “vinha comida [de São Paulo durante] a Páscoa; eles vinham trazer o vinho e o Matzá (pão ázimo)”⁴⁵.

Durante o Rosh Hashaná, por exemplo, lê-se um Kidush e toma-se o vinho (tinto ou rosê). É repartido o pão e embebido no mel, e, em seguida, comido. Reparte-se uma maçã e uma cenoura, os quais também são embebidos no mel e degustados. A seguir, segue o cardápio o qual é constituído de *guefilte fish* acompanhado de raiz forte, sardinhas com maionese, salada de alface, rabanete e pepino, pepino em conserva, espinafre cozido, coxa, sobre-coxa e peito de frango, sopa rala de moela de frango com canelone de carne, torta de macarrão, frutas (pêssego, ameixa, laranja, uva, nectarina), e uma torta feita de mel⁴⁶.

Enquanto à mulher cabia organizar as festas, portadora que era da memória

⁴⁴ KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. 3ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001, pp. 190.

⁴⁵ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁴⁶ Cardápio de Rosch Hashaná de Mojsze Liberman e família.

familiar dos hábitos alimentares e dos modos de preparação da comida, ao homem cabia celebrá-las, dentro e fora de casa, assumindo os rituais religiosos que precedem a refeição.

Dois membros da coletividade judaica de Campinas participavam ativamente da organização das festas. Um deles, o *shoret* da coletividade, Meier Rosenblat, que caminhava em manhãs alternadas pelas ruas da cidade, parando nas casas de seus correligionários, com o objetivo de abater um ou dois frangos para o almoço. “Ele ia de casa em casa, pegava o frango vivo, cortava o pescoço, deixava cair o sangue e a família ficava fazendo o que tinha que fazer”⁴⁷. A presença de um *shoret* na cidade está ligada à memória da alimentação, pois que toda a relação existente entre carne e religião possui neste abatedor ritual sua figura central, pois é ele quem determina qual carne deverá ser comida, fazendo o abate dos galináceos segundo as leis dietéticas e religiosas existentes no judaísmo.

Outro membro muito atuante foi José Koperstik, o *hazan*, ou seja, aquele que comandava as rezas durante o *Shabat* na Escola Lídice da coletividade, antes da existência do Centro Israelita. Sobre ele nos informa Noemy Churguim: “[ele] ia em casa buscar todo mundo, aos sábados [para o *Shabat*]”⁴⁸.

A culinária judaica é vasta e, em razão disto, não se sabe até que ponto a tradição oral pode garantir a preservação de todos os seus pratos e aromas. As receitas tradicionais que caracterizam as diferentes festas permanecem porque são obrigatoriamente repetidas a cada ano, naquele “momento” do calendário em que a

⁴⁷ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁴⁸ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

mulher deve preparar este ou aquele prato típico (vide Anexo III – Pratos da Dieta Alimentar Judaica).

A importância da culinária hebraica está no fato preservar a lembrança; do papel da memória para o resgate de um passado vivido na Europa, em sua cidade natal, ao lado de seus familiares. Este passado é relembrado em todas as festas, quando da reunião de todos em torno do tronco central da família, e onde a comida judaica era obrigatória. Nos dias comuns do calendário, apreciava-se os mesmos produtos normalmente encontrados no comércio⁴⁹.

Os hábitos alimentares, contudo, estão constantemente sujeitos ao diálogo com a cidade; a absorção de novos costumes está diretamente ligada à existência de outros povos e outras culturas em Campinas. Um exemplo é a reunião familiar aos domingos para saborear uma macarronada, ou mesmo o consumo de kibe durante alguns dias da semana. Isto sem contar o café turco de manhã:

“Minha mãe fazia muita comida árabe, kibe, essas coisas; minha mãe sabia fazer porque foi criada num ambiente diferente. Por que essa comida judaica que o pessoal acha que é típica de judeu, veio da Rússia, veio da Polônia, dos judeus europeus. Por que os sefaraditas, que vieram da Espanha, eles não fazem essa comida, é uma comida árabe. O judeu se espalhou pelo mundo inteiro (...). Então eles adaptaram os costumes e a comida do local em que eles moravam. O pessoal que veio aqui começou a comer arroz e feijão. Lá na Rússia não tinha arroz e feijão. Todo judeu aqui (...) está comendo arroz e feijão, batata frita, bife, é o que se come em qualquer casa judaica. Domingo, macarronada. Se vive de acordo com o ambiente. Eles se adaptam muito, não é uma sociedade

⁴⁹ Há uma diversificada alimentação que compõem o cardápio dos judeus campineiros, desde tempos remotos. Por exemplo, quando da falência de Germano Stock, constatou-se haver uma dívida com o estabelecimento de secos e molhados “Ao Emporio Campineiro”, de Pinto Bastos & C., que ficava na rua 13 de Maio, 122. Neste processo há uma dívida 58\$400 por uma compra de garrafas de cerveja, queijo prata, whisky, páprica Ramazoti, vinhos Malvasia, queijo Suíço, biscoito Maria e maçãs. TJC 3º of. Cx. 18 proc. 268 – 1896, fl. 48.

fechada. (...). Meu pai (...) acordava e fazia café turco, do jeito que se faz lá em Israel”⁵⁰.

Depreende-se então que a tradição e a cultura hebraicas eram preservadas e recuperadas através da culinária, cujos costumes eram estritamente observados por ocasião das festas, mesmo que isso fosse mantido apenas graças a fragmentos de lembrança, transmitidos oralmente e que as famílias israelitas não estavam impedidas de enriquecer sua cultura, absorvendo e utilizando costumes de outros povos e lugares.

É no recôndito da casa, especificamente na cozinha, em que se encontra a memória da culinária, o universo de aromas, cheiros, sentidos, ritmos, temperos. É justamente neste espaço que a mulher exerce um importante elo de ligação dentro da família judia, pois é ali que sua memória constituir-se-á na ponte entre o passado e o presente, tendo em vista as lições aprendidas com sua mãe, que aprendera com a sua, e assim sucessivamente. Estes ensinamentos passados de geração a geração, sofrendo pequenas alterações conforme as necessidades da época e a escassez de determinados produtos, firmaram como “corretos” alguns alimentos exigidos para a realização de algumas festas. Entretanto, o retorno à tradição, permanece como a função central da cozinha e dos temperos ali reunidos; nela, a memória feminina recupera toda a cultura do universo privado da família judaica.

Assim, a memória preserva uma identidade ligada à arte de cozinhar: desde a escolha das melhores frutas, sementes, legumes, os quais se conhece utilizando-se do olfato, do tato e da visão, pois que é necessário ver, apalpar e cheirar; o preparo do alimento, refogando-se este legume, temperando e reservando aquele peixe, limpando este frango e até a fase final do processo com o cozimento de todos os ingredientes,

⁵⁰ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

mexendo a panela e conhecendo o ponto exato de tirá-la do fogo, pois o caldo já se encontra grosso o suficiente para a mistura de outros produtos e os legumes já se encontram cozidos, pois assim se aprendeu com a mãe. À boca do fogão, enquanto a queima da lenha aromatiza o ambiente e cozinha o alimento, os ensinamentos são passados e a memória é construída e preservada.

O MUNDO DA CRIANÇA – A ESCOLA E A RUA

Apenas a culinária não era suficiente para transmitir aos filhos as tradições judaicas. A formação da identidade era completada pela educação familiar e sua continuidade, o aprendizado através dos professores da escola da comunidade judaica.

Dentro das paredes da casa, no universo privado do ambiente familiar da coletividade judaica campineira, a mãe, novamente, foi responsável pela transmissão de seus saberes aos filhos. Segundo nos informa Moisés Libermam: “[enquanto] o homem trabalhava, a mulher ficava em casa cuidando dos filhos e de sua educação”⁵¹. Isto incluía a língua e os costumes, como nos informa José Steinberg: “(...) existia uma educação no lar que trazia todos os costumes e todas as tradições da Europa. A língua que era falada em casa era a língua que se falava na Europa. (...) A minha mãe era filha de rabino, então ela fazia as rezas e eu acompanhava”⁵².

No que se refere a uma educação mais formal, submetida aos parâmetros de uma sala de aula, encontramos na cidade alguns representantes da coletividade que se

⁵¹ Mojsze Libermam, entrevista, 26 de setembro de 2000.

⁵² José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

dispuseram a ensinar tanto às crianças, quanto aos adolescentes, o iídiche, o hebraico e a história dos judeus.

Neste ponto é interessante perceber o quanto se torna importante para o judaísmo, no caso dos judeus residentes em Campinas, a questão da educação para a formação do indivíduo, pois ela fornecerá as bases teóricas e práticas que culminarão na consolidação de uma identidade própria, específica para a comunidade judaica campineira. Conforme lembra Noemy Churguim:

“[o judeu] chega num lugar e a primeira coisa que ele faz é uma escola. E na escola já faz o serviço religioso, por que na escola, além da língua, ensinam a rezar e a tradição. (...) Em Campinas aconteceu a mesma coisa, quer dizer, assim que eles chegaram, com quatro, cinco famílias, [decidiram] fazer uma escola. (...) A escola, no começo, era somente para reunir o pessoal para poder rezar. [E], para poder rezar, ensinava o iídiche. A escola era mista e não determinava faixa etária. (...) O professor, para cativar as crianças e os adolescentes [de uma só vez], quer dizer, [até mesmo aqueles] que não sabiam a língua iam lá, até os vinte e pouco anos, (...) ele fazia festas, gincana, teatro, coro, isso era muito comum”⁵³.

A Escola Iídiche, como era chamada, funcionava das 5 às 7 horas, conforme as lembranças de Noemy: “(...) todo mundo sabia que das 5 às 7 era o horário de ir à escola, todos os dias, menos às sextas-feiras. Todos os dias a turma ia lá, a gente estudava, brincava, fazia recreio, era uma hora e meia só, mas a turma gostava. E quando havia ensaio, era no sábado à tarde ensaiava e no domingo”⁵⁴.

Pelos Estatutos do Centro Israelita, temos uma noção melhor do papel que esta escola assumia perante a coletividade:

⁵³ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁵⁴ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

“Artigo 3. Mantér uma escola de ensino religioso e nacional para instrução de menores e adultos de ambos os sexos”⁵⁵.

Quatro foram os professores que trabalharam na Escola Iídiche, que funcionou em diversos endereços, uma vez que fazia parte do Centro Israelita. “Era sempre um professor, a escola era pequena. O professor morava na cidade e seus filhos também. Se o professor mudasse, por exemplo o primeiro professor que eu me lembro, [José] Schimeltzenger [que sabia e ensinava o português], teve que mudar para o Rio de Janeiro, então teve que arrumar outro professor, a escola não podia ficar sem professor”⁵⁶. Em seguida vieram o professor Eisengart, que ensinava o iídiche e história judaica, depois o professor Rosenberg e por último, o professor Steinbock⁵⁷.

Embora não haja nenhuma indicação direta nos estatutos do Centro, da didática e do conteúdo das disciplinas que eram ministradas na Escola Iídiche, podemos afirmar que havia uma seriedade profissional destes mestres, mesmo que não possuíssem uma formação pedagógica, mas que eram reconhecidos pela coletividade como detentores da cultura e da língua, pois que a eles estava subordinada a formação religiosa, cultural e social dos alunos que freqüentavam a Escola.

A educação marcou, enfim, uma parte importante na vida e organização da coletividade judaica campineira. Foi um sistema que teve seu início antes mesmo de se organizar o Centro Israelita, e teve uma vida longa, sobrevivendo até os anos de 1940, uma vida marcada por festa das quais seus primeiros alunos ainda guardam recordações, como verificamos no depoimento de Noemy Churguim, que relata três momentos

⁵⁵ “Da natureza sede e fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5.

⁵⁶ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁵⁷ Elisa Medaljon, Noemy Churguim, José Steinberg.

vividos na Escola Iídiche: “[Houve] uma opereta em iídiche. [Eu] era menina. Era um conto de fadas. [A história] era de uma menina que foi sair com as amigas numa floresta, e se perdeu. Então ela começa a cantar para as árvores onde que ela pode encontrar as meninas e voltar para casa. E as árvores [que] éramos nós, cantávamos, ‘daqui a pouco você vai encontrar’. Era um conto de fadas, não tinha nada de judaísmo, só era falado em iídiche. Houve também vários outros eventos. Eu me lembro de uma peça, *Motho, o Leiteiro*. É a história de um leiteiro judeu que implora a Deus porque seu cavalo está doente, tendo cinco filhas. Sem dote, fica difícil casar as filhas”. Em 1935 ocorreu uma outra apresentação, *O Golem*, além de uma *Academia Herz-Bialik*, direcionada ao público adulto, o que não quer dizer que todas as crianças estavam excluídas, pois que a própria Noemy tocou violino nesta *Academia*⁵⁸. Segundo nos informa José Steinberg: “o coordenador do teatro era meu tio Jacob Medaljon”⁵⁹. Mas quem dirigia as peças era José Mandel⁶⁰.

Esta vida teatral também pode ser verificada através do Estatuto do Centro, uma vez que já era previsto a formação de um grupo teatral:

“Artigo 5. Organizar um Grupo-Dramático-Literário dentre os membros do Centro com o fim de remover [promover] leituras, conferências e espectáculos representativas, como também realizará diversos divertimentos de jogo, permitidos pela lei, como xadrez, dominó, pingue-pongue, etc. etc. para o desenvolvimento mental e moral do consorcio”⁶¹.

A Escola Iídiche não era o único lugar da cidade que as crianças frequentavam:

⁵⁸ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁵⁹ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

⁶⁰ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁶¹ “Da natureza sede e fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5.

“[as festas do Centro] não tinham nada a ver com a vida social que cada jovem [judeu] tinha. Eu, por exemplo, estudava no Grupo Escolar; depois entrei no Culto à Ciência. Eu freqüentava o Tênis Clube, ia lá no baileco todo fim de semana; domingo tinha baileco dos estudantes, eu estava lá”⁶². Segundo lembra Elisa Medaljon, também se freqüentava o Clube Regatas⁶³.

Mas a própria Noemy faz uma ressalva: “no meu tempo de criança, era tão fechada a sociedade campineira, que ninguém [nenhum estrangeiro] entrava. (...) Eles detestavam estrangeiros, por que achavam que estragavam a cidade. (...) O Tênis Clube era mais democrático; lá entrava todo mundo, não como sócio, mas podia freqüentar”⁶⁴.

Mas o Tênis Clube e o Clube Regatas não eram os únicos lugares que os pés israelitas podiam freqüentar. Pelo menos os de Noemy Churguim conheciam outros horizontes da princesa d’oeste:

“Arrumava a turma e a gente ia no Arraial dos Souzas passear de barco no rio Atibaia. A gente ia passear no Bosque [dos Jequitibás]. Cada [parente ou amigo] que vinha para Campinas, [se perguntava]: ‘onde é que a criançada vai?’, ‘vai passear no Bosque’. Todo mundo ia lá. Tinha um bondinho que saía da frente da Estação [Ferroviária] e ia para lá. A gente passeava muito. Eu, quando dava cinco horas, pegava toda a família Chinellatto e nós íamos tomar leite colhido da vaca na Vila Industrial. Cinco horas da manhã. Naquele tempo iam cinco, seis meninas e ia todo mundo lá, tomar leite, e nenhum pai ficava preocupado”⁶⁵.

Outro espaço que funciona dentro do Centro Israelita, o qual também incentivava na formação da criança, foi uma biblioteca. Ela foi composta através do próprio Centro e

⁶² Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁶³ Elisa Medaljon, entrevista.

⁶⁴ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁶⁵ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

de sua coletividade, onde esta arrecadava recursos suficientes para ir adquirindo livros; havia ainda doação de livros e jornais pelos próprios membros da coletividade.

“Eles fizeram uma biblioteca. Não sei como (...) conseguiram, mas eu tenho a impressão que as pessoas deram os livros”⁶⁶.

Pelos Estatutos, o artigo que reza a respeito da biblioteca descreve o seguinte:

“Artigo 4. Mantér uma bibliotheca de literatura nacional, sempre que as finanças do Centro o permitir, franqueará igualmente uma sala de leitura aos consorcios.

§ Único. Os pedidos de livros devem ser attendidos independentemente de qualquer remuneração porém somente aos socios do Centro mediante um deposito de dez (10\$000) mil reis.

§ Segundo. Não devem os livros permanecer por mais de quinze (15) dias em poder dos socios. Caso isto aconteça deverá o encarregado da bibliotheca reclamar-os”⁶⁷.

A Escola consolidada, enfim, um primeiro passo para a formação do futuro Centro Israelita “Beth Jacob” de Campinas. Se as bases para este Centro estão alicerçadas na Escola, como ponto unificador da coletividade judaica, não se pode esquecer do esforço desta mesma coletividade em permanecer unida, mantendo suas tradições, suas amizades, concretizando enfim a vontade coletiva de transformar em uma instituição, com sede e estatutos próprios, o que antes era apenas um salão, com um palco onde se realizavam as festas e os teatros, e alguns quartos que se repartiam entre a sala de aula, a biblioteca e a secretaria.

⁶⁶ Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁶⁷ “Da natureza sede e fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5.

O MUNDO DO ADULTO – O CENTRO, A CASA E O COMÉRCIO

O primeiro processo pelo qual se percebe a presença do mundo adulto é quando o menino passa por um rito, depois de vivido sua décima terceira primavera. Na tradição judaica, este momento é quando a criança já possui um amadurecimento suficiente para freqüentar o *Shabat* sem nenhuma restrição, podendo ler passagens da Torá. Esta transição, que é feita pelos meninos, chama-se *bar mitzvá*.

“Um menino judeu se torna *bar mitzvá*, um filho do mandamento, no dia de seu 13º aniversário, de acordo com o calendário judaico. Com freqüência se diz que nesse dia ele se torna um homem, mas não é assim nem nunca foi. Sente-se, contudo, que é um homem no sentido religioso de que, havendo chegado aos 13 anos, está ciente dos significados dos mandamentos e é capaz de observá-los por sua própria responsabilidade, sem que lhe seja dito por seu pai, que até esta data foi responsável por sua conduta com judeu. Além disso, é considerado adulto num importante aspecto: está apto a fazer o *minyám*, ou quórum, de dez adultos do sexo masculino necessários para a recitação de muitas preces, a leitura pública da Torá.⁶⁸”

Toda uma preparação era realizada para este ritual de entrada no mundo adulto, e era composta por aulas de hebraico, para se ler com desenvoltura os Livros Sagrados, pois o adolescente deveria demonstrar seus conhecimentos ao rabino, cuja presença é necessária para se realizar o *bar mitzvá*. Estas aulas eram oferecidas pelo senhor Meier Rosenblat, o *shoret* da coletividade: “(...) à tarde [pois de manhã ele matava os frangos] ele dava aulas para pessoas que iam fazer a iniciação religiosa dos treze anos, o *bar mitzvá*”,⁶⁹ enquanto a presença do rabino era providenciada pela coletividade que ia buscá-lo em São Paulo.

⁶⁸ ASHERI, op. cit., pp. 53.

⁶⁹ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

Todo este ritual, acompanhado de perto pelos adultos, conduz a um outro universo que foge à figura materna e ao espaço da casa e da cozinha, uma outra realidade que a criança vislumbra com seu olhar pueril e que agora começa a se entranhar na formação deste adolescente. Ele se depara com o mundo adulto.

Sendo esta passagem acompanhada pelo mundo adulto, pressupõem-se que há uma união da coletividade no sentido de continuar a ensinar aos seus filhos todos os parâmetros da tradição judaica, os quais se mantêm e são transmitidos através de uma delicada força conjunta da coletividade campineira durante as festas e os ritos de passagem do judaísmo.

O núcleo responsável por esta força tarefa é, num primeiro momento, a Escola Lídice que exerce, por toda a sua existência, a função de “lugar de encontro” dos adultos. Com o passar dos anos e a própria coesão das idéias da coletividade, o Centro Israelita “Beth Jacob” assume a responsabilidade de coordenar não só este rito, mas também toda a vida social e religiosa dos judeus de Campinas.

Contudo, somente o *bar mitzvá* não era suficiente para que o adolescente ingressasse definitivamente para o mundo adulto, era necessário também completar 16 anos para poder a ele pertencer e, com responsabilidade, discutir questões de ordem do Centro Israelita, o que pode ser verificado nos estatutos:

“Artigo 7. Só podem pertencer a este Centro e gozar dos direitos e regalias que elle offerece:

A). Os emancipados.

Os filhos dos membros da sociedade admittem-se como socios no Centro com a idade de deseseis annos (16).

B). Os que tiveram instrução precisa para compreender e apreciar os fins do Centro.

C). Os que tiverem profissão livre e decente”⁷⁰.

Este universo de relações constitui, enfim, a própria formação da sociedade judaica campineira, composta pelos núcleos familiares, representados institucionalmente pelo Centro Israelita “Beth Jacob” que, em estatuto, estabelece três categorias de sócios assim distribuídos:

“Artigo 8. Todos os socios do Centro são membros activos e divididos em tres categorias:

A). Cotisantes: São membros obrigados ao pagamento da mensalidade e uma joia de cincoenta mil reis (50\$000).

B). Remidos: São membros obrigados ao pagamento mensal e são livres da joia, por haver prestado ao Centro relevantes serviços ou fizeram um donativo para o Centro da quantia que não seja menos de quinhentos mis reis (500\$000).

C). Honorarios: São todos os correligionarios que não residem nesta cidade e frequentam este Centro por motivos religiosos”⁷¹.

A ata de fundação do Centro, registra os sócios das duas primeiras categorias:

“Dos trinta e seis membros presentes a esta assemblea consideram-se como membros remidos os seguintes S. Blac, João Cardoja, Jaime Frug, Salomão Malens, S. Strachman, Leon Marchevsky, Simão Goudelman, Jacob Churguin, Boris Strachman, Paulo Duchovne, Moyses Strachman, Aron e Mauricio Malens, e as senhoras Lavid Bronspiguel, I Goudelman, I. Faivehc; e Marcos Frug, Jose Marchevsky, S. Faillor, H. Rozenzeveiz, Luis Cardoja Rozenstein, M. Colliar, S. Lukin, S. Pomeranz, Leon Orenstein, A. Pismanik, S. Posansky. S. Vainberg, S. Voloch considerando-se como membros cotisantes”⁷².

⁷⁰ “Da Natureza Sede e Fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5-6.

⁷¹ “Da Natureza Sede e Fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 6.

⁷² “Copia da Acta, de dia 12 do mez de Outubro de 1927, da assemblea Geral dos membros do Centro Izraelita “Beth Jacob”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 4.

Os serviços oferecidos pela instituição somente podiam ser utilizados pelos sócios que mantivessem em dia todas as suas obrigações. Em seus artigos relativos aos Direitos e Deveres dos associados, os Estatutos do Centro prevêm o seguinte:

“Artigo 9. Para que o membro deste Centro tenha direito as prerogativas que offerece aos consorcios como: Sinagoga, Escola, Bibliotheca, Grupo-Dramatico-Literario, e divertimentos é preciso que esteja no gozo das suas qualidades hebraicas e que se mostre quite com os cofres do Centro.

Artigo 10. Os membros do Centro tem por dever:

- A). Pagar sua mensalidade pontualmente.
- B). Ser virtuoso, respeitador das crenças dos seus semelhantes.
- C). Obedecer e cumprir os regulamentos da administração.
- D). Respeitar e cumprir os estatutos do Centro.
- E). Promover a harmonia e a solidariedade entre os socios e esforçar-se para que despareçam entre elles quaisquer divergencias.

§ Único. O infractor ao artigo dez (10) será excluido do Centro⁷³.

Embora grande parte das famílias estivesse propensa a se filiar ao Centro, seja como sócios remidos ou sócios cotisantes, as dificuldades financeiras enfrentadas por muitas delas impediam a realização desta vontade e obrigavam-nas a freqüentar as reuniões e festas apenas na condição de convidados, pois assim previam os estatutos:

“Artigo 2. Sustentar um salão apropriado para reuniões religiosas a entrada para estas reuniões é franca para todos os correligionarios⁷⁴.

É evidente que a criação de distintas categorias de sócios buscava atender às diferentes situações sócio-econômicas dos componentes da comunidade judaica campineira. A categoria dos Sócios Remidos, aqueles que podiam contribuir com doações de valor muitas e muitas vezes superior aos demais, certamente era composta,

⁷³ “Da Natureza Sede e Fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 6.

⁷⁴ *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5.

em sua maioria, por famílias que já habitavam a cidade há mais de trinta anos e que já haviam acumulado um vultoso capital. Eram aqueles a que se podia chamar de a elite judaica de Campinas, provenientes da primeira imigração do século XX, notadamente judeus russos, além de um pequeno número de judeus de outras origens, como palestinos ou alemães. A estes, o Centro reservava a exclusividade de participação nos cargos de diretoria, como se observa nos Estatutos:

“Artigo 16. A directoria deve ser composta de membros dos quaes dois terços 2/3 deve ser membros remidos.

Artigo 17. Para ser eleito Presidente, Vice-Presidente, Secretario, Secretario-Adjunte, e Thesoureiro é preciso que os membro seja da maior idade, pertença ao centro mais de tres (3) annos e que seja membro remido”⁷⁵.

A segunda categoria, a dos Sócios Cotisantes, certamente era composta por judeus que chegaram mais recentemente à cidade e que haviam acumulado recursos suficientes apenas para a manutenção de suas próprias famílias e para uma pequena contribuição para com o Centro. Eram, em sua maioria, judeus poloneses, oriundos da última leva imigratória chegada à cidade.

A categoria dos Sócios Honorários, segundo os estatutos, estava destinada aos judeus não residentes na cidade e que freqüentavam o Centro apenas por motivos religiosos.

A análise dos estatutos permite verificar diversas situações e condições de funcionamento previstas para o Centro que buscava consolidar-se através do esforço coletivo dos israelitas campineiros, como, por exemplo, previa a criação e a manutenção

⁷⁵ Da Natureza Sede e Fins do Centro”. In. *Certidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 7-8.

de espaços destinados ao ensino, à formação de uma biblioteca e áreas destinadas às tarefas complementares de formação do indivíduo, estavam previstas nos artigos 3, 4 e 5.

Um estudo das atividades do Centro e de seus regulamentos, permite aferir que o mesmo procurava atender e cobrir uma vasta gama de preocupações inerentes a uma coletividade que se esforçava para preservar suas raízes e manter suas tradições, embora inserida em um contexto inteiramente novo. Contudo, não se encontra em seus estatutos nenhuma referência à formação de uma imprensa iídiche, o que nos remete ao seguinte questionamento: embora pudesse solicitar auxílios para o *Laissper Case* (Cooperativa de Mascates), do Centro Israelita “Beth Jacob”, ou à própria EZRA, para financiar a compra de máquinas e papéis para se organizar uma imprensa iídiche na própria cidade, por que a comunidade judaica campineira não o fez?

A resposta pode ser dada pela proximidade física com a cidade de São Paulo, bem como pela facilidade de se receber jornais e revistas de outros estados e países. Consideradas estas condições, a relação custo-benefício não justificava a organização de um jornal ou uma revista judaica na própria cidade, mas sim fora de seus limites, principalmente na cidade de São Paulo.

Embora a coletividade não providenciasse sua imprensa iídiche, não significa que os judeus campineiros vivessem à margem dos acontecimentos de outras coletividades judaicas espalhadas pelo Brasil ou mesmo no exterior, uma vez que jornais e revistas editados e publicados em São Paulo, no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos circulavam de mão em mão, de casa em casa, e estavam sempre presentes nas salas e espaços comuns do Centro Israelita.

Segundo informa Steinberg, “o meu pai lia jornal iídiche quando comprava em São Paulo, no Bom Retiro”⁷⁶. Mas também circulavam jornais dos Estados Unidos, segundo o depoimento de Noemy Churguin: “Eles assinavam jornais dos Estados Unidos, São Paulo e Rio de Janeiro, todos em iídiche e alguns em português. Nessa época aqui não tinha jornal nenhum”⁷⁷.

Embora não possuísse seu próprio veículo de informação, a coletividade e o Centro Israelita não deixavam de realizar seus comunicados, objetivando divulgar suas atividades como uma sociedade organizada, pois assim poderia angariar novos sócios e contribuintes. Assim aconteceu, por exemplo, em 1935, quando o jornal israelita “A Notícia”, publicado em São Paulo, trouxe a público uma reportagem que tecia uma série de elogios ao bom preparo em que se encontrava a coletividade judaica da cidade e seu empenho em manter e difundir a própria cultura. Assim escreve o jornal sobre a coletividade israelita de Campinas:

“Reunidos em diversas associações, os israelitas de Campinas, procuram por todos os meios dotar a colônia de tudo o necessário para que a cultura judaica possa ser amplamente difundida. Uma associação de auxílios mútuos e hospitalares, um centro recreativo, também não faltou. Para os filhos dos israelitas campineiros, a quem se devia ministrar com eficiência o ensino da língua e dar cultura israelita, foi criada a Escola Israelita de Campinas”⁷⁸.

Aqui cabe discorrerem a respeito deste financiamento que a EZRA e o *Laissper Case* ofereciam. Baseando-nos na ata de fundação da EZRA, verificamos que sua finalidade é ajudar aos seus pares nos seguintes termos: “A Sociedade Israelita ‘Amigos

⁷⁶ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

⁷⁷ Noemy Churguin, entrevista, 04 de novembro de 2000.

⁷⁸ “Em Campinas”. In. *A Notícia: Edição semanal da “A Gazeta Israelita de São Paulo”*. Anno I, n.º 7. São Paulo, terça-feira, 02 de julho de 1935, pp. 3.

dos Pobres' tem o mesmo fim especial de não deixar ir pedir esmolas, mais auxiliar aos pobres, doentes e arranjar serviço aos que não tem, e ajudar também materialmente quando é nessesario"⁷⁹. Os recursos financeiros da EZRA, ao que se percebe, são destinados exclusivamente ao subsídio dos judeus pobres, seja com relação à própria manutenção, seja com relação às questões de saúde, ou ainda a questões relacionadas com a imigração. Com relação à Cooperativa de Mascates, constata-se que os estatutos do Centro Israelita prevêm o seguinte:

“Artigo 6. Socorrer pecuniariamente sempre que o estado financeiro do Centro o permitir aos correligionarios forasteiros necessitados.
 § Único. O auxilio citado no paragraho acima não deverá exceder de cincoenta mil reis (50\$000).
 Caso da urgente necessidade de um auxilio maior a esta quantia deve se consultar a comissão central”⁸⁰.

A criação de todas estas formas de auxilios e ajudas mútuas permitem concluir que a situação financeira dos judeus campineiros não era das melhores e que a coletividade se preocupava com a questão e reunia esforços com o objetivo de solucioná-los ou minimizá-los, através dos empréstimos proporcionados pelo *Laisper Case*. Somente quando este não tinha condições de atendimento, os pleitos eventualmente eram encaminhados à EZRA. Como nos informa José Steinberg, o imigrante judeu “tinha que se preocupar com o almoço dele”⁸¹. O nível das dificuldades enfrentadas pela comunidade impedia que seus sonhos pudessem ir além daqueles relacionados com a solução dos problemas de própria subsistência, impedindo o

⁷⁹ “Ata de fundação da Sociedade Beneficiente Amigos dos Pobres - EZRA, em 20 de maio de 1916”. In. Atas da EZRA. EZRA 04, 00.01-00.01 (1916).

⁸⁰ “Da Natureza Sede e Fins do Centro”. In. *Cartidão de Personalidade Jurídica*. 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, pp. 5.

⁸¹ José Steinberg, entrevista, 09 de novembro de 2000.

desenvolvimento e a realização de outros, como a organização e a manutenção de seus próprios veículos de comunicação.

Em função de todas as suas atividades, tanto aquelas relacionadas com as questões coletivas, como – e principalmente – com as voltadas para os problemas de cada indivíduo, o Centro Israelita torna-se o eixo dos judeus de Campinas. A ele coube não somente ensinar e preservar as tradições e a religião, mas também conglomerar toda a coletividade de Campinas, possibilitando uma coesão maior entre as famílias israelitas da cidade. Segundo Noemy, “a Sociedade [significava] o vínculo [entre nós] nos eventos religiosos e nas apresentações”. Tais vínculos eram mantidos pois “(...) havia visitas entre aqueles que se davam [bem]”⁸². O funcionamento e as preocupações do Centro e as visitas entre os diversos componentes do grupo levam à confirmação da existência de uma coesão e de uma identificação cultural, religiosa e política entre as famílias residentes em Campinas.

Alguns destes relacionamentos e visitas permitem constatar que se estabelecem vínculos que entrelaçam o mundo adulto às questões comerciais e políticas; exemplo disso acontecia quando comerciantes judeus da cidade se reuniam na “Casa Moyses”, de Boris Strachman. Todos os domingos, alguns comerciantes e suas respectivas famílias compareciam a este estabelecimento, que ficava na rua Barão de Jaguara, com o objetivo de discutir os melhores investimentos comerciais e financeiros do momento, tendo como consultor comercial o próprio senhor Strachman, que era considerado, pela coletividade, seu membro mais preparado para se discutir tais assuntos.

⁸² Noemy Churguim, entrevista, 04 de novembro de 2000.

Enquanto os homens discutiam o futuro comercial judaico da cidade, as mães e seus filhos ficavam no Largo do Rosário, praça localizada bem em frente à loja do senhor Strachman. Neste Largo, as mulheres conversavam e as crianças brincavam; um lugar de passeio, onde o contato da coletividade judaica com a sociedade campineira se realizava⁸³.

Outro momento de diálogo entre os israelitas é o encontro no próprio Centro, nas noites de sexta-feira, quando da união e confraternização do dia de descanso. A espera desta celebração no seio da coletividade estimula o vínculo e as amizades, pois é no espaço físico do Centro Israelita que se pode encontrar os amigos, além de expor e informar ao público presente os acontecimentos da semana, como os *bar mitzvá*, as mortes, os nascimentos, as circuncisões, os casamentos; fator de união e confraternização eram também os relatos das histórias e lembranças dos antepassados e da vida na cidade natal, além das brincadeiras preservadas e transmitidas aos filhos, como, por exemplo, na festa de Chanuká, as crianças brincavam com “uma espécie de pião de ‘bota e tira’, chamado *dredel* ou, em hebraico, *s’vivon*. Trata-se de um pião de quatro lados, com as letras hebraicas *nun*, *gimel*, *heh*, e *shin*, uma de cada lado. Todos os jogadores apostam a mesma quantia (nozes e balas são usadas com mais frequência do que dinheiro) enquanto um dos jogadores faz girar o *dredel*. Se cai *nun*, entende-se que isso significa *nisht*, ou ‘nada’, em iídiche, e as apostas permanecem na mesa, enquanto o *dredel* é passado ao jogador seguinte. *Gimel* significa *gantz*, ou ‘tudo’ (rapa), e o jogador que girou o *dredel* ganha tudo que está na mesa. Novas apostas são feitas e o *dredel* é entregue ao jogador seguinte. *Heh* significa *halb*, ou ‘metade’, e o jogador ganha metade

⁸³ Ademar Strachman, entrevista.

do que está na mesa; e *shin* significa *shtell*, ou ‘bota’, e o jogador tem de colocar na mesa uma quantia à da sua aposta original e passar o *dredel* para o jogador seguinte. (...) As letras, na realidade, significam *Nes Gadol Haya Sham* (Um grande milagre aconteceu lá [em Israel])⁸⁴.

Embora fortemente marcado pelo tripé representado pelo Centro Israelita, a casa e o comércio, e no qual desenvolvem e preservam suas próprias tradições, cultura e religião, o imigrante israelita jamais se fecha para o convívio com os demais povos e culturas estabelecidos no ambiente urbano da cidade de Campinas.

Uma vez que a manutenção de todos os costumes arraigados na tradição familiar, sua preservação e transferência às gerações futuras, garantindo a permanência dos traços fundamentais de sua cultura, estava garantida pelos vínculos e instituições criados dentro de sua própria comunidade, puderam os judeus campineiros estabelecer uma relação mais liberal com os demais habitantes da cidade, adaptando-se integralmente ao novo ambiente, dele participando e com ele colaborando como todos os demais membros da sociedade. Ao mesmo tempo em que participava como cidadão, em uma sociedade multicultural, preservou sua própria condição e seu sentimento em relação àquilo que se poderia chamar de “ser judeu”.

⁸⁴ ASHERI, op. cit., pp. 224.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vemos assim, que o constante progresso da colonia israelita [de Campinas], caminha a par com o formidavel desenvolvimento da lindissima cidade”¹.

Toda a história da imigração judaica ocorrida em Campinas leva a uma conclusão: a cidade, como palco mutante que permitiu e possibilitou a adaptação destes imigrantes ao longo de oito décadas, constituindo uma relação clara, direta e estável, revela, por um lado, a existência de uma aceitação, pela sociedade local, para com esta imigração, embora se encontre uma elite que não aceitava a presença de imigrantes na área urbana; o diálogo estabelecido possibilitou ao judeu imigrante preservar sua judaidade pois, mesmo vivendo numa sociedade “aberta”, conseguiu manter suas tradições e seus valores, trazidos na bagagem e preservados na memória, como único meio de não se sentir completamente assimilado.

A vida judaica em Campinas, desde a chegada dos primeiros imigrantes, nos idos de 1850, confere um particular diálogo de interação com a cidade e seus moradores, registrando-se um constante convívio na área central da cidade, estabelecendo-se porém uma clara separação entre o mundo que transita às margens da porta de entrada dos ambientes e das moradas judaicas.

Este diálogo permitiu, contudo, que esta coletividade assimilasse parcialmente alguns aspectos da cultura local, tendo em vista as necessidades que os judeus tiveram de realizar alguns passos para fora de sua morada na cidade: era preciso aprender a

¹ “Em Campinas”. In. *A Notícia: Edição semanal de “A Gazeta Israelita de São Paulo”*. Anno I, n.º 7. São Paulo, terça-feira, 02 de julho de 1935, pp. 3.

língua local, freqüentar escolas ligadas a outras doutrinas, religiosas ou não, fazer e manter amizades com pessoas de outras raças e credos.

Em tempos áureos, a coletividade manteve uma escola bem estruturada objetivando atender a uma juventude israelita, composta pela segunda geração de imigrantes; suas aulas e seus professores estavam incumbidos de manter a cultura judaica, uma judaidade correspondente à de seus pais que, na Europa, falavam, pensavam e viviam sua cultura dentro da própria casa, na rua, na escola, pois que a família possuía liberdade suficiente de se mostrar judia dentro de seu próprio *schtetl*.

Além da escola, as primeiras famílias aqui residentes já sonhavam com a implantação de um núcleo coeso e que atendesse às expectativas da coletividade; desse desejo, surge o Centro Israelita, responsável pela manutenção de diversos aspectos da cultura e da religião judias. Com o passar do tempo, a escola e o Centro, sobretudo este, juntamente com as famílias assumem cada vez mais o papel de guardiães das tradições e da cultura, um vez que o diálogo e as relações com a cidade ficam cada vez mais estreitas e a interação entre as diversas culturas que a compõem, cada vez mais visível.

Neste sentido, e mesmo com estes problemas, transformam o sonho em realidade, pois que saem do *projeto* ao concreto ao organizar formas definitivas de espaços próprios, como a Escola Iídiche e o Centro Israelita, bem como sua própria casa e, por vezes, seu comércio, no intuito de manter as tradições longe do alcance dos processos de assimilação, não expondo ao público em geral as múltiplas faces da cultura israelita, restringindo sua ação e seus gestos aos espaços privados de sua coletividade. Contudo, não se pode afirmar que apenas a formação da Escola e do Centro Israelita garantissem imunidade contra a assimilação, pois que dependiam de instrumentos que

somente a cidade podia lhes oferecer, como por exemplo, as escolas, os teatros, os clubes, os mercados, etc.. O imigrante judeu teve de se ajustar aos padrões sociais encontrados na cidade, modificando alguns dos aspectos de sua arraigada cultura, pois que houve uma necessidade em adaptar-se ao mundo em que agora vive.

O tempo também representou algum desgaste para a coletividade que perdeu membros importantes para o seu funcionamento. A procura por novos centros urbanos que possibilitassem uma melhoria dos padrões de vida, foi motivo de mudança para alguns judeus residentes na cidade, principalmente comerciantes. Assim aconteceu com o *shoret* da cidade, que além desta função também realizava o *bar mitzvá*, Meier Roisenblat, que se transferiu para a cidade de São Paulo. A própria Escola Iídiche também não conseguia manter seus professores por períodos superiores a dois anos; melhores oportunidades terminavam por levá-los a outros centros. Esta rotatividade dificultava visivelmente o aprendizado do iídiche, da cultura e da história judaica pelas crianças.

A partir de década de 1940, até os dias de hoje, a coletividade judaica campineira reúne-se não mais no Centro Israelita, mas na Sociedade Israelita-Brasileira “Beth Jacob”; o mesmo prédio, mas agora acrescido com uma sinagoga. Entretanto, os antigos e arraigados vínculos religiosos existentes no seio da coletividade, como a família e a escola, desapareceram no tempo, forçando com que os costumes e as tradições judaicas permanecessem restritos somente às festas e celebrações religiosas, como o *Shabat*, o Rosh Hashaná e Iom Kipur, o Chanucá, o Simchat Torá e o Pessach. A interação cada vez maior com o novo ambiente, sempre incrementada a cada nova geração familiar,

culminaram na perda da identidade de origem e sua conseqüente substituição pela identidade adotada.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Fontes Primárias (acervos, jornais e revistas, almanaques e entrevistados)

Acervos:

Acervo do 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas – Elvino Silva Neto.

Acervo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Alocado no Instituto de Educação Hebraico Brasileiro Renascença.

Acervo do Fundo do Tribunal de Justiça de Campinas, ofícios 1º ao 5º. Alocado nos Arquivos Históricos do Centro de Memória da UNICAMP.

Acervo Jolumá Brito. Alocado nos Arquivos Históricos do Centro de Memória da UNICAMP.

Acervo da Sociedade Israelita Brasileira “Beth Jacob”.

Acervo Particular de Elisa Medaljon.

Acervo Particular de Noemy Churguim.

Jornais e Revistas:

A Atualidade (1922)

A Campinéa (1927)

A Columna. Orgão dos interesses dos Israelitas no Brasil (1916)

A Primavera (1898)

Breves Reparos e Conferências Católicas (1908)

Getulino (1926)

O Mensageiro (1909 a 1912)

Palmeiras (1943)

Resolução, Leis e Actos promulgados durante o anno de 1914

Revista Israelita. Mensario de Interesses e Assumptos Israelitas (1933-1934)

Shalom (Julho 1977)

Vila Americana (1899)

Almanaques:

BARCELLOS, Henrique de (org.). *Almanach do Correio de Campinas para 1886*. Campinas: Typographia a vapor do Correio de Campinas, 1885.

CARDONA, Francisco; ROCHA, José (orgs.). *Almanach de Campinas (Litterario e Estatistico) 1892*. Anno I. Campinas: Tipografia Cardona, 1892.

FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da (orgs.). *Almanach Popular de Campinas para o anno de 1879: contendo além do kalendario e diversos artigos de interesse geral, uma minuciosa secção de notabilidades profissionaes, commerciaes e industriaes de Campinas*. Segundo Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1878.

LADEIRA, José M.; OCTAVIO, Benedicto (orgs.). *Almanach de Campinas para 1908: contendo, além do calendário, a monographia de Campinas, informações uteis, relação das casas de commercio da cidade e dos bairros, etc.* Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1907.

LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1872*. Bissexto. Anno II. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871.

LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1873*. Anno III. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.). *Almanach Histórico e Estatistico de Campinas -- 1912*. Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1911.

OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente. *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas: 1914*. Campinas: s.e., 1913.

SILVA, Hypolito da (org.). *Almanach Popular para o anno de 1878: contendo diversos artigos de interesse geral, e uma parte noticiosa, litteraria e recreativa*. Primeiro Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

Entrevistados:

Adernar Stracham

Benjamin Segal

Elisa Medaljon

Guilhermina Churguim

José Steinberg

Mojsze Liberman

Noemy Churguim

Oscar Bronberg

Artigos

“Em Campinas”. **In.** *A Notícia: Edição semanal da “A Gazeta Israelita de São Paulo”*. Anno I. n.º 7. São Paulo, terça-feira, 2 de julho de 1935, pp. 3.

BASTOS, Marcus Aurélio Albino. “Presença judaica em Campinas no século XIX (1870 -1890): uma primeira abordagem”. **in.** *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, vol. 6. n.º 12, 1994, pp. 35-50.

COSTA, Maria Cecília Solheid da; DIGIOVANNI, Rosângela. “Antropologia, espaço e cidade: um olhar sobre Curitiba”. **In.** SÁ, Cristina (et. All). *Olhar Urbano, Olhar*

Humano. Coleção Biblioteca Estudos Brasileiros, vol. 20. São Paulo: IBRASA, 1991, pp. 33-54.

FAUSTO, Boris. "Um balanço da historiografia da imigração para o Estado de São Paulo". **In.** *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, año 8, n.º 25, 1993, p. 415-440.

GRÜN, Roberto. "La imagen y la vida de los judios en Brasil: cuestiones e inferencias". **In.** *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, año 10, n.º 29, 1995, p. 5-28.

LAFER, Celso. "Identidade individual e identidade coletiva: o judaísmo e os dilemas da modernidade". **In.** LAFER, Celso. *Ensaio Liberais*. São Paulo: Siciliano, 1991, pp. 183-187.

LESSER, Jeffrey. "La inmigracion y la integracion de judios polacos en Brasil, 1920-1935". **In.** *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, año 9, n.º 27, 1994, p. 361-380.

LEVEAU, Rémi; SCHNAPPER, Dominique. "Ser imigrante na França". **In.** PROST, Antoine; VICENT, Gérard (org.). *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 491-528.

LOWENTHAL, David. "Como conhecemos o passado". **In.** Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. N.º 17. São Paulo: EDUC, novembro/1998, p., 63-201.

PINSKY, Jaime (org.). "No interior de São Paulo: Em Campinas". **In.** *Shalom Os Judeus no Brasil*. Ano XIII, n.º 146. São Paulo: Editora Shalom Ltda., julho de 1977, pp. 60-64.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". **In.** VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. 2ª ed. Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, pp. 11-25.

SIMON-NAHUM, Perrine. "Ser Judeu na França". **In.** PROST, Antoine; VICENT, Gérard (org.). *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 459-489.

WOLFF, Martha; VERBITSKY, Ana. "A cozinha e a memória". **In.** *A Cozinha Judaica III*. Série Edição Especial Shalom, n. 243. São Paulo: Editora Shalom Ltda., s/d, pp. 6-8.

Livros

Imigração

EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes Judeus: relatos, crônicas e perfis*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. Coleção Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.

FAUSTO, Boris (et al). *Imigração e Política em São Paulo*. Coleção Série Imigração, n.º 1. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP: Editora da UFSCar, 1995.

FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FAUSTO, Boris. *Negócios e Ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Judeus & Judaísmo

A Cozinha Judaica III. Série Edição Especial Shalom, n. 243. São Paulo: Editora Shalom Ltda., s/d.

ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. 2ª ed. Coleção Série Diversos. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995.

BARON, Salo Wittmayer. *História e Historiografia do Povo Judeu*. Série História, Coleção Estudos, n.º 23. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

BEM-GAL, Ely (editor geral). *O Povo da Menoráh*. Rio de Janeiro: Exodus, 1998.

- BRUMER, Anita. *Identidade em Mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- CYTRONOWICZ, Roney. *UNIBES: História do Trabalho Social da Comunidade Judaica de São Paulo (1915-2000)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- FALBEL, Nachman. *Estudos Sobre a Comunidade Judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.
- FRIEDMANN, Georges. *Fim do Povo Judeu?* Coleção Debates, n.º 6. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- GUINSBURG, Jacó. *O Judeu e a Modernidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- GUINSBURG, Jacob; TAVARES, Zulmira Ribeiro (orgs.). *Quatro Mil Anos de Poesia*. Coleção Judaica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- HERZL, Theodor. *O Estado Judeu: ensaio de uma solução da questão judia*. São Paulo: Organização da Pioneira Judia, 1949.
- HOJDA, Edith Gross. *Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925-1940)*. São Paulo: USP, 1995. (Tese de Doutorado).
- IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. Coleção Estudos, n.º 156. São Paulo: Editora Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.
- KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. 3ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
- KUSHINIR, Beatriz. *Baile de Máscaras - Mulheres judias e Prostituição: as Polacas e suas associações de Ajuda Mútua*. Série Diversos. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1996.
- La Cocina Judia: tradicion y variaciones*. São Paulo: Editora Shalom S.R.C., 1984.
- LANCASTER, Brian. *Elementos do Judaísmo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- MORAES, Evaristo de. *Os Judeus: artigos e conferências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
- PINSKY, Jaime. *Origens do Nacionalismo Judaico*. 2ª ed. Coleção Série Fundamentos n.º 139. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- POLIAKOV, Léon. *A Causalidade Diabólica I: ensaio sobre a origem das perseguições*. Coleção Estudos, Série História, vol. 124. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- POLIAKOV, Léon. *A Causalidade Diabólica II: do jugo Mongol à vitória de Lênin*. Coleção Estudos, Série História, vol. 125. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- POLIAKOV, Léon. *A Europa Suicida: 1870-1933: história do anti-semitismo IV*. Coleção Estudos, n.º 66. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.
- POLIAKOV, Léon. *De Cristo aos Judeus da Corte: história do anti-semitismo I*. Coleção Estudos, n.º 63. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- RAPHANELLI, Noely Zuleika de Oliveira. *Judeus de Sorocaba, um Resgate Histórico*. São Paulo: USP-Departamento de Letras Orientais-Centro de Estudos Judaicos, 1997. (Dissertação de Mestrado).
- RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: a Comunidade Judaica de São Paulo*. Coleção Ensaaios, n.º 27. São Paulo: Editora Ática, 1977.
- REHFELD, Walter I.. *Tempo e Religião: a experiência do homem bíblico*. Coleção Estudos, n.º 106. São Paulo: Editora Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- ROSENBERG, Rey A. *Guia Conciso do Judaísmo: história, prática e fé*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.
- ROSENFELD, Anatol (org.). *Entre Dois Mundos*. Coleção Judaica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.
- ROTH, Cecil. *Pequena História do povo Judeu*. 3 vol. São Paulo: Federação Fritz Pinkuss; Congregação Israelita Paulista, 1962.

- SCHLESINGER, Erna C. *Tradições e Costumes Judaicos: uma viagem em torno do ano hebreu*. Rio de Janeiro: Editôra S. Sigal, 1951.
- SCHREIBER, Jean-Jacques Servan. *O Desafio dos Judeus*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- SCLIAR, Moacyr. *A Condição Judaica: das Tábuas da Lei à mesa da cozinha*. Coleção Universidade Livre. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- SHAKED, Gershon. *Sombras de Identidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- SLAVUTZKY, Abrão (org.). *A Paixão de Ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- SORJ, Bila (org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1997.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- VELTMAN, Henrique. *A História dos Judeus em São Paulo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1996.
- VELTMAN, Henrique. *A História dos Judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1998.
- VIEIRA, Nelson H. (org.). *Construindo a Imagem do Judeu: algumas abordagens teóricas*. Coleção Série Diversos. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994.
- WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *Guia Histórico da Comunidade Judaica de São Paulo*. São Paulo: Editora B'nei B'rith S/C, 1988.
- WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *Os Judeus no Brasil Imperial: uma pesquisa nos documentos e no noticiário carioca da época*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Centro de Estudos Judaicos, 1975.

- BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. *Campinas, o Despertar da Modernidade*. Coleção Campiniana, n.º 7. Campinas: UNICAMP: CMU, 1996.
- BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: migrantes e expansão do pólo industrial paulista*. Coleção Campiniana, n.º 5. Campinas: UNICAMP: CMU, 1996.
- BATTISTONI FILHO, Duílio. *Aspectos Culturais da História de Campinas*. Campinas: Mousinho, 1983.
- BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas: uma visão histórica*. Campinas: Editora Pontes, 1997.
- CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887)*. Campinas: Mercado de Letras/Centro de Memória-UNICAMP, 1998.
- CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de Ruptura: as transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta*. Coleção Campiniana, vol. 8. Campinas: UNICAMP: CMU, 1996.
- FEITOSA, Miguel Alves. *À Volta da Exposição (notas e impressões)*. Campinas: Typographia a Vapor do Correio de Campinas, 1886.
- GEBARA, Ademir. *Campinas 1869-1875: republicanism, imprensa e sociedade*. São Paulo: FFLCH/USP, 1975. (Dissertação de Mestrado).
- GOMES, Eustáquio. *Ensaio Mínimo: uma leitura de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Raduan Nassar e outros autores contemporâneos*. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1988.
- GOMES, Eustáquio. *Os Rapazes d'A Onda e Outros Rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista (1921-1925)*. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1992.
- GOULART, Edmo. *Campinas: ruas da época Imperial*. Campinas: Editora Maranata, 1983.
- KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. *Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas: um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o Segundo Império*. Coleção Campiniana, n.º 19. Campinas: Editora da UNICAMP: Centro de Memória, 1999.

- LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850 - 1900*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- Lasar Segall: a Exposição de 1913*. São Paulo: Museu Lasar Segall; Campinas: Museu de Arte Contemporânea de Campinas José Pancetti, 1988.
- MARIANO, Julio. *Badulaques*. Coleção Ciências Humanas, n.º 6. São Paulo: Conselho Estadual De Artes e Ciências Humanas, 1979.
- MARIANO, Julio. *Campinas de Ontem e Anteontem: quadros históricos menos conhecidos da Cidade Princesa, que se traçaram tendo por base documentos inéditos do Arquivo da Câmara Municipal de Campinas*. Campinas: Maranata, 1970.
- MATOS, Odilon Nogueira de. *Campinas de Ontem e de Hoje*. Empresas Lix da Cunha: Campinas, 1988.
- MATOS, Odilon Nogueira de. *Monografia Histórica do Município do Campinas*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
- MATOS, Odilon Nogueira de; RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. *Um Pouco da História de Campinas*. Campinas: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, 1985.
- MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Palmeiras, 1963.
- MENDES, José de Castro. *Retratos da Velha Campinas*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1951.
- NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Música em Campinas nos Últimos Anos do Império*. Coleção Campiniana, n.º 21. Campinas: Editora da UNICAMP: CMU, 2001.
- PUPPO, Benedito Barbosa. *Oito Bananas por um Tostão*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, 1976.
- PUPPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, seu Bêrço e Juventude*. Coleção Publicações da Academia Campinense de Letras, vol. 20. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1970.

QUEIROZ, Vitalina Pompêo de Souza. *Reminiscências de Campinas*. Campinas: s.e., 1951.

SESSO JUNIOR, Geraldo. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, 1970.

Cidade & Cultura

ANTELO, Raúl (org.). *João do Rio: Alma Encantadora das Ruas*. Coleção Retratos do Brasil, n.º 11. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*. 5ª ed. Coleção Ensaios, n.º 138. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1980.

MATTA, Roberto da. *A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PECHMAN, Robert Moses (org.) *Os Olhares sobre a Cidade*. Série Universidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

ROLNIK, Raquel. *A Cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNETT, Richard. *Vida Urbana y Identidad Personal: los usos del desorden*. Coleção Homo Sociologicus, vol. 3. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

Geral

ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. *Religião e Modernidade em Habermas*. Coleção Filosofia, n. 37. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª ed. Coleção Estudos n.º 20. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: I – Antecedentes da Semana da Arte Moderna*. 4ª ed. Coleção Vera Cruz, vol. 63. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BURNS, Edward Mcnall (org.). *História da Civilização Ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. Vol. 2. 29ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

- CAMPS, Victoria. *Paradoxos do Individualismo*. Coleção Antropos. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.
- CASCUDO, Luis da Camara. *História da Alimentação no Brasil: cozinha brasileira*. Vol. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- CASCUDO, Luis da Camara. *História dos Nossos Gestos*. Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série, vol. 104. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1987.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil*. Coleção Debates, Série Folclore, n.º 185. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Tradição, Ciência do Povo: pesquisas na Cultura Popular do Brasil*. Coleção Debates, Série Folclore, n.º 34. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- CERTAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I – Artes de Fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CERTAU, Michel de (org.). *A Invenção do Cotidiano II – Morar, Cozinhar*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1998.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia*. 4ª ed. Coleção Estudos, Série Urbanismo, n.º 67. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- COMAS, Juan (et. Alli.). *Raça e Ciência I*. Coleção Debates, Série Ciências Sociais, n.º 25. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- DUNN, L. C. (et. Alli.). *Raça e Ciência II*. Coleção Debates, Série Ciências Sociais, n.º 56. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- ELÍADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Coleção Ensino Superior, n.º 49. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s.d.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GOULART, José Alípio. *O Mascate no Brasil*. Coleção Terra dos Papagaios, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1967.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, n.º 76, Série Estudos Alemães. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.
- HAROCHE, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas: Papyrus, 1998.
- HAROCHE, Claudine. *Fazer Dizer, Querer Dizer*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.
- LAFER, Celso. *Ensaio sobre a Liberdade*. Coleção Elos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ª ed. Coleção Repertórios. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

- LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- LEMOS, Carlos A.C.. *A República Ensina a Morar (melhor)*. Coleção Estudos Históricos, vol. 39. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Coleção A. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MATOS, Ilmar Rohloff de (org.). *Ler & Escrever Para Contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. 4ª ed. Coleção Debates, Série Filosofia, n.º 40. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. Coleção Estudos Urbanos, número 12, Série Arte e Vida Urbana, vol. 6. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SÁ, Cristina (org.). *Olhar Urbano Olhar Humano*. Coleção Biblioteca Estudos Brasileiros, vol. 20. São Paulo: IBRASA; Editora Universitária Champagnat, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *J. I. Roquette: Código do Bom-Tom: ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Coleção Retratos do Brasil, n.º 12. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Coleção Verbum. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- TAYLOR, Charles. *El Multiculturalismo y "la Política del Reconocimiento"*. Colección Popular, n.º 496. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 5ª ed. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. 2ª ed. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. 2ª ed. Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 11ª ed. Coleção Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1996.
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. 4ª ed. Coleção Sección de Obras de Sociología. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- WHITROW, G.J. *O Tempo na História: concepções sobre o tempo da pré-história aos nossos dias*. Coleção Ciência e Cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

A seguir apresentamos os anexos tendo como objetivo mostrar, numa relação de nomes e imagens, um pouco do que foi a coletividade judaica a qual compreendemos em nosso trabalho. No Anexo I apresentamos, na medida de nossos esforços, os nomes dos israelitas que residiram em Campinas no espaço de oito décadas, para tanto, as fontes centralizaram-se no artigo de BASTOS, Marcus Aurélio Albino. “Presença judaica em Campinas no século XIX (1870 -1890): uma primeira abordagem”. in. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, vol. 6. n.º 12, 1994, além dos jornais e almanaques, nas entrevistas e no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. No Anexo II, apresentamos uma cópia da primeira Ata do Centro Israelita Beth Jacob, bem como o primeiro Estatuto do Centro, estes documentos foram obtidos no acervo do Cartório de Elvino Silva. No Anexo III, fazemos uma referência à culinária judaica, ou seja, uma relação dos pratos que comumente se faz nos dias festivos; esta relação baseia-se no livro *La Cocina Judia: tradicion y variaciones*. São Paulo: Editora Shalom S.R.C., 1984. Por fim, o Anexo IV traz uma ampla mostra de fotos do Centro Israelita e suas festas, além de propagandas em jornais, almanaques e revistas, obtidas nos Almanagues e acervos particulares.

ANEXO I – NOMES DOS JUDEUS EM CAMPINAS (1870 – 1930)

JUDEUS RESIDENTES EM CAMPINAS NO SÉCULO XIX (1870 – 1890)

Abraão Frainer	Jacob Kacak
Achiles Bloch	Jacob Kiehl
Adão Hoffman	Jacob Kruth
Alberto Israel	Jacob Stucki
Alberto Moretzsohn	Jaques Netter
Alexander Simon	João Jacob Boemen
Alphonse Levy	Joaquim Jacob Boemen
André Jacobson	José Jacob Baumer
Antonio Isaac	Lazare Abraham
Antonio Luiz Moretzsohn	Leon Hertz
Auguste Klein	Luiz Isaach
Bernardo Keiller	Misael Kolleger
Bernardo Levy	Nephatalih Henry Bloch
Biajani Abel	Nestor Levy
Charles Levy	Raphael Levy
Daniel Jacob	Romain Barrère
Francisco Xavier Moretzsohn	Samuel Abraham
Germano Jacob	Theodor F. Marks
Germano Kablinokz	Victor Levy

**JUDEUS RESIDENTES DE CAMPINAS NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO
XX (1900 – 1928)**

Abrahão Pasmanik	José Rosenberg
Abram Steinberg	Jose Schick
Abram Zaidenberg	Lavid Bronspiguel
Aroldo Malens	Leon Marchevsky
Aron Guz	Leopoldo Cuperman
Aron Malens	Lejzer Liberman
Bassia Strachman	Luis Cardoja Koperstein
Bernardino Epstein	Luis Orenstein
Bernardo Guz	M. Colliar
Bluma Roisenblit	Marcos Churguin
Boris Strachman	Marcos Frug
Boruch Strachman	Maria Guz
Dora Kuperman	Marta Medaljon
Elias Kaplan	Mauricio Kuperman
Elisa Medaljon	Mauricio Malens
Estelinha Epstein	Moyses Bronberg
Eva Kilburd	Moyses Strachman
Fany Raskin	Moyses Tulermam
Geni Kuperschnik	Noemy Churguin
Gitla Kilburd	Otilia Churguin
Golde Kaplan	Paulo Duchovne
H. Rozenzercig	Rachel Kaplan
Ide Leib Kilburd	S. Failloor
Isaac Meyer Steinberg	S. Lukin
Isacck Raskin	S. Posansky
Isidoro Faivischow	S. Posnerauz
J. Faivecho (mulher)	S. Vainberg
J. Goudelman (mulher)	Salomão Blac
Jacob Churguin	Salomão Malens
Jacob Medaljon	Samuel Bromer
Jacob Voloch	Samuel Rubinsk Neto
Jacques Grinberg	Samuel Savizkis
Jaime Frug	Samuel Strachman
Jaime Pasmanik	Samuel Voloch
Jayne Medaljon	Simão Goudelman
João Cardoja	Syma Steinberg
José Koperstik	Tobias Kilburd
Jose Marchevsky	Wolff Kopel
Jose Roisenblit	

LISTA DE IMIGRANTES QUE ENTRARAM EM CAMPINAS PELO PORTO DE SANTOS ATRAVÉS DA EZRA (1928 – 1932)¹

1928

- 62 – Elias Berezim – Polônia – 25 – solteiro – sem – 23/07/28 – Cherburgo – Mendonsa – Campinas – parentes
- 36 – Simão Gleizer – Lituânia – 22 – solteiro – sem – 09/08/28 – Bondant – Kerguelen – Campinas – primo
- 09 – Jacob Charnis – Rússia – 28 – casado – agricultor – 02/11/28 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – primo Strachman
- 10 – Chaie Charnis – Rússia – 26 – casada – doméstica – 02/11/28 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – primo Strachman
- 11 – Aron Charnis – Rússia – 1 ½ – 02/11/28 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – primo Strachman
- 12 – Miryan Charnis – 7 meses - 02/11/28 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – primo Strachman
- 37 – Alta Lanchinsky – Lituânia – 56 – casada – doméstica – 09/08/28 – Bordant – Massilia – Campinas – primo
- 38 – Sloté Lanchinsky – Lituânia – 50 – casada – doméstica – 09/08/28 – Bordant – Massilia – Campinas – primo
- 39 – Wolff Lanchinsky – Lituânia – 17 – sem – 09/08/28 – Bordant – Massilia – Campinas – primo
- 40 – Jacob Lanchinsky – Lituânia – 15 – sem – 09/08/28 – Bordant – Massilia – Campinas – primo
- 41 – Ida Lanchinsky – Lituânia – 7 – 09/08/28 – Bordant – Massilia – Campinas – primo

1929

- 103 – Hirez Mocemovsky – Polônia – 21 – solteiro – alfaiate – 25/01/29 – Nova Grudek – Mendonsa – Campinas – conhecidos
- 01 – Fainel Juszek Szmelzenger – Polônia – 26 – solteiro – sem – 05/03/29 – Varsóvia – Zeelandia – Campinas – EZRA
- 08 – Leibus Garber – Polônia – 31 – casado – sem – 10/03/29 – Bialastok – G. Mitre – Campinas – EZRA
- 28 – Ianke Elya Brande – Polônia – 23 – casado – mecânico – 12/03/29 – Cysokien – Desirade – Campinas – EZRA
- 99 – Ruchel Bilbovitch – Polônia – 27 – casada – doméstica – 17/08/29 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – marido
- 100 – Chara Bilbovitch – Polônia – 4 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – pai
- 101 – Ruth Bilbovitch – Polônia – 1 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – pai
- 98 – Chaia Stanberg – Polônia – 26 – casada – doméstica – 14/09/29 – Cherburgo – Asturias – Campinas – marido

¹ Os dados a seguir estão na seguinte ordem: NÚMERO DE REGISTRO – NOME – NATURALIDADE – ESTADO CIVIL – PROFISSÃO – DATA DE CHEGADA – LUGAR DE SAÍDA – NAVIO – DESTINO – OBSERVAÇÕES.

- 99 – Ichiel Stanberg – Polônia – 5 – 14/09/29 – Cherburgo – Asturias – Campinas – pai
 100 – Jacob Stanberg – Polônia – 2 – 14/09/29 – Cherburgo – Asturias – Campinas – pai

1930

- 61 – Dvoira Mindlima – Rússia – maior – casada – doméstica – 10/01/30 – Cherburgo – Deseado – Campinas – Sr. Frug
 62 – Frida Mindlima – Rússia – maior – doméstica – 10/01/30 – Cherburgo – Deseado – Campinas – Sr. Frug
 204 – Schymon Zakan – Polônia – maior – casado – sapateiro – 18/02/30 – Varsóvia – Kerguelen – Campinas
 229 – Chaim Duchovni – Rumania – maior – casado – sem – 14/03/30 – Bordeaux – Lutetia – Campinas – filho
 280 – Lêa Duchovni – Rumania – maior – casada – doméstica – 14/03/30 – Bordeaux – Lutetia – Campinas – filho
 281 – Sura Duchovni – Rumania – maior – casada – doméstica – 14/03/30 – Bordeaux – Lutetia – Campinas – irmão
 282 – Milka Duchovni – Rumania – maior – casada – doméstica – 14/03/30 – Bordeaux – Lutetia – Campinas – irmão
 284 – Simcha Stelmacher – Rumania – maior – solteiro – alfaiate – 08/03/30 – Havre – Krakis – Campinas – cunhado
 310 – Itzhak Fainsilberg – polônia – maior – casado – comerciante – 28/03/30 – Varsóvia – Gebria – Campinas – pensão e passagem
 328 – Bejla Gerber – Polônia – maior – casada – doméstica – 30/03/30 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – marido
 329 – Esther Gerber – Polônia – menor – 30/03/30 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – pai
 330 – Sara Gerber – Polônia – menor – 30/03/30 – Cherburgo – Alcantara – Campinas – pai
 335 – Idesa Sterenberg – Polônia – maior – solteira – doméstica – 05/04/30 – Rakow – Desma – Campinas – noivo e pensão
 336 – Syncha Broncher – Polônia – maior – solteiro – sapateiro – 05/04/30 – Rakow – Desma – Campinas – irmão e pensão
 363 – Ruchla Trayber – Polônia – maior – casada – doméstica – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – marido e pai
 364 – Motek Trayber – Polônia – menor – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – pai e avô
 365 – Mariein Trayber – Polônia – menor – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – pai e avô
 366 – Chaim Trayber – Polônia – menor – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – pai e avô
 367 – Herch Trayber – Polônia – maior – casada – doméstica – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – marido
 368 – Riwa Fajgezich – Polônia – maior – solteira – doméstica – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – pai
 369 – Leja Fajgezich – Polônia – menor – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – irmão

- 370 – Haja Fajgezich – Polônia – menor – 11/04/30 – Gdynia – Swatowid – Campinas – irmão
- 560 – Abraham Aizengart – Polônia – 33 – casado – professor – 22/07/30 – Ozdinticha – Duilio – Campinas – pensão
- 608 – Brucha Nechama Spilber – Polônia – 37 – casada – doméstica – 04/08/30 – Varsóvia – Campana – Campinas – marido
- 609 – Feiga Spilber – Polônia – 7 – 04/08/30 – Varsóvia – Campana – Campinas – pai
- 610 – Chaim Spilber – Polônia – 3 – 04/08/30 – Varsóvia – Campana – Campinas – pai
- 611 – Ryfka Spilber – Polônia – 30 – casada – doméstica – 04/08/30 – Varsóvia – Campana – Campinas – marido
- 612 – Hersch Spilber – Polônia – 6 – 04/08/30 – Varsóvia – Campana – Campinas – pai
- 683 – Benjamin Mordko Piorovich – Polônia – 23 – solteiro – sem – 06/09/30 – Otzwack – Jor. Charilete – Campinas – pensão
- 703 – Charlie Meiler – Rumania – 43 – viúva – doméstica – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – genro
- 704 – Beila Meiler – Rumania – 17 – solteira – doméstica – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – cunhado
- 705 – Lea Meiler – Rumania – 15 – solteira – doméstica – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – cunhado
- 706 – Nuchim Meiler – Rumania – 9 – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – cunhado
- 713 – Leib Kleiman – Rumania – 25 – casado – sem – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – cunhado
- 714 – Frieda Kleiman – Rumania – 26 – casado – doméstica – 11/09/30 – Hamburgo – Monte Sarmiento – Campinas – cunhado

1931

- 93 – Buncia Liberman – Polônia – 30 – casada – doméstica – 20/03/31 – Gênova – G. Cesare – Campinas – marido
- 94 – Moizze Meyer Liberman – Polônia – 9 – 20/03/31 – Gênova – G. Cesare – Campinas – pai
- 95 – Dvoyra Liberman – Polônia – 3 – 20/03/31 – Gênova – G. Cesare – Campinas – pai
- 380 – Mordes Mendel Bronberg – Polônia – 20 – solteiro – sem – 14/11/31 – Trieste – Belvedere – Campinas – tio
- 381 – Isrul-Abram Bronberg – Polônia – 16 – solteiro – sem – 14/11/31 – Trieste – Belvedere – Campinas – pai

1932

- 131 – Chaim Rosenberg – Polônia – 37 – casado – comerciante – 09/04/32 – Havre – Kerguelen – Campinas – parentes
- 71 – Menachem Garber – Polônia – 22 – solteiro – comerciante – 01/03/32 – Gênova – Duilio – Campinas – parentes

IMIGRANTES QUE PROCURARAM A O BUREAU DU TRAVAIL DA EZRA E FORAM PARA CAMPINAS²

1928

- 18 – Szymon Fremd – Polônia – solteiro – 09/02/28 – sem – 20/06/28
 12 – Leizer Kusnietz – Polônia – casado – 11/09/28 – carpinteiro – Campinas – 11/09/28 – 19/09/28
 26 – Ione Messer – Polônia – casado – 13/11/28 – marceneiro – Campinas – 14/11/28 – 18/11/28 – 12\$000
 27 – Aron Buksman – Polônia – 13/11/28 – marceneiro – Campinas – 14/11/28 – 18/11/28 – 12\$000

1929

- 84 – Hirez Mocemovsky – Polônia – solteiro – 25/01/29 – alfaiate – passagem para Campinas – 28/01/29 – 28/01/29
 29 – Meier Roisenblit – Polônia – solteiro – 26/02/29 – sem – passagem para Campinas – 08/03/29 – 08/03/29
 30 – Leibus Garber – Polônia – casado – 10/03/29 – sem – passagem para Campinas – 10/03/29 – 12/03/29
 24 – Noach Schpilberg – Polônia – casado – 06/08/29 – alfaiate – Campinas – 30/08/29
 128 – Osorio Bezrozvany – Polônia – casado – 26/08/29 – pintor – Campinas – 30/08/29
 83 – Joseph Ness – Polônia – solteiro – 13/12/29 – sem – Campinas – 15/12/29 – 26/12/29

1930

- 12 – Abraham Aizengart – Polônia – casado – 22/07/30 – professor – professor – 400\$000

LISTA DE IMIGRANTES QUE ENTRARAM EM CIDADES PRÓXIMAS À CAMPINAS PELO PORTO DE SANTOS ATRAVÉS DA EZRA³

- 78 – Ceila Aizengart – Polônia – 30 – casada – doméstica – 23/11/28 – embarque ignorado – Astúrias – Piracicaba – marido
 79 – Sonia Aizengart – Polônia – 15 – 23/11/28 – embarque ignorado – Astúrias – Piracicaba – pai
 80 – Lisa Aizengart – Polônia – 10 – 23/11/28 – embarque ignorado – Astúrias – Piracicaba – pai
 81 – Ucher Aizengart – Polônia – 6 – 23/11/28 – embarque ignorado – Astúrias – Piracicaba – pai
 92 – Golda Werdechien – Polônia – 38 – casada – doméstica – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – marido

² Os dados a seguir estão na seguinte ordem: NÚMERO DE REGISTRO – NOME – NATURALIDADE – ESTADO CIVIL – CHEGADA – PROFISSÃO – SERVIÇO ARRANJADO – DATA DE REGISTRO – DATA DE COLOCAÇÃO – DIÁRIA.

³ Os dados a seguir estão na seguinte ordem: NÚMERO DE REGISTRO – NOME – NATURALIDADE – ESTADO CIVIL – PROFISSÃO – DATA DE CHEGADA – LUGAR DE SAÍDA – NAVIO – DESTINO – OBSERVAÇÕES.

- 93 – Sara Werdechien – Polônia – 16 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 94 – Chana Werdechien – Polônia – 13 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 95 – Moyses Werdechien – Polônia – 9 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 96 – Elias Werdechien – Polônia – 6 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 97 – Elkum Werdechien – Polônia – 4 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 98 – Israel Werdechien – Polônia – 3 – 17/08/29 – Cherburgo – Alcântara – Piracicaba – pai
- 25 – Perel Gun – Rumania – maior – casada – doméstica – 02/10/29 – Hamburgo – M. Cervantes – Itu – marido
- 26 – Rachmil Gun – menor – 02/10/29 – Hamburgo – M. Cervantes – Itu – pai
- 383 – Abraham Schwartzman – Rumania – 22 – solteiro – sem – 20/04/30 – Hamburgo – Gal. Osório – Itu – parentes
- 384 – Berco Rosenthal – Rumania – 23 – solteiro – sem – 20/04/30 – Hamburgo – Gal. Osório – Itu – parentes
- 403 – Ruvii Waneztein – Rumania – 20 – solteiro – sem – 08/05/30 – Hamburgo – Gal. Osório – Itu – parentes
- 417 – Moische Tarasantch – Rumania – 18 – solteiro – alfaiate – 21/05/30 – Hamburgo – Gal. Osório – Rio Claro – irmão

ANEXO II – ATA DE FUNDAÇÃO DO CENTRO ISRAELITA “BETH JACOB” ESTATUTOS DO CENTRO ISRAELITA “BETH JACOB”

Cópia da Acta, de dia 12 do mez de Outubro de 1927, da assemblea Geral dos membros do Centro Izraelita “Beth Jacob”.

Aos 12 dias do mez de Outubro de 1927 na rua Jose Paulino N. 220 no salão cedido pelo locatario Sr. Boris Strachman as 20 horas foi realizada a sessão da assemblea Geral dos correligionarios Izraelitas para a discução e aprovação dos estatutos do Centro Izraelitas “Beth Jacob”, organizado nesta com o fim de proporcionar aos cosorcios e suas familias divertimentos e festas religiosas, civicas e patriota.

Presidido pelo Sr. Leon Marchevsky e secretariado pelos Sres. José Schich e Salomão Blac, decreta-se a sessão aberta.

Lidos e aprovados os estatutos do Centro “Beth Jacob”, foi unanimamente votada a necessidade do reconhecimento do mesmo Centro pelas Auctoridades leaes para poder obrar legal e livremente, sem embaraços para o desenvolvimento mental e moral dos consorcios do Centro.

Com esta fim foi eleita uma comissão de nove (9) membros assim denominados. Jacob Churguin – Presidente; Simão Goudelman – Vice Presidente; Jose Chic – Secretario; Salomão Blac – Secretario Adjunto; Moyses Strachman – thesoureiro e um conselho fiscal de 4 pessoas; João Cardoja, Leon Marchevsky, Aroldo Malens e Luis Arenstein a esta comissão foi confiada a direcção deste Centro com o poderio durante seu anno.

Acto continuo foi a discusão do artigo n. 8 dos estatutos que depois de muitas deliberações foi assim discifrado.

Dos trinta e seis membros presentes a esta assemblea consideram-se como membros remidos os seguintes S. Blac, João Cardoja, Jaime Frug, Salomão Malens, S. Strachman, Leon Marchevsky, Simão Goudelman, Jacob Churguin, Boris Strachman, Paulo Duchovne, Moyses Strachman, Aron e Mauricio Malens, e as senhoras Lavid Bronspiguel, I Goudelman, I. Faiveche; e Marcos Frug, Jose Marchevsky, S. Faiilor, H. Rozenzevez, Luis Cardoja Rozenstein, M. Colliar, S. Lukin, S. Pomeranz, Leon Orenstein, A. Pasmanik, S. Posansky, S. Vainberg, S. Voloch considerando-se como membros cotisantes.

Pelo Presidente da mesa foi designado o dia 4 do mez de Dezembro para a reunião da sessão da directoria com o fim de tomar posse dos cargos respectivos.

Pela proposta do Sr. Salomão Blac foi aclamado como Presidente Honorario o nosso muito respeitado consorcio o Sr. João Cardoja por seus relevantes serviços prestados a nossa sociedade.

Sem mais para discutir foi encerrada a sessão.

Presidente	Leon Marchevsky
Secretario	Jose Schich
Secretario	Salomão Black

Em 23/1/1928

Reg. No 1º n. t. ap. 105 n. 139,

Manoel Marques de (?)

Cópia da Acta, de dia 12 do mez de
Outubro de 1927, da assembleia geral dos
membros do Centro "Israelita, Beth-Jacob".

Nos 12 dias do mez de Outubro de 1927 na
rua Jose Paulino 440 no salão cedido pelo
secretario Sr. Boris Shuchman as 10 horas foi
realizada a sessão da assembleia geral dos
correligionarios "Israelitas" para a discussão
e aprovação dos estatutos do Centro "Israelita,
Beth-Jacob", organizado nesta com
o fim de proporcionar aos associados e
suas familias dispendiosos e justos religio-
sas, civis e patrioticas.

Presidida pelo Sr. Leon Gurevsky e
relaxado - pelos Srs. Gurevsky e Salomon
Blac, decrete-se a sessão aberta.

Após a aprovação dos estatutos do Centro
"Beth-Jacob", foi unanimemente reconhecida
a necessidade do reconhecimento do mesmo
Centro pelos authorities locais para obter
o status legal e livremente, em condições
para o desenvolvimento - intelectual e moral dos
associados do Centro.

Com esta fim foi elicta uma comissão
de nove (9) membros assim denominados:
Jacob Chugim - Presidente; Simão Gurevsky -
Jose Chic - secretario; Salomon Blac - Secret. Adj.
Moyses Shuchman - thesoureiro e um conselho
fiscal de 4 pessoas, João Cardozo, Leon
Marechovsky, Alberto Matheus e Luis Orenstein.

a esta reunião foi confiada a direção
deste Centro com o poderio durante
um ano.

O ato seguinte foi a discussão do
artigo 18 dos estatutos que depois de
suas deliberações foi assim dividido:
dos quinze e seis membros presentes
a esta assembleia consideraram-se como
membros residentes os seguintes: Sr. Blac,
João Cardoso, Jaime Frey, Sabino de
S. Brachman, Ben. Mathias, Simon G.
de Souza, Jacob Churruarín, Ben. Brachman,
Paulo Buchanan, Myron Buchanan, Ben.
e Mauricio Malou, e os ausentes: Sr. S.
Bronsquiel, J. Gaudeludo, J. F. F. F. F.,
Marcos Frey, Juan Muraharow, J. F. F. F.,
J. Rosenzweig, Luis Cardoso, Rogastino,
M. Colliar, S. L. L., S. P. P., S. P. P.,
Cristiano, A. P. P., S. P. P.,
S. K. K., S. K. K. consideraram-se como
membros ausentes.

Pelo Presidente da mesa foi designa-
do o dia 4 do mez de Novembro para
a reunião da sessão da directoria
com o fim de formar parte dos seus
cargos respectivos.

Pela proposta do Sr. Sabino Blac foi
aclamado como Presidente Mauricio
o novo muito respeitado e conhecido
Sr. João Cardoso por seus relevantes
serviços prestados a nova sociedade.

ATIVO
DICAS
So Paulo

Artigo 1. O Centro Israelita "Beth-Jacob" com sede nesta cidade de Campinas estado de São Paulo, cuja fundação remonta ao anno 1914m é uma corporação religiosa-instructiva formada por membros de ambos os sexos e tem por fim:

Artigo 2. Sustentar um salão apropriado para reuniões religiosas e a entrada para estas reuniões é franca para todos os correligionarios.

Artigo 3. Mantêr uma escola de ensino religioso e nacional para instrução de menores e adultos de ambos e os sexos,

Artigo 4. Mantêr uma bibliotheca de literatura nacional, sempre que as finanças do Centro o permittir, franqueará igualmente uma sala de leitura aos consocios.

§ Unico. Os pedidos de livros devem ser attendidos independente de qualquer remuneração porém somente aos socio do Centro mediante um deposito de dez (10\$000) mil reis.

§ Segundo. Não devem os livros permanecer por mais de quinze (15) dias em poder dos socios. Caso isto aconteça deverá o encarregado da bibliotheca reclamar-os.

Artigo 5. Organizar um Grupo-Dramatic-Literario dentre os membros do Centro com o fim de remover leituras, conferencias e espectaculos representativas, como tambem realizará diversos divertimentos de jogo, permittidos pela lei, como xadrez, dominó, pingu-pongue, etc. etc. para o desenvolvimento mental e moral do consocio.

Artigo 6. Socorrer pecuniariamente sempre que o estado financeiro do Centro o permittir aos correligionarios forasteiros necessitados.

§ Unico. O auxilio citado no paragraho acima não deverá excede de cincoenta mil reis. (50\$000).

Caso da urge te necessidade de um auxilio maior a esta quantia deve se consultar a commissão central.

DOS MEMBROS DO CENTRO.

ARTIGO 7. Só podem pertencer a este Centro e gozar dos direitos e regalias que elle offerece:

A). Os emancipados.

Os filhos dos membros da sociedade admittem-se como socios no Centro com a idade de desesseis annos. (16).

- 00103
- B). Os que tiveram instrução precisa para compreender e apreciar os fins do Centro.
- C). Os que tiverem profissão livre e decente.
- Artigo 8. Todos os socios do Centro são membros activos e divididos em tres categorias:
- A). Cotisantes: São membros obrigados ao pagamento da mensalidade e uma joia de cinquenta mil reis. (50\$000).
- B). Remidos: São membros obrigados ao pagamento mensal e são livres da joia, por haver prestado ao Centro relevantes serviços ou fizeram um donativo para o Centro da quantia que não seja menos de quinhentos mil reis. 5 (500\$000).
- C). Honorarios: São todos os correligionarios que não residem nesta cidade e frequentam este Centro por motivos religiosos.

DOS DIREITOS E DEVERES DOS SOCIOS.

DIREITOS. §§§§§§§§

- Artigo 9. Para que o membro deste Centro tenha direito as prerrogativas que offerece aos consociados como: Sinagoga, Escola, Bibliotheca, Grupo-Dramatico-Literario, e divertimentos é preciso que careça de conhecimento das suas qualidades hebraicas e que se mostre unido com os cofres do Centro.

DEVERES.

- Artigo 10. Os membros do Centro tem por seu dever:
- A).
A). Pagar sua mensalidade pontualmente.
B); Ser virtuoso, respeitador das regras dos seus semelhantes.
C); Obedecer e cumprir os regulamentos da administração.
D). Respeitar e cumprir os estatutos do Centro.
E). Promover a harmonia e a solidariedade entre os socios e esforçar-se para que desappareçam entre elles quaisquer divergencias.

§ Unico. O infractor ao artigo dez (10) será excluido do Centro.

Artigo 11. Os membros do Centro não respondem solidariamente

pelas obrigações que os seus representantes contraíram expressa ou intencionalmente em nome do Centro. 00139

DAS ELEIÇÕES.

Artigo 12. Todos os membros activos do Centro "BETH-JACOB" e presentes ao escrutinio tem o direito de votar e ser votado.

§ Unico. Os membros atrasados com sus mensalidades nos ultimos trez (3) mezes perdem o direito de votar e nem podem ser votados.

DAS FINANÇAS.

Artigo 13. A receita do Centro constará:

- A). Das contribuições mensaes, podendo entretanto o Centro crear contribuições especiaes para fine uteis e determinados assim como elevar ou reduzir as mensalidades
- B). Dos resultados pecuniarios do Grupo Dramatico-Literario

DA ADMINISTRAÇÃO DO CENTRO.

Artigo 14. O Centro Israelita "BETH-JACOB" em suas relações civis e religiosas é administrado por uma directoria de nove (9) membros assim denominados:
Presidente.
Vice-Presidente.
Secretario.
Secretario-Ajudante.
Tesoureiro.
E um conselho fiscal de quatro (4) membros.

Artigo 15. O Centro é representado em todas as suas relações de direito, activa ou passivamente em juizo ou fora delle pelo seu Presidente e na falta d'elle pelo Vice-Presidente e secretario.

Artigo 16. A directoria deve ser composta de membros activos dos quaes dois terços $\frac{2}{3}$ deve ser membros remidos.

Artigo 17. Para ser eleito Presidente, Vice-Presidente, Secretario, Secretario-Ajudante, e Tesoureiro é preciso que os membro seja de maior idade, pertença ao centro mais de tres (3) annos e que seja membro remido.

- Artigo 18. Não poderá exercer conjuntamente os cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretario Secretario-Ajudante, e Tesoureiro os socios que foram entre si ascendentes ou descendentes, irmãos sogro. genro e cunhado .
- Artigo 19. A Directoria será eleita pela assemblea geral do membro do Centro.
- Artigo 20. O mandato da directoria será por um (1) anno. Contando de um (1) de Novembro a trinta (30) de Outubro.
- Artigo 21. Todos os cargos da directoria serão exercidas gratuitamente porém em casos de serviços extraordinarios poderá o Centro decretar uma gratificação especial.
- Artigo 22. A directoria é obrigada a reunir-se cada quinze (15) dias, nenhum membro da directoria pode faltar a estas reuniões salvo em casos de força maior.
- Artigo 23. A directoria é obrigada a afixar relatorios semestrais no lugar..... com o fim de pôr em membros do Centro ao corrente da actividade do mesmo.
- Artigo 24. A directoria ~~deve~~ compete vedar a admissão como membro para o Centro as pessoas que julgarem por indesejáveis.
- Artigo 26. Ao presidente da directoria compete privativamente:
 A). Convocar e presidir as sessões da directoria.
 B). Assignar as escripturas publicas ou privadas balancete vales, e notas da retirada.
- Artigo 27. Por impossibilidade do Presidente e na sua falta fará suas vezes com os mesmos attribuições o Vice-Presidente e por falta deste o Secretario do Centro.
- Artigo 28. Na primeira sessão depois da posse da administração serão nomeados as comissões permanentes.

DA DISSOLUÇÃO DO CENTRO.

- Artigo 29. Suspendendo o Centro seus trabalhos durante dois (2) mezes todos os seus bens, moveis e imóveis serão entregues a uma administração eleita para este fim pela assemblea geral.



- Artigo 30. Se o Centro suspender seus trabalhos por mais de um (1) ano será considerado extinto e o seu patrimonio será dividido entre os membros fundadores do referido Centro. *constantes na acta de dia 12 de outubro de 1927*
- Artigo 31. As resoluções e propostas regularmente aprovadas posteriormente serão consideradas incorporadas a estes estatutos quando contenham disposição permanente.
- Artigo 32. O Centro Israelita "BETH-JACOB" de Campinas tem o seu carimbo proprio.

Campinas 12 de Outubro de 1927.

Presidente *Jacob Churgin*
 Vice Pr^{te} *Solomon Zandelfman*
 Secretaris *Jacob Schick*
 Seci adjunt. *Solomon Black*
 Thesoureiro *Moyse Strachman*



Reconheço as suas firmas supra.
 Campinas, 30 de dezembro de 1927.
Armando de Oliveira
 4.º Tabelião Interino

ANEXO III – PRATOS DA DIETA ALIMENTAR JUDAICA

ROSH HASHANÁ e YOM KIPUR

Entradas

Pasta de huevos e nueces

Paté de hígado a la Dina

Pasta de hígado

Ikre

Babaghanouj

Paté de berenjenas

Berenjenas con mayonesa

Pescado escabechado al coñac

Cogote de pollo relleno

Kibbe Senya

Kibbe neye

Sesos a la mayonesa

Ensalada de carne

Sopas

Caldo de gallina

Caldo de carne

Caldo de cordero

Kappará

Borsht a la rusa

Borsht con crema

Caldo con bolitas de huevo

Chlof

Beba b'lemune

Kneidlej

Matza mandlej

Farfel tostado de matzá

Kreplaj de pollo

Pescados

Gefilte fish

Gefilte fish al horno

Carpa o trucha a la oriental

Pescado frito

Aves

Pollo con hierbas

Gallina al horno con miel

Pollo al horno israeli

Pollo con paprika y limón

Pollo con cebolla y ciruelas

Pollo relleno con salsa de naranja

Pollo relleno con damascos

Pollo con especias, cebolla y almendras

Pollo a la polaca

Pollo con frutas desecadas

Carnes

Asado de ternera

Ternerita asada con tahine

Carne con membrillo

Higos con carne

Albóndigas agridulces

Hígado de ternera con manzanas

Alcahuciles con carne

Costilla de cordero a la cacerola

Asado de cordero con uvas

Pastas

Pastel de fideos con pollo y seso

Lahmagine

Masitas de cebolla

Arrollado de cebolla

Arrollado de repollo

Guarniciones

Niños envueltos

Repollo marrón

Repollo colorado con manzanas

Repollo colorado con pasas de uva

Pepinos agridulces

Pepinos en salmuera

Chauchas con manzanas

Remolachas con naranja

Salsifios con salsa de yemas

Porotos blancos con manzanas

Arroz blanco

Arroz con almendras y pasas

Arroz con azafrán

Arroz con manzanas

Kibbe de arroz

Salsas

Jrein con remolacha

Jrein con manzanas

Avgolemono

Salsa de anchoas

Salsa para pescados

Salsa remoulade

Salsa agridulce para carne

Aderezo sirio

Salsa de estragón

Dulces y postres

Budín de limón

Baklavá
 Tishpishhti
 Alcazaly
 Manzana deliciosa
 Nieve de manzanas
 Compota de damascos e cerezas
 Bollitos de manzana al horno
 Dulce de zanahorias
 Dulce de rosas
 Confitura de damasco
 Bocaditos de débiles
 Kneidlej de sémola dorados
 Budín de fideos
Tortas, Tartas y Masitas
 Leicaj amarillo
 Leicaj negro de miel
 Leicaj negro
 Pan de miel
 Torta de naranja
 Torta de manzanas
 Torta de grosellas
 Torta de almendras
 Torta de sacher
 Torta suiza
 Tarta de merengue y compota de manzana
 Shtrudel de manzana

Arrollado de nueces y damascos

Receitas tradicionais

Bajch
 Farfel
 Kasche
 Knishes de hígado
 Knishes de arroz
 Pilaf
 Teiglach
 Tzimmes de ciruelas
 Tzimes de zanahorias
Para Yom Kipur, acrescentar os seguintes pratos
 Arenques marinados
 Arenques picado
 Arenques a la rusa
 Arenques a la escandinavia
 Arenques a la alemana
 Arenques a la holandesa
 Arenques a la americana
 Pescado en conserva
 Pescado hervido
 Yakne
 Sopa kaparah
 Pollo con aceitunas
 Lengua de ternera adobada

CHANUKÁ**Entradas**

Ensalada de papas moldeada
 Ensalada de papas a la siria
 Paté de berenjenas
 Ensalada de berenjenas
 Klops

Sopas

Caldo de gallina
 Caldo de carne
 Sopa de castañas
 Sopa de papas
 Sopa de adas
 Sopa de lentejas
 Kneidlej
 Sopa de pepino y yogurt

Pescados

Caballa al limón
 Cibech de pescado
 Gefilte fish al horno

Aves

Pollo con salsa de vino
 Pollo con paprika y limón
 Pollo asado al limón
 Croquetas de pechuga de pollo

Carnes

Termerita asada con tahine
 Pajarrilla rellena
 Carne con berenjenas estilo Rodesli
 Zapallitos rellenos
 Hojas de parra rellenas
 Costilla de cordero a la cacerola

Pastas

Torta de papa con champignon y espinaca
 Dedalitos con atún
 Rodauchas

Pastelitos romanos
 Empadas árabes
 Empadas de zapallo amarillo
 Burecas

Guarniciones

Zapallo con garbanzos
 Pepinos agridulces
 Pepinos em salmuera
 Zanahorias con castañas
 Croquetas de papas
 Arroz blanco
 Lentejas de arroz
 Kibbe de arroz
 Bollitos de papas

Salsas

Salsa de castaña para pollo
 Salsa de sésamo (tahine)
 Salsa remoulade

Douces y Postres

Budín de pan
 Budín de príncipe regente
 Postre de pan negro y manzanas
 Pastelitos rellenos – ma'amoul
 Al massia

Tortas, Tartas y Masitas

Torta de queso con chocolate
 Tarta de ciruela
 Shtrudel de manzana
 Torta aurora

Recetas tradicionales

Knishes de papas
 Knishes de hígado
 Latkes de papas
 Latkes de papa al horno
 Tzimmes de batata
 Sufganiot

PESSACH**- SEDER -****1** Gefilte fish

Caldo de carne con kneidlej
 Pollo relleno con salsa de naranja
 Repollo colorado con manzanas
 Croquetas de papas
 Torta de almendras
 Frutas de época

2 Carpa ou trucha rellena con almendras

Caldo de carne con kneidlej
 Pavo a la polaca
 Repollo colorado con pasas de uva
 Kuguel de matzá con manzanas
 Merengue de limón

3 Gefilte fish

Sopa pascal dayenu
 Cordero asado de Pésaj
 Arroz con almendras y pasas
 Coliflor con harina de matzá
 Arrollado de damasco

Budin de manzanas

4 Gefilte fish al horno

Caldo de pollo con kneidlej de almendras
 Asado de ternera
 Fritura de banana
 Kuguel de papas
 Torta de nueces
 Frutas de época

5 Sopa de habas

Ensalada de zanahoria y ensaladas verdes
 Pollo con aceitunas
 Arroz con azafrán
 Tarta de Pésaj con relleno de ciruelas

6 Pescado a Bujara

Pollo con frutas desecadas
 Arroz blanco

Comidas Diárias**1** Borsh de carne

Pollo gan eden
 Latkes de papa y matzá
 Ensalada de pepinos
 Budín de matzá

2 Sopa de palta

Pollo con relleno de matzá y nueces
 Copetes de remolacha con naranja
 Cholent de matzá

Frutas de época

3 Huevos con cebolla

Carpa ou trucha oriental
 Papas hervidas
 Creppes suzettes de Pésaj
4 Sopa con bollitas de huevo
 Cordero al limón
 Torta de espinaca con matzá
 Membrillo al horno

5 Paté de hígado a la Dina

Pollo con relleno de matzá
 Panqueques de zanahoria
 Citrus nut kaesel

6 Pitchai o jolodetz

Pollo con relleno de matzá
 Panqueques de zanahoria

7 Jolodetz

Yarkoie
 Torta de naranja

8 Gefilte fish

Gallina al horno con miel
 Latkes de berenjenas
 Torta con relleno de bananas

9 Hígado de pollo picado

Sopa verde de papas
 Ternera con salsa de almendras
 Kneidlej
 Budín de naranja

10 Lenguado con almendras

Pollo ou costillas de cordero con cebolla y ciruelas
 Arroz blanco
 Torta de manzanas

Cenas Levianas**1** Mina de carne

Buñuelos de matzá e manzanas
2 Blintzes de carne

Frutas de época

3 Mina de pollo

Compota de frutas

4 Mina de espinacas o acelga

Jremzlej rellenos

5 Mina de puerro

Budin de ricota

6 Kuguel de matzá salado

Torta con relleno de duranzo

7 Champignons con queso al horno

Blintzes de queso de Pésaj
8 Mina de papas
Torta de ricota

9 Membrillo relleno
Torta de nueces y manzanas

SHABAT**Entradas**

Huevos con cebolla
 Pasta de huevos y nueces
 Paté de hígado a la Dina
 Pasta de hígado
 Berenjenas con mayonesa
 Arenques mariandos
 Pescado escabechado ao cofiac
 Jolodetz
 Klops
 Albóndigas de puerro con carne
 Kibbe neye
 Mahins de hígado
 Pepinos rellenos
 Ensalada de carne

Sopas

Caldo de gallina
 Caldo de carne
 Caldo de cordero
 Borsht a la rusa
 Sopa de pollo con garbanzos
 Chlof
 Sopa adas
 Beda b'lemune
 Sopa yemenita
 Kneidlej

Pescados

Pescado relleno
 Pescado al horno
 Cibech de pescado

Aves

Yarkoie
 Pollo con paprika y limón
 Pollo con cebolla y ciruelas
 Pollo con aipo
 Croquetas de pechuga de pollo
 Huevos con carne

Carnes

Esik fleish
 Yarkoie de carne
 Pajarilla rellena

Spondre
 Pastel de carne
 Fillones de caracú a la turca
 Carne con berenjenas estilo rodesli
 Revuelto de ternera y berenjenas y arroz
 Kwoucha
 Albóndegas tunecinas
 Arvejas con carne y arroz

Pastas

Arrollado de repollo
 Empanadas de zapallo amarillo
 Milina
 Timballo de tagliatelle
 Masitas de cebolla
 Pletzaj de cebolla
 Beigalj

Guarniciones

Zapallitos rellenos
 Porotos blancos con manzanas
 Asche

Salsa

Jrein con remolacha

Doces y Postres

Budín de pan
 Baklava
 Tishpishti
 Budín de fideos
 Compota de ciruelas

Tortas, Tartas y Masitas

Torta de sacher
 Torta con jalea
 Tarta de manzanas

Recetas Tradicionais

Bajch
 Cholent
 Kashe
 Kische
 Jalá
 Tzimmes de garbanzos
 Varenikes
 Pilaf

ANEXO IV - IMAGENS

G. BERNARD & V. WEILL

- 29 -- LARGO DO ROSARIO -- 29

CAMPINAS.

Recebem directamente da Europa, por todos os paquetes, as mais modernas fazendas de seda, lã, cassa, etc., vendendo-as pelos preços do Rio de Janeiro.

Todos os artigos de modas, toucados, etc., para senhoras.

Completo sortimento de Roupa Feita.

Chapéos para homens, senhoras, meninos e meninas.

Tem sempre um grande sortimento de objectos de phantasia, proprios para presentes, ornatos de mesa, etc.

Grande variedade de ESPELHOS, de todos os tamanhos, com riquissimas molduras.

Papel, envelops, cartões de visita, e objectos de escriptorio.

Brinquedos para criança.

RICO SORTIMENTO

de joias, relogios, correntes, medalhas, etc.

Mandam vir da Europa, mediante rasoavel commissão, toda e qualquer encommenda

Figura 1: "G. Bernard & V. Weill". In LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.



Figura 2: "Leon Hertz, Celestine Hertz e Louis, em 1871". In: WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *Guia Histórico da Comunidade Judaica de São Paulo*. São Paulo: Editora B'nei B'rith S/C, 1988, pp. 38.

LEON HÉRTZ

27--RUA DO ROSARIO--27

Neste estabelecimento encontra-se sempre um bonito e variado sortimento de jóias, brilhantes, prata e relógios, assim como fazendas finas e objectos de phantasia, o que ha de mais moderno neste genero.

CAMPINAS

Figura 3: "Leon Hertz". In. LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

LEON HERTZ

27--RUA DO ROSARIO--27

CAMPINAS

Esta casa recebe todos os mezes novos, ricos e completos sortimentos dos seguintes artigos :

Relogios de ouro e prata.

Correntes dos mesmos metaes.

Brincos, pulseiras, anneis, alfinetes, com e sem brilhantes.

Medalhões para retratos.

Faqueiros de prata, castiças, paliteiros, salvas, etc.

E todas as diversas joias dos mais ricos e modernos gostos.

Completo sortimento de fazendas de todas as qualidades.

Todos os artigos de modas para homens e senhoras.

Objectos de phantasia.

Charutos de superior qualidade.

Seus preços são muito modicos e os seus generos os mais escolhidos.

LEON HERTZ
46-RUA DO ROSARIO-46
CAMPINAS

Esta casa recebe todos os mezes novos, ricos e variados sortimentos dos seguintes artigos:

Relogios de ouro e prata—Correntes dos mesmos metaes—Brincos, pulseiras, anneis, alfinetes, com e sem brilhantês—Medalhões para retratos—Faqueiros de prata, castiçaes, paliteiros, salvas, etc.—E todas as diversas joias dos mais ricos e modernos gostos.

Completo sortimento de fazendas de todas as qualidades—Todos os artigos de modas para homens e senhoras—Objectos de phantasia—Chapéos—Charutos de superior qualidade.

Preços commodos

Figura 5: "Leon Hertz". In LISBOA, José Maria (org.). *Almanak de Campinas para 1873*. Anno III. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

CAMPINAS

A' BOTA DE OURO

**O maior deposito de cal-
cado nacional e
estrangeiro**

Barrere & Irmão

proprietarios desse anti-
go e acreditado estabele-
cimento, teem sempre
grande e novo sortimen-
to de calçado e couros,
que vendem por precos
razoaveis.

— «» —

Na mesma casa encon-
tram-se artigos propios
para viagem.

Grande officina anne-
xa ao estabelecimento.

CAMPINAS

21-Rua Direita-21

Canto da da Cadeia

Figura 6: "Á Bota de Ouro". In. SILVA, Hypolito da (org.). *Almanach Popular para o anno de 1878: contendo diversos artigos de interesse geral, e uma parte noticiosa, litteraria e recreativa*. Primeiro Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

CASA EM PARIZ

RUE DE PARADIS POISSONNIERE-11.

Weill Frères

RUA DO COMMERCIO-36

CAMPINAS

Temos sempre um grande sortimento de fazendas das ultimas modas de Pariz. Assim como : roupas feitas e camisas para homens e meninos. Tendo nossa casa socio em Pariz para fazer especialmente as nossas compras, estamos habilitados a vender tudo por preços muito moderados.

36-Rua do Commercio-36

CAMPINAS

Figura 7: "Casa em Paris". In: SILVA, Hypolito da (org.). *Almanach Popular para o anno de 1878: contendo diversos artigos de interesse geral, e uma parte noticiosa, litteraria e recreativa*. Primeiro Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

A' BOTA DE OURO

Barrêro & Irmão

RUA DIREITA

ESQUINA DA

RUA DA CADEIA

Este importante estabelecimento de calçado acha-se em condições de vender mais barato que outro qualquer visto que recebe seu sortimento directamente da Europa. Alem disso, possui sempre o mais completo sortimento de calçado nacional e estrangeiro, para homens, senhoras e crianças, taes como :

- Sapatos de todas as qualidades para homens e senhoras.
- Botinas de verniz, bezerro, Meirés, Cordovão, Liard, Queiroz, etc., etc.
- Botas de couro da Russia.
- Mallas para viagem.
- Canastras para roupa.
- Chinellos de todas as qualidades com salto e sem elle.

Completo sortimento de couros

AOS NOSSOS FREGUESES

Quer nos parecer que o longo tempo durante o qual temos negociado, é uma garantia sufficiente de que nos achamos habilitados a dar ás suas ordens o melhor desempenho, servindo-os sempre bem tanto em preços como em qualidade.

CAMPINAS

Figura 8: "Á Bota de Ouro". In. FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da (orgs.). *Almanach Popular de Campinas para o anno de 1879: contendo além do kalendario e diversos artigos de interesse geral, uma miruciosa secção de notabilidades profissionaes, commerciaes e industriaes de Campinas*. Segundo Anno. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1878.

Enxovaes para casala

CHARLES LEVY & C.

36-Rua do Commercio-36

CAMPINAS

CASA EM PARIS

RUE DE LANGRY-47

Recebem mensalmente as mais altas
novidades de Paris

Encarregam-se de qualquer
encomenda para Europa
com modica commissão.

Sedas

ROUPAS BRANCAS

Casemiras e brins

Figura 9: "Charles Levy & C.". In. BARCELLOS, Henrique de (org.). *Almanach do Correio de Campinas para 1886*. Campinas: Typographia a vapor do Correio de Campinas, 1885.

GRANDE CASA DE JOIAS



OFFICINA DE RELOJUEIRO

ALBERTO ISRAEL

58 A-Rua Barão de Jaguará--58 A

(Nos baixos do palacete do sr. Luiz de Pontes Barbosa)

Completo sortimento de bijouteria
joalheria e

RELOJOARIA

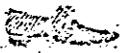
IMPORTAÇÃO DIRECTA

DA

EUROPA

CAMPINAS

Figura 10: "Grande Casa de Joias". In: CARDONA, Francisco; ROCHA, José (orgs.). *Almanach de Campinas (Litterario e Estatistico) 1892*. Anno I. Campinas: Typographia Cardona, s.d.

LÉON HERTZ
 COM
GRANDE DEPOSITO
 DE
 CALÇADOS 
NACIONAES
 E
 EXTRANGEIROS 

E dos legitimos vinhos Bordeaux e outras marcas
 ATACADO E A VAREJO
 Couros, artigos de viagens, impermeaveis
 Mackentacho
 PREÇOS SEM RIVAL
 38-RUA BARÃO DE JAGUARA--38
CAMPINAS

Figura 11: "Léon Hertz". In. CARDONA, Francisco; ROCHA, José (orgs.). *Almanach de Campinas (Litterario e Estatico)* 1892. Anno I. Campinas: Typographia Cardona, s.d.

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE EUROPA

Grande Casa de Joias

ERNESTO ISRAEL

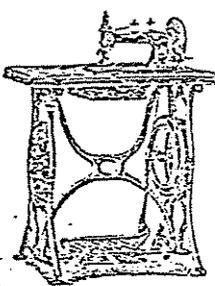
OFFICINA DE RELOJOEIRO

Grande sortimento de

Bijouteria, Joalheria e Relojoaria.

Campinas Rua Barão de Jaguará, 25-a

Figura 12: “Grande Casa de Joias”. In. LADEIRA, José M.; OCTAVIO, Benedicto (orgs.). *Almanach de Campinas para 1908: contendo, além do calendário, a monographia de Campinas, informações uteis, relação das casas de commercio da cidade e dos bairros, etc.* Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1907.



Francisco Hoffmann

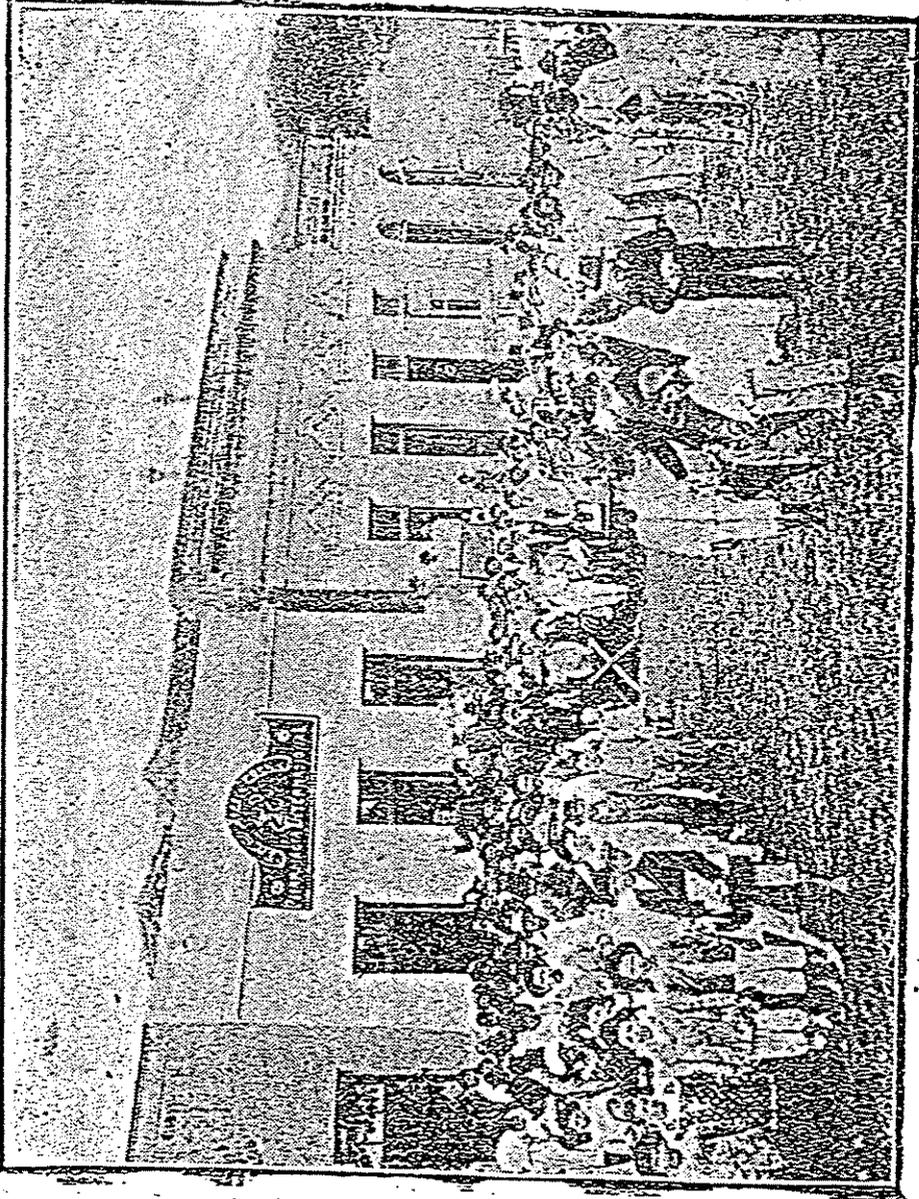
Concerta machinas de costura, machinas de
escrever, grammophones, etc.

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Osorio N. 115-C ☞ CAMPINAS

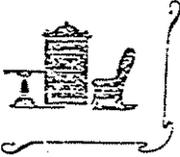
Figura 13: "Francisco Hoffmann". In: OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.). *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas – 1912*. Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1911.

Pharmacia Internacional  Emilio José Stock 
 IMPORTADORA JAGUABY
 ABRE-SE A QUALQUER HORA DA NOITE ESTADO S. PAULO BRASIL



Dia da inauguração da Pharmacia Internacional - Photographia tirada em 6 de Julho

Figura 14: "Pharmacia Internacional". In: OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.). *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas - 1912*. Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1911.



A CONFIANÇA
 Casa de Moveis
 DE
J. GELMAN, A. RADE & COMP.

Casa Matriz : Rua 13 de Maio, 46 e 48 ☞ CAMPINAS
 TELEPHONE. 842 — CAIXA DE CORREIO N.

Filiaes : Jundiahy - Rua do Rosario, 45 ☞ Rio Claro Rua 3 n. 55

Vende-se: Relogios, Tapetes, Cortinados de portas e janelas,
 Colchas, Toalhas para mesa, Quadros,
 Espelhos, Mobílias, Camas e Gramophones

CAPAS DE BORRACHA E DE SEDA ☞ TERNOS DE CASEMIRA, ETC.

Vendas em prestações semanaes, mensaes e á vista

Figura 15: "A Confiança". In. OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.).
Almanach Histórico e Estatístico de Campinas: 1914. Campinas: s.e., 1913.

GRANDE PRIX PARIS-1900

GRAND PRIX Paris 1900

OMEGA 1^o Premio
NAS
EXPOSICOES

OR. ARGENT. ACIERE. NICKEL
Toutes Grandeurs

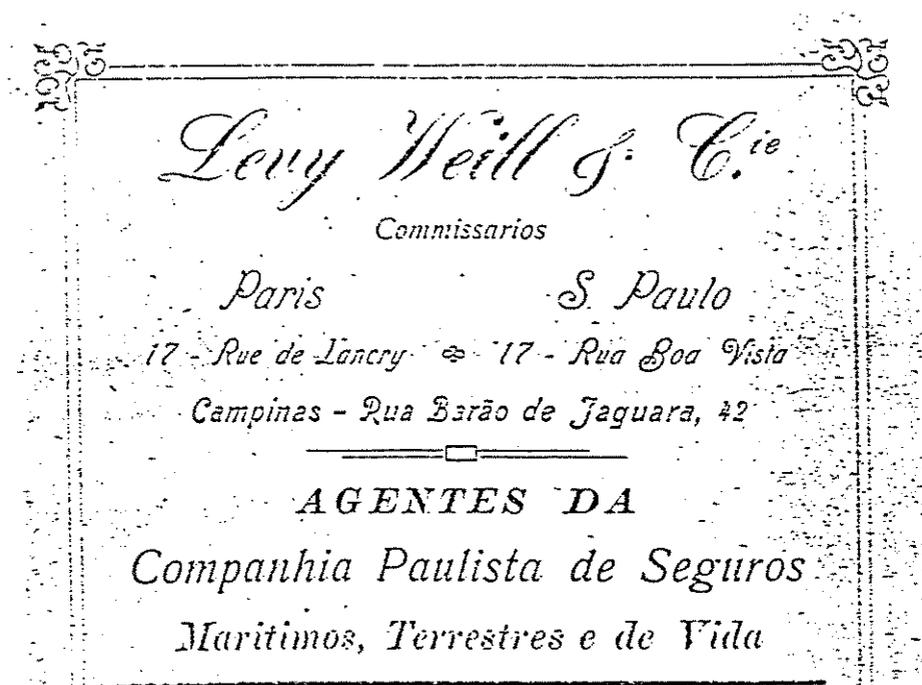
PARIS 1899 - MILAO 1890
GENOVA, 1896 - BRUXELLAS 1897

Deposito permanente em ouro,
prata, nikel, aco, etc. de todas as dimensoes

CASA ISRAEL
Unica depositaria em Campinas

Rua Barão de Jaguará, 25-A
TELEPHONE N. 491 - CAIXA N. 53

Figura 16: “Grande Prix Paris – 1900”. In. OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.). *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas: 1914*. Campinas: s.e., 1913.



Levy Weill & C.^{ie}
 Commissarios

Paris *S. Paulo*
17 - Rue de Lancry *17 - Rua Boa Vista*
Campinas - Rua Barão de Jaguará, 42

AGENTES DA
Companhia Paulista de Seguros
Maritimos, Terrestres e de Vida

Figura 17: "Levy Weill & C.^{ie}". In: OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (orgs.). *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas: 1914*. Campinas: s.e., 1913.



Figura 18: “Stellinha Epstein”. In. *A Onda*. Anno 3. Número 49. Campinas, 29 de julho de 1923. Capa.

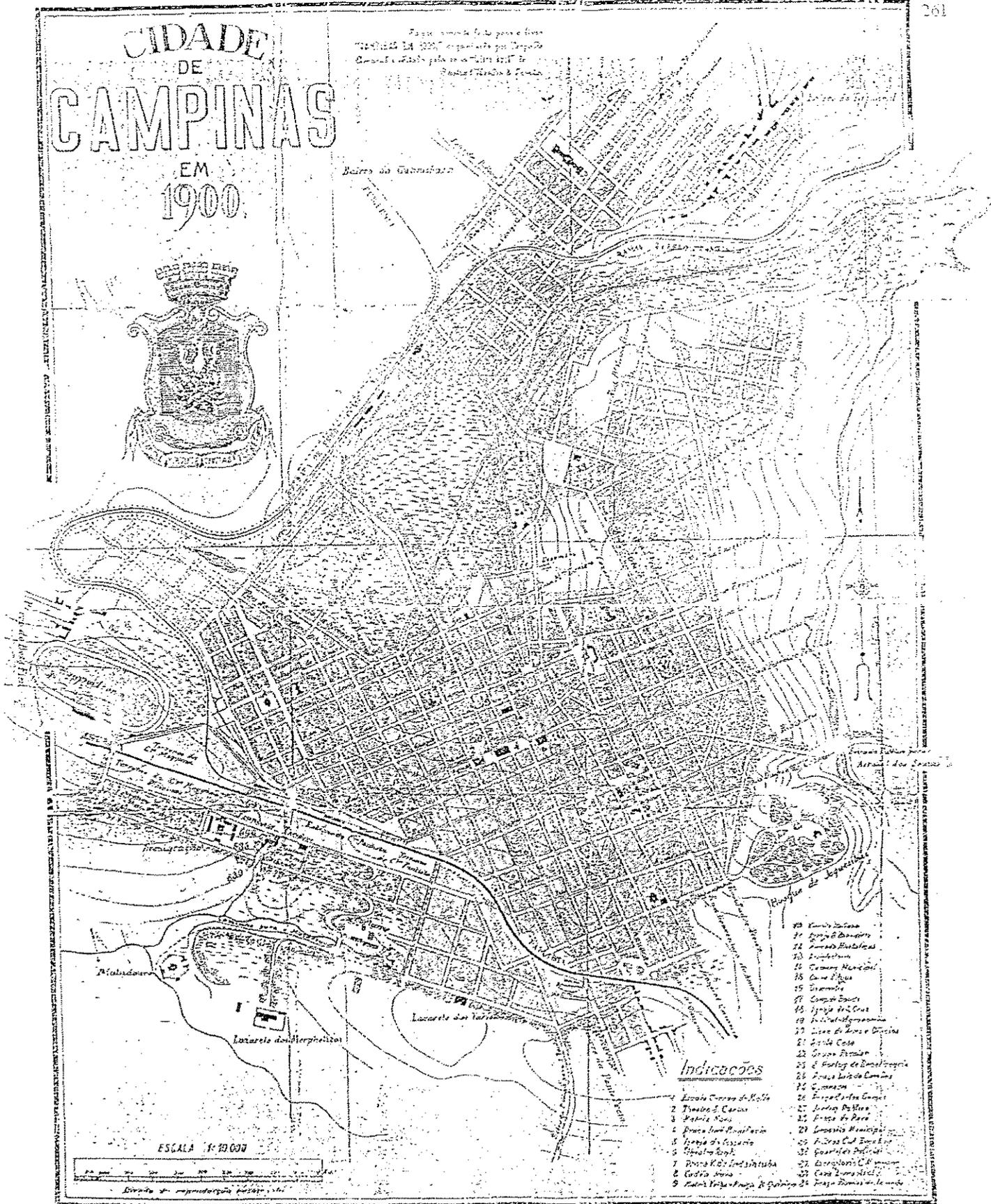


Figura 35: "Mapa da Cidade de Campinas, 1900". In: AMARAL, Leopoldo. *A Cidade de Campinas em 1900*. Campinas: Castro Mendes e Irmãos, 1899, s.p.